



CAPITAL BARULHENTA

Denúncias de poluição sonora são as campeãs na Semam-JP

“Paredões” e bares lideram registros; no estado, em 2022, foram quase 40 mil queixas na PM. *Página 3*



Foto: Marcos Russo

Começa o “esquenta” para o Maior São João do Mundo

A menos de um mês para o início da festa, quadrilhas juninas que concorrem a prêmios intensificam os ensaios e fazem últimos ajustes nas coreografias. *Página 5*

Parkinson atinge 10 mil na PB, estima neurocirurgião

Emerson Magno diz que pessoas com menos de 60 ou 50 anos também já sofrem com a doença.

Página 4

Histórias de “fantasmas” despertam curiosidade

Piano tocava sozinho no Theatro Santa Roza, e mulher de branco faria aparições em Fortaleza de Cabedelo.

Página 6

Foto: Arquivo pessoal



Planos de saúde aquecem mercado pet na capital

Alguns tutores, como George Lucena (foto), gastam milhares de reais por ano, e saída é adotar um plano.

Página 17

Esquadrão Antibombas da PM atende a 50 chamados por ano

Comandante diz que evolução das táticas empregadas por criminosos impõe constante treinamento de pessoal, para aperfeiçoamento das técnicas empregadas.

Página 7

Foto: Polícia Militar



■ “A repercussão e o tempo de uma obra artística resistem na própria obra, na sua afinidade com o gosto da época ou na superação desses limites”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “A psicologia liberal nos convida a ser quem ‘verdadeiramente somos’, como se existisse um eu fora do processo de viver”.

Estevam Dedalus

Página 10

Foto: Roberto Guedes



Memórias

Frutuoso Chaves fez “escola” em *A União* e virou referência

Quando se fala em bom texto, não tem como não citar seu nome. Ele começou como simples funcionário de apoio e se tornou um grande jornalista.

Páginas 14 e 15

Jaguaribe Carne traduz a vanguarda musical na Paraíba

Os irmãos Pedro Osmar (E) e Paulo Ró (D) relembram o disco que se transformou em documento histórico.

Página 9



Foto: Rafael Passos/Divulgação

Editorial

Destino turístico do país

A Paraíba tem se notabilizado cada vez mais como um destino turístico para habitantes de demais estados do Brasil e até mesmo de outros países. Isso se deve, sobretudo, às ações do Governo do Estado em infraestrutura, segurança e ampliação da divulgação dos nossos principais polos turísticos. A participação da população também tem sido fundamental para essa nova realidade. Afinal, somos um povo naturalmente acolhedor, com diversos talentos nos campos artísticos, esportivos e intelectuais e isso atrai, também, as atenções da mídia nacional para o nosso estado.

No que toca à participação do governo, mais uma boa notícia. A de que operadores de viagem do Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai tiveram a oportunidade de conhecer melhor o Destino Paraíba numa das mais importantes feiras de turismo e negócios do Brasil: a BNT Mercosul, acontecida esta semana em Balneário Camboriú, Santa Catarina.

O presidente da PBTur, a Empresa Paraibana de Turismo, Ferdinando Lucena, destaca que o órgão do governo já tem *know how* de participar desse evento, que acontece há 29 anos. Entre os “produtos” da Paraíba que encantam os turistas, estão o sol e mar em abundância, já que temos um dos mais belos e diversificados litorais do país.

A secretária de Turismo e Desenvolvimento Econômico, Rosália Lucas, aponta o investimento na capacitação de operadores regionais, divulgando os destinos e potencialidades também do interior paraibano, sem deixar de inovar e projetar a imagem do nosso Litoral, que é tão apreciado pelo público do Sul e dos países vizinhos.

De fato, a Paraíba tem uma gama de variedades no turismo que vai além das praias e do litoral. Entre elas, podemos citar o Centro Histórico de João Pessoa, um dos mais antigos do país; o Centro Cultural São Francisco; a cidade de Campina Grande, uma das maiores do Nordeste, com belos cartões postais, como o Açude Velho, com seu potencial empreendedor; a Baía da Traição, com sua reserva indígena; o pôr do sol no Jacaré: a Pedra da Boca, em Araruna; as praias do Conde; além de municípios como Areia, Bananeiras, Cabaceiras e outros, onde há atrações para todos os gostos. Do turismo de aventura, ao turismo religioso, cultural ou histórico.

O evento realizado em Balneário Camboriú reuniu profissionais de turismo para a realização de negócios entre fornecedores e compradores do Brasil e da América do Sul, criando um cenário ideal para quem pretende divulgar destinos, fechar negócios e fazer contatos comerciais. Essa foi a 29ª edição do evento, acontecendo pela primeira vez no Expocentro Balneário Camboriú Júlio Tedesco, considerado o maior e mais moderno do sul do país. A Paraíba não podia ficar de fora e deixar de expor o porquê de ser um dos melhores destinos turísticos do país hoje.

Artigo

Rui Leitão
ruileitao@hotmail.com

A Constituinte de 1891

Em 15 de novembro de 1889, o Brasil deixava de ser a única monarquia das Américas, quando proclamada a República. Exatamente um ano após, reuniu-se no antigo Palácio Imperial da Quinta da Boa Vista, a Assembleia Nacional Constituinte, eleita por sufrágio direto, com o objetivo de elaborar a nova Carta Magna que substituiria a Constituição Imperial, outorgada em 1824. Aprovada em 1891, a nova Carta ratificava o republicanismo e definia o presidencialismo como sistema de governo.

Uma mudança considerada de muita importância, até pela afirmação do seu caráter democrático, foi no que se referia ao sistema eleitoral, substituindo o voto censitário, que exigia comprovação de renda mínima dos eleitos, pelo sufrágio universal, estendendo o direito ao voto a todos os cidadãos alfabetizados, maiores de 21 anos de idade. No entanto, não contemplava esse direito às mulheres, merecendo, por isso, muitas críticas. Todas as emendas apresentadas, que tratavam do tema, não conseguiram aprovação. Foram igualmente excluídos da vida política nacional, soldados, cabos e sargentos, mendigos e religiosos de ordem que impunha a renúncia à liberdade individual.

Outra grande novidade da primeira Constituição Republicana foi a adoção do Estado laico, promovendo, oficialmente, a separação entre o governo e a Igreja, estabelecendo a secularização dos cemitérios, a obrigatoriedade do ensino leigo em escolas públicas e o reconhecimento do casamento civil. A religião católica deixou de ser a oficial no país, de modo que fosse respeitado o culto a outras religiões.

Não obstante alguns avanços conquistados, a maior parte da população permaneceu fora do jogo político, ganhando características de um liberalismo excludente. Os estados exportadores foram fortalecidos, assegurando o controle da elite agrária sobre a máquina administrativa, econômica e política do Brasil.

Indiscutivelmente, a figura mais brilhante da Constituinte de 1891, foi Rui Barbosa. Responsável pela elaboração do projeto da Carta, recebeu a aprovação quase sem debates, em razão da perfeição e o alto

espírito de patriotismo apresentado em cada um dos seus artigos. Enfrentou com coragem os conservadores ligados a Deodoro da Fonseca, impedindo que prejudicassem o liberalismo do projeto.

Na Paraíba a chapa apoiada pelo governador Venâncio Neiva foi vitoriosa, tendo como parlamentares constituintes os senadores, Almeida Barreto, João Neiva e Firmino Gomes da Silveira, e como deputados federais, o pintor Pedro Américo, Epitácio Pessoa, o cajazeirense Joaquim do Couto Cartaxo, o médico sousense João Batista de Sá Andrade e Joaquim da Silva Retumba. O senador João Soares Neiva integrou a Comissão especial de 21 membros, incumbida de dar o parecer sobre o anteprojeto do governo provisório, contendo a aprovação ou rejeição das emendas apresentadas pelos parlamentares.

Em 24 de fevereiro de 1891, assim se expressaram os constituintes: “Nós, os Representantes do Povo Brasileiro, reunidos em Congresso Constituinte, para organizar um regime livre e democrático, estabelecemos, decretamos e promulgamos a seguinte Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil”. Foi a nossa Carta Magna vigente por quatro décadas.

“

Outra grande novidade da primeira Constituição Republicana foi a adoção do Estado laico

Rui Leitão

Foto Legenda

Marcos Russo



A natureza ignora o patrimônio

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Bichara e José Vieira

“Por que um autor é consagrado e outro mestre do mesmo ofício é esquecido?” Quem fez a pergunta há muito tempo, com acento forte em “mestre do mesmo ofício”, foi um leitor-escritor de profunda vivência cultural, o saudoso Ivan Bichara Sobreira, intrigado com o desconhecimento do público e a negligência da posteridade letrada em relação às obras do paraibano José Vieira, tornado romancista brasileiro a partir de 1923 com o romance “O Livro de Thilda”.

Num ensaio de 1980, Ivan Bichara tenta responder a essa questão nem sempre de natureza subjetiva, começando por estranhar o sucesso de crítica alcançado ao lançamento da obra de Vieira e o limbo em que, com o tempo, ela inteira foi mergulhada.

“Há nisso, além do problema do temperamento, fatores externos estranhos ao valor das obras literárias?” – insiste o crítico mais tarde, já setentão, realizando-se como ficcionista.

A resposta simplista estaria em que a repercussão e o tempo de uma obra artística resistem na própria obra, na sua afinidade com o gosto da época ou na superação desses limites. Some-se a isto o gosto do grande público e o gosto da elite cultural, colocando em ibopes distintos “Grande Sertão: Veredas” e “Menino de Engenho”, obras maiores da ficção brasileira.

José Vieira teria falhado em sua arte? Sob esse aspecto a falha também teria sido da crítica. Não foram menores, entretanto, os que bem o receberam em seu tempo: Tristão de Ataíde, Grieco, seguidos de Antônio Cândido, Valdemar Cavalcanti, Wilson Martins, Álvaro Lins, Adonias Filho, gente que não admite suspeições.

É espontâneo o entusiasmo de José Lins do Rego quando conheceu José Vieira por indicação de José Américo: “Era estudante quando li no Diário do Estado da Paraíba um artigo de José Américo sobre um livro novo, ‘Sol de Portugal’, de autoria de José Vieira. Era um admirável paisagista aquele que se embriagara com a cor e a luz das terras de Nobre. Nunca lera, a não ser em Eça de Queiroz, trechos mais vivos, mais coloridos sobre as aldeias, os vinhedos, as praias de Portugal”.

José Vieira, que também passou batido,

“

A resposta simplista estaria em que a repercussão e o tempo de uma obra artística resistem na própria obra

Gonzaga Rodrigues

sem propósito, numa das coletâneas de autores paraibanos aprontada pelos novos da nossa melhor crítica literária, já no final dos anos 1980, só numa edição posterior, composta por quase a mesma equipe de “O autor na escola”, é que o mamangapense chegou a ser justificado, desta vez com nota biográfica e visão crítica de Hildeberto Barbosa Filho, sempre dedicado aos valores da terra, consagrados ou não.

Dele, Vieira, cheguei a ler “Cadeia Velha” – Crônica do Velho Senado, que pelo tema e o estilo não deixa de nos lembrar Machado de Assis. Li Pedro Malazarte, reeditado na Paraíba no governo de Ernani Sátiro. Mas não posso criticar com muita autoridade os que, excetuando Ernani e Bichara, venham esquecendo o romancista brasileiro que foi Vieira. Acabamos de editar quatro belíssimas coletâneas abrangendo novos e velhos das nossas letras, um empreendimento cultural do Governo do Estado através de A União, e novamente sobramos em Vieira.

Sabendo dessa importante iniciativa, talvez coubesse a mim, de vínculos já históricos com a editora, lembrar ou sugerir a inclusão de um nome que quase todo dia passo por ele, dado, no governo de Ivan, à escola estadual vizinha ao Espaço Cultural.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

POLUIÇÃO SONORA

PM registra mais de 38 mil ocorrências em 2022 na PB

No 1º trimestre deste ano, o 190 da Polícia Militar já recebeu 11.240 reclamações

Juliana Cavalcanti
 julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

No ano de 2022, foram registradas, através do 190 da Polícia Militar, 39.892 ocorrências de perturbação do sossego em toda a Paraíba. Esses são dados gerais, isto é, que não necessariamente resultaram em ida a delegacia. Já no 1º trimestre de 2023, o órgão obteve 11.240 ocorrências registradas através do 190 no Estado.

De acordo com o tenente Aguiar, do Batalhão de Polícia Ambiental da Paraíba (BPAMB), os sons em veículos (paredões) e estabelecimentos comerciais (bares) são os ruídos mais comuns constatados nas fiscalizações do Batalhão Ambiental.

O mesmo fato é reforçado pelo chefe da Divisão de Fiscalização (Difi) da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), capitão Aragão. “A poluição sonora mais comum constatada nas fiscalizações são aquelas provenientes de fontes sonoras automotivas. Ou seja, equipamentos sonoros acoplados a veículos automotivos. Assim como estabelecimentos, em sua maioria bares, com uso de som mecânico ou ao vivo”.

Na capital paraibana, especificamente, a Divisão de Fiscalização da Secretaria de Meio Ambiente (Semam) da Prefeitura de João Pessoa recebeu entre os meses de janeiro e março de 2023, 1.046 denúncias. Deste número, 610 foram de poluição sonora.

A Semam-JP identificou ainda que os bairros com



Foto: Arquivo

Equipamentos sonoros acoplados a veículos automotivos também são fiscalizados pelos órgãos competentes

maior incidência de registros de poluição sonora são da zona leste, como Cabo Branco, Manaíra, Tambaú, Jardim Oceania e Bessa. Na zona sul, o bairro do Geisel aparece em primeiro lugar, seguido por Bancários, Mangabeira e Valentina.

A emissão de ruídos é tratada pela Resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama) nº 001/90. Esta resolução trata que os níveis sonoros permitidos devem ser observados na NBR 10151, que por sua vez discrimina os níveis sonoros por área (residencial, recreacional, industrial, etc.) e por período (diurno ou noturno).

Em relação à poluição sonora, o tenente explica que é possível tratar em dois aspectos: o primeiro quando não há a utilização do sonômetro para caracterização da

poluição e o outro quando é a poluição é confirmada por esse aparelho. “No primeiro caso, se trata de um crime de menor potencial ofensivo, não havendo a lavratura da multa. No segundo, além da apreensão do equipamento sonoro também há a lavratura da multa que, nesse caso específico, inicia em R\$ 5 mil”, detalhou.

A Lei nº 9605/98 trata do crime de poluição sonora e o decreto nº 6514/08 aborda a aplicação de multa. Sobre os níveis de decibéis para a área em que a fonte emissora se encontra, utiliza-se a NBR 10.151/2019 que estabelece os procedimentos técnicos a serem adotados na execução de medições de níveis de pressão sonora em ambientes internos e externos à fonte emissora. “Os limites de níveis de pressão sonora são divididos

por áreas, em períodos diurnos e noturnos, conforme a tabela três da norma”, pontuou o representante da Sudema.

Capital

A Semam-JP identificou ainda que os bairros com maior incidência de registros de poluição sonora são Cabo Branco, Manaíra, Tambaú, Jardim Oceania e Bessa, Geisel, Bancários, Mangabeira e Valentina

Fiscalização é intensificada em feriados

De acordo com o capitão Aragão o trabalho da Divisão de Fiscalização da Sudema contra a poluição sonora ocorre por meio de denúncias feitas pelo plantão da Difi ou por processos motivados por órgãos ministeriais, denúncias, ou ordens de operação conjunta com a Polícia Militar da Paraíba (PMPB) que, neste caso, incluem outros batalhões além do Batalhão Ambiental. Ainda pode ocorrer por iniciativa da equipe. “Esse trabalho de fiscalização se intensifica em feriados e datas comemorativas, como

Carnaval, veraneio, São João, entre outros”, completou.

O tenente do BPAMB, por sua vez, acrescentou que o trabalho do Batalhão Ambiental em relação a poluição sonora acontece tanto após denúncias, quanto por operações planejadas. “As denúncias que atendemos são as noticiadas através do 190. Para as operações, existe a Operação Sossego que visa coibir e reprimir a prática desse tipo de delito na região”, observou o integrante do BPAMB.

A Operação Sossego não possui data para ocorrer. Nor-

malmente, ela é desencadeada de sexta à domingo, com o objetivo de combater a poluição sonora. “Esse tipo de operação ocorre principalmente na Região Metropolitana de João Pessoa. Mas, essa questão dos ruídos é um problema generalizado”, aponta o tenente.

Já as denúncias podem ser feitas nos canais da Sudema e também através da Polícia Militar. Os contatos para denúncias na Sudema são: (83) 3218-5591 ou (83) 98844-2191.

Caso seja constatada alguma irregularidade, é lavrado um auto de infração

(multa), cujo valor arbitrado varia entre R\$5 mil e R\$50 milhões a depender do flagrante, respeitando, as causas previstas para a aplicação da pena. “Além disso, é feita a apreensão de todo o equipamento sonoro. No caso do equipamento sonoro não ser desacordado com facilidade do veículo, este também é apreendido. Todo o equipamento fica sob tutela da Sudema. Ainda, é feita a condução do infrator para a delegacia, para a averiguação penal do fato”, esclareceu capitão Aragão.

Dia do Silêncio é comemorado hoje

Hoje, 7 de maio, é celebrado o Dia do Silêncio, data cujo objetivo é conscientizar as pessoas dos problemas relacionados à poluição sonora, como prejuízos à saúde e à qualidade de vida. Não existe consenso sobre a origem deste dia, mas acredita-se que tenha surgido inspirada pelas práticas milenares da meditação e por essa razão, também propõe que os indivíduos possam separar uns minutos durante o dia para o total silêncio.

Conforme o otorrinolaringologista, Marcus Sodré, a audição é um importante sentido para o ser humano, pois o ajuda

no trabalho, relacionamentos e na comunicação. “Por isso, nós devemos cuidar e zelar, para manter o seu funcionamento integral e adequado”.

No entanto, muitos ruídos podem prejudicar às pessoas como o barulho agudo (brusco, como explosões), como também o barulho frequente em determinadas atividades, a exemplo das pessoas que trabalham com máquinas como britadeiras, além da tecelagem ou mesmo os jornalistas (por conta dos fones de ouvido). “Entre os barulhos da profissão, existem ainda aqueles presentes com

quem trabalha com som, em casas de shows ou trios elétricos. São as pessoas da área da música que convivem com barulhos frequentes que não precisam ser tão altos, mas ocorrem ao longo de muito tempo e são ruídos prejudiciais”, ressalta o médico.

Ele acrescentou ainda que é preciso atenção durante as atividades do dia a dia, dentro de casa. “Um aspirador de pó com um nível de decibéis muito alto (decibel é a medida que mede o som) é um exemplo. Se você está com um aspirador de pó com um volume alto, um som

muito agudo, deve colocar um protetor de ouvido”, aconselha.

Outro problema, segundo Marcus Sodré, é a utilização prolongada de fones de ouvido geralmente com volume elevado. “Essa pessoa muitas vezes passa horas escutando música, como um som mais pesado como o rock ou músicas mais estridentes. Isso vai causar uma exposição frequente que vai provocar um desgaste, uma inflamação no nervo auditivo direito e no nervo auditivo esquerdo, através da agressão que acontece nas células da cóclea”.

UN Informe

Ricco Farias
 papiroeletronico@hotmail.com

HUGO MOTTA: “TEMOS MUITA CLAREZA QUE O CAMPO QUE VAMOS ATUAR É AO LADO DO GOVERNADOR”



Foto: Câmara dos Deputados

Na eleição do ano passado, a oposição tentou ‘seduzir’ o Republicanos no segundo turno da eleição. Porém, como sabemos, não logrou êxito e o partido se manteve no rol de aliados de João Azevêdo (PSB) e foi importante para o projeto de reeleição do governador. Agora, com a antecipação do debate sobre as eleições de 2024, que será um pleito relevante para as pretensões dos atores políticos que irão disputar cargos eletivos em 2026, o aceno da oposição ao partido de Hugo Motta (foto) tem recrudescido, podemos assim dizer. Recentemente, o senador Efraim Morais fez movimento similar ao que ele e Pedro Cunha Lima (PSDB) realizaram em 2022, sugerindo que Hugo Motta migrasse para a oposição com o fito de ser candidato ao Senado. Porém, em entrevista a uma rádio, o presidente do Republicanos foi enfático: “Não temos interesse de mudar de campo. Temos muita clareza que o campo que vamos atuar politicamente é ao lado do governador”, disse.

PERDA DE CAPITAL POLÍTICO

O ex-presidente Bolsonaro (PL) é investigado em vários inquéritos no STF cujo teor é muito mais sério, em termos penais, do que o recente escândalo da falsificação de cartões de vacinação e das joias dadas pelo governo saudita e que ele, supostamente, teria tentado incorporar ao seu patrimônio. Porém, são esses casos mais brandos, digamos assim, que tem lhe retirado capital político.

AINDA NÃO SE PRONUNCIOU

E por falar no escândalo da adulteração dos cartões de vacinação de Bolsonaro, de sua filha e de assessores próximos ao ex-presidente, uma pergunta se impõe: o que teria a dizer sobre essas acusações da Polícia Federal o ex-ministro da Saúde, Marcelo Queiroga? As falsificações teriam ocorrido quando de sua gestão à frente da pasta. O ex-ministro não se pronunciou ainda sobre o caso.

“FOCO É NO TRABALHO”

“Meu foco é no trabalho, vou fazer a minha parte. O tempo é que vai dizer [o que poderá acontecer]”. Do vice-governador da Paraíba, Lucas Ribeiro (Progressistas), ao ser indagado sobre a possibilidade de vir a assumir o Governo do Estado na hipótese de o governador João Azevêdo ser candidato a senador, em 2026.

BOA VENTURA VAI ÀS URNAS HOJE

Hoje, ocorrerá as Eleições Suplementares para os cargos de vereador do município paraibano de Boa Ventura. O pleito ocorrerá em função da cassação dos vereadores do Republicanos, por decisão da Justiça eleitoral, que considerou ter havido a prática de abuso de poder econômico na eleição de 2020. No pleito de hoje, estão concorrendo 20 candidatos dos partidos PSDB, MDB, Cidadania, Solidariedade e Republicanos.

PARA ASSUMIR A PRESIDÊNCIA

Para que o presidente da Câmara Municipal de João Pessoa, Dinho Dowsley (Ávante), se filie ao União Brasil, a cúpula partidária lhe oferece ‘tapete vermelho’, com direito a assumir a presidência da legenda em João Pessoa. O partido tem feito investidas para fortalecer seus quadros com vistas às eleições do próximo ano. Além de Dinho, a direção tem reiterado o convite ao prefeito de Campina Grande, Bruno Cunha Lima, atualmente filiado ao PSD.

“CONSÓRCIO DESEMPENHOU PAPEL EXTRAORDINÁRIO”, DIZ JOÃO AZEVÊDO

Após o resultado extremamente positivo para os estados nordestinos na reunião do Consórcio Nordeste com o ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira – a pasta investirá R\$ 56 bilhões em energias renováveis –, o governador João Azevêdo elogiou a atuação do colegiado do qual é presidente: “Foi concebido exatamente para construir soluções conjuntas para os nove estados. Nos últimos quatro anos, o Consórcio desempenhou um papel extraordinário, consolidando propostas e compartilhando ideias exitosas”.

Emerson Magno

Neurocirurgião funcional

“Na Paraíba, casos de Parkinson podem chegar a 10 mil”



Neurocirurgião do Metropolitano alerta que tem sido comum pessoas com menos de 60 anos com diagnóstico

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Considerada a segunda doença neurodegenerativa mais comum no mundo, a Doença de Parkinson atinge 1% da população do planeta. No Brasil, estima-se que existam 200 mil pacientes diagnosticados e na Paraíba os casos suspeitos podem chegar a 10 mil. Incurável, a enfermidade atinge, progressivamente, os movimentos do corpo, a fala e a *psiquê* do paciente. Porém, por meio de tratamento medicamentoso, fisioterapia, fonoaudiologia, terapia e, em algumas vezes, cirurgia, o doente pode minimizar o impacto dos sintomas no seu dia a dia. Para falar sobre o diagnóstico, fatores de risco, tratamento e outros fatores que atingem o paciente de Parkinson, o Jornal **A União** entrevistou o neurocirurgião funcional e doutor em neurologia pela Universidade de São Paulo (USP), Emerson Magno, que atualmente coordena o ambulatório de neurocirurgia funcional e doença de Parkinson do Hospital Metropolitano Dom José Maria Pires, em Santa Rita. Segundo ele, o Parkinson não é um mal que atinge apenas os idosos. “Apesar de observarmos que ela é muito mais comum na população idosa e tende a se intensificar no decorrer dos anos, pode acometer pacientes mais jovens, com 44, 45 ou 50 anos”, alertou. Confira a entrevista.

A entrevista

■ **Qual a prevalência da Doença de Parkinson no planeta?**

O Parkinson é considerado a segunda doença neurodegenerativa mais comum no mundo, perdendo apenas para a Doença de Alzheimer. Os sintomas são motores e não motores.

■ **Pode descrever melhor esses sintomas?**

Os sintomas motores são aqueles que acabam dando o diagnóstico. Podemos citar a bradicinesia, que é a lentificação nos movimentos; a rigidez das articulações e o tremor. Apesar de o tremor ser o sintoma mais conhecido da doença, apenas 60% dos pacientes vão apresentá-lo. É mais comum o paciente ter dificuldade de realizar movimentos rápidos, e também apresentar rigidez nas articulações. O sintoma motor que também acomete os pacientes após alguns anos da doença é a alteração do equilíbrio, que inclui alteração da marcha e dificuldade de ficar de pé. Os sintomas não motores podem preceder o diagnóstico de Parkinson em cinco a 10 anos. Entre eles estão a perda do olfato, alteração do sono - chamado de transtorno do sono REM, que é um sono muitas vezes agitado, que apresenta sonhos muito vívidos. A pessoa acaba acordando à noite achando que está vivenciando o sonho. Outro sintoma é a hipotensão postural, que é a queda da pressão arterial quando o paciente fica de pé, tem ainda a depressão e a dor.

■ **Qual a estimativa da doença no Brasil e na Paraíba?**

A incidência da Doença de Parkinson é cerca de 1% da população acima dos 65 anos de idade. No Brasil estima-se que 200 mil pessoas tenham o diagnóstico do Parkinson. Não temos os números exatos na Paraíba, mas creio que haja uns 10 mil casos suspeitos. Em média, vai ser 1% da população acima de 65 anos.

■ **Qual a orientação para quem está com suspeita da doença?**

É importante frisar que, quem tem o diagnóstico de suspeita de Parkinson ou mesmo já esteja com a doença avançada e precisem de cirurgia, que procurem a Secretaria de Saúde do seu município para que seja feito o encaminhamento para o Centro de Tratamento da Doença de Parkinson do Hospital Metropolitano, em Santa Rita, ou do Hospital Universitário Lauro Wanderley, na UFPB.

■ **Qual a idade em que é mais comum o surgimento dos sintomas?**

A população mais vulnerável é a idosa. Geralmente, após os 60 anos de idade é que a doença é mais prevalente, porém, costumamos observar pacientes mais jovens, com 40 ou 50 anos de idade, com a doença, que não é exclusiva do idoso. Apesar de observarmos que ela é muito mais comum na população idosa e tende a se intensificar no decorrer dos anos, pode acometer pacientes mais jovens, com 44, 45 ou 50 anos.

■ **Quais as causas do Mal de Parkinson? Tem a ver com a hereditariedade?**

Para a maioria dos pacientes, a causa da Doença de Parkinson ainda é desconhecida. Sabemos que existem alguns fatores de risco como pessoas que são expostas a pesticidas - muitas vezes usados na agricultura, a substâncias tóxicas, metais pesados e pacientes vítimas de traumatismo craniano com frequência. Existe também o Parkinson ligado à questão genética, em que os pacientes apresentam mais de um familiar com o diagnóstico da doença, porém, na maioria dos pacientes a gente não consegue encontrar um fator que possa ser relacionado à causa. É importante lembrar que existe um tipo de condição chamada de Parkinsonismo que possui, sim, uma causa conhecida, como o uso de alguns medicamentos, a exemplo dos utilizados para náusea e vômitos. Há ainda outros remédios usados na psiquiatria como os antipsicóticos. O AVC (Acidente Vascular Cerebral), ou até mesmo um tumor

cerebral, podem trazer sintomas muito parecidos com a Doença de Parkinson. Porém, quando se retira esses fatores desencadeantes, o paciente pode voltar a ter suas funções normais. Mas, a Doença de Parkinson é progressiva e não conseguimos fazer com que o paciente tenha cura, mesmo com o tratamento adequado.

■ **Como é feito o diagnóstico? Quais exames são realizados?**

O diagnóstico do Parkinson ainda é clínico, baseado na avaliação do médico neurologista. Então, para se chegar ao diagnóstico atualmente, o paciente tem de ter três sintomas principais: que seria a lentidão dos movimentos - que é a bradicinesia, associada à rigidez articular ou ao tremor. Ou ainda os três sintomas juntos. Classicamente, essa é uma doença lentamente progressiva, que evolui em meses e anos, e normalmente tem de iniciar em um dos lados do corpo. Posteriormente, pode acometer o lado contralateral. Os exames de imagem auxiliam no diagnóstico, então, é importante o paciente fazer a ressonância magnética para se descartar outras patologias, como AVCs ou tumores que podem dar sintoma semelhantes ao Parkinson. Existem também alguns exames funcionais, em que são injetados um marcador no organismo do paciente. Esse marcador pode auxiliar também no diagnóstico da doença.

■ **O que fazer para prevenir ou conter a evolução da doença?**

Infelizmente, na medicina, não existe terapia comprovada cientificamente que impeça que a doença evolua. Existem diversas pesquisas que buscam esse tipo de alternativa, porém, do ponto de vista prático ain-

da não temos uma terapia que seja eficaz. Mas, sabe-se, por exemplo, que as pessoas com Doença de Parkinson que realizam atividade física com frequência, com orientação, ou mesmo que façam consumo moderado de café, podem ter um efeito benéfico na evolução da doença.

■ **Qual a importância do apoio da família durante o tratamento?**

O apoio familiar é muito importante, tanto durante o diagnóstico quanto no acompanhamento do paciente. A pessoa leva um choque inicial ao receber o diagnóstico, porque se trata de uma doença ainda incurável, então, o apoio da família é relevante em todos os sentidos. O apoio psicológico, no início da doença, bem como no incentivo ao uso das medicações, e também na realização das terapias complementares, como a fisioterapia e fonoaudiologia também são primordiais. Esse auxílio é válido também nos casos mais avançados da doença, quando o paciente vai precisar de todo um suporte de cuidados mais intensivos. Lembrando que, além da terapia medicamentosa, o acompanhamento médico e, em alguns casos, a terapia cirúrgica do implante do eletrodo cerebral profundo, é muito importante o acompanhamento conjunto com fisioterapia, que vai ajudar na marcha, mobilidade e realização dos movimentos. A fonoaudiologia também é relevante - porque muitos pacientes desenvolvem alteração na fala e na deglutição, além da terapia ocupacional. Tudo isso fecha o conjunto de terapias complementares que vão auxiliar esse paciente.

■ **Onde buscar ajuda na Paraíba?**

Na Paraíba existem dois centros de referência para o tratamento de

Parkinson. No Hospital Universitário Lauro Wanderley, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Lá existem ambulatórios especializados no acompanhamento clínico e também o ambulatório de neurocirurgia funcional, que faz o acompanhamento do paciente no pós-operatório. No Hospital Metropolitano Dom José Maria Pires, em Santa Rita, também existe um serviço organizado de acompanhamento clínico e também se realiza cirurgias de implantes de eletrodos cerebrais para a Doença de Parkinson, por meio da Secretaria de Estado da Saúde da Paraíba. As equipes, de ambos os hospitais, contam com neurologistas especializados no distúrbio do movimento, neurocirurgião funcional, que é especializado na cirurgia da doença, e também equipe de terapias de suporte: fisioterapia, fonoaudiologia e terapia ocupacional.

■ **Existe cirurgia para conter o tremor, que é um dos principais sintomas?**

Para o paciente que tem a doença avançada, geralmente, após cinco anos do seu diagnóstico, ou tem sintomas que não conseguem ser controlados com remédios, ou apresentar complicações com o uso da medicação, indicamos cirurgia para o controle dos sintomas. Como já falei, a cirurgia mais utilizada hoje em dia consiste no implante de eletrodos no cérebro do paciente, que são guiados por meio de exames de imagem, e conectados a um marca-passo cerebral. Esse tipo de cirurgia consegue ser regulada e programada de acordo com a evolução da doença, e pode promover um bom controle dos sintomas motores do paciente com Parkinson. É um procedimento usado no mundo inteiro. Creio que mais de 100 mil pacientes já foram operados no mundo e que está disponível tanto no Sistema Único de Saúde (SUS), quanto na rede de medicina privada.

■ **A Doença de Parkinson tem cura? O paciente que recebe o diagnóstico pode ter qualidade de vida?**

A Doença de Parkinson ainda não tem cura. Do ponto de vista fisiológico, o que observamos no cérebro desse paciente, fora outras alterações, é a morte de uma região chamada substância negra. Essa região do cérebro produz a dopamina. Então, quando se tem uma redução da dopamina no cérebro pela morte dessa região vamos ter os sintomas principais da doença. E o tratamento se baseia na reposição de uma molécula semelhante à dopamina. Existem diversos medicamentos que podem ser utilizados, de forma isolada ou em combinação, que vão retomar a função dessa substância que vai ser perdida aos poucos no organismo. Após três ou quatro anos do surgimento do Parkinson, o paciente pode desenvolver sintomas que são resistentes ao tratamento medicamentoso ou pode existir complicações oriundas da própria terapia com medicamentos. Então, em alguns casos, a cirurgia pode ser indicada.



Alguns pacientes podem passar por cirurgia para controle dos sintomas

FESTAS JUNINAS

Quadrilhas de CG investem R\$ 80 mil

Agremiações da cidade acertam o passo, ajustam figurinos e últimos detalhes para a maior festa do Nordeste

Giovannia Brito
gibritosilva@hotmail.com

Menos de um mês para o início d'O Maior São João do Mundo integrantes de quadrilhas juninas de Campina Grande correm contra o tempo para os ajustes em coreografias, figurinos, músicas e adereços. Mais do que apresentarem um grande espetáculo, elas sabem da responsabilidade e a chance que têm de conquistar os dois principais títulos de concursos em disputa: o Paraibano e o da Confederação Brasileira de entidades e Quadrilhas Juninas (Confebraq). Juntos eles vão distribuir uma premiação de R\$ 116 mil entre as cinco primeiras colocadas, conforme revelou a Associação das Quadrilhas Juninas de Campina Grande (Asquaju-CG).

Isso justifica a dedicação dos integrantes das dez principais quadrilhas da cidade, que se preparam desde outubro do ano passado. São cerca de cinco horas de ensaios, sempre no período da noite, já que todos trabalham ou estudam durante o dia. Muitas das dançarinas ainda têm a responsabilidade de cuidar de filhos e da casa.

Além disso, os integrantes ainda encontram tempo para tentar angariar recursos que custeiem as despesas com figurinos, sapatos, cabeleireiros, bandas e gravadoras. Para que essas apresentações possam ser colocadas em palco, elas estão gastando, em média, mais de R\$ 80 mil, cada uma. Só com os vestidos das dançarinas, estão saindo em média por R\$ 650. Já a vestimenta dos homens o custo tem ficado em torno de R\$ 400.

A alternativa encontrada para essas despesas foi realizar bingos, rifas, doações e vendas das roupas usadas pelos dançarinos nas edições anteriores para grupos de outros estados do Nordeste. "Fazemos de tudo para garantir que a nossa quadrilha possa se apresentar. Além disso, a Prefeitura deve nos dar uma ajuda, cerca de 20% do custo geral", disse o coordenador de mi-



Foto: Tereza Duarte

Agremiações de CG miram as competições estadual e nacional, que juntas devem distribuir aproximadamente R\$ 116 mil para as cinco melhores posicionadas

“

O trabalho, e o estresse são grandes, mas sabemos a importância que é para nós e para a cultura do Nordeste

Maricélia Marques

dia e secretário da "Arraial de Paris", Matheus Gomes da Silva. Essa quadrilha junina é uma das mais tradicionais da Rainha da Borborema.

Do bairro Cuités, ela se "arruma" para trazer um espetáculo único e com segredos que serão revelados somente na apresentação. Essas surpresas que a Arraial promete revelar com os passos ritmados dos seus dançarinos também vêm com cheiro e gosto de uma das bebidas mais tradicionais do brasileiro: "Quente como o inferno, amargo como a dor, puro como um anjo, doce como o amor". O café será o tema da quadrilha esse ano. "Ele traz uma história bem antiga, remontando à época dos grandes cafezais, mas também em homenagem ao café da dona

Marlene, que é famosa entre as quadrilhas daqui por todo trabalho com os grupos como costureira e incentivadora", revelou, informando que a quadrilha, que tem 68 dançarinos, vai gastar cerca de R\$ 85 mil.

Mesmo com o corre corre, ele garante que tudo está quase pronto. "Hoje temos basicamente tudo concluído. A banda está gravando as últimas músicas e os adereços estão sendo montados. A produção de roupas se encontra a todo vapor e a nossa perspectiva é que tudo seja concluído até o dia 20 de maio. Depois desse dia, é ensaio direto já com adereços para pegar o tempo do concurso".

A presidente da Asquaju-CG, Maricélia Marques informou que o ritmo nas casas de costureiras, gara-

gens, Sociedade Amigos de Bairro (SABs), onde acontecem os ensaios é intenso. "Nosso momento está chegando, o trabalho, a agonia e o estresse são grandes, mas sabemos da importância que é para nós e a cultura do Nordeste ter as quadrilhas prontas, lindas e com um grande espetáculo", disse. Ela também coordena a junina "Escurrega Mai Num Cai", que tem mais de 30 anos de fundação. No próximo sábado os integrantes farão o lançamento do tema 2023, com atrações culturais, na sua sede do bairro da Palmeira. Eles vão aproveitar para também realizar mais um bingo com cartelas vendidas a R\$ 2 para custear as despesas. "É chegada a hora de viver um lindo sonho. Só quem é quadrilheiro sabe o quanto é gratificante".

Em JP, Lageiro Seco se prepara para a maratona de competições

Taty Valéria
tatyavaleria@gmail.com

Em João Pessoa, os preparativos para o início da temporada de apresentações das quadrilhas juninas já está em sua fase de ajustes finais. Com 76 anos de existência e considerada a quadrilha junina mais antiga do Brasil ainda em atividade, a Lageiro Seco, com sede no bairro do Roger, na capital, se prepara para repetir os resultados de 2022, quando ficou em primeiro lugar no Festival Regional de Quadrilhas Juninas da Paraíba.

Só na Lageiro Seco, são 150 integrantes, entre dançarinos, banda, produção e apoio. "Quando saímos, são três ônibus cheios. É uma estrutura gigantesca!", conta Luciano Dantas, vice-presidente da agremiação, que explica o perfil da quadrilha. "Brincamos o São João e as festas, mas nosso propósito principal são as competições. Além do concurso regional, também participamos do Nordesteão". Em 2022, a Lageiro Seco ficou na 10ª colocação, entre 21 concorrentes.

Apesar de sua sede ser no bairro do Roger, a maior partes dos atuais integrantes é de outras regiões da cidade. São dentistas, professores, profissionais de educação física, es-

tudantes, comerciantes que se envolvem com dedicação, inclusive financeiramente. De acordo com Luciano Dantas, o gasto médio a cada temporada, por casal, chega aos R\$ 3 mil, incluindo, o figurino e as despesas com viagens. Esses valores são bancados pelos próprios integrantes, seja com a venda de rifas, ou tirando do próprio bolso.

Para dar conta de uma estrutura tão grandiosa, os preparativos começam meses antes das apresentações. "O período de eventos começa em maio. As primeiras apresentações e competições começam em junho e seguem até meados de agosto. De fato, só temos 'folga' em setembro e outubro", explica Luciano. "Em novembro começamos a discutir sobre a temática, coreografias, propostas de apresentação. Em janeiro fazemos as primeiras reuniões com novos integrantes e, logo após o Carnaval, começamos os ensaios de fato".

Há alguns dias foi realizada a exposição oficial do figurino e a primeira apresentação oficial da Lageiro Seco, no Ginásio Guarany, no Roger. Nesses eventos, os integrantes promovem arrecadação de alimentos, que são distribuídos na Comunidade do S e para integrantes do próprio grupo, que passam por dificuldades.



Foto: Fabiana Veloso

Algumas quadrilhas de João Pessoa começaram os ensaios logo após o Carnaval, que ocorreu no mês de fevereiro

Luciano Dantas faz parte da segunda geração da família que tem a Lageiro Seco como segunda casa. "Meu pai foi fundador, conheci minha esposa na quadrilha e nosso filho já participa das encenações. Outros casais também se conheceram e constituíram famílias por

conta da Lageiro", diz o vice-presidente. Sobre o que significa a Lageiro Seco, Luciano tenta explicar. "É um amor que a gente não consegue explicar. A cada apresentação a gente sorri, chora, se emociona sempre. É uma coisa que não consigo dizer em palavras", disse.

A programação de apresentações em João Pessoa ainda não está fechada, mas a prefeitura da capital já divulgou as datas do Festival Municipal de Quadrilhas, que acontece de 7 a 16 de junho, no estacionamento do Estádio Almeidão, no bairro do Cristo, em João Pessoa.

COISAS DO ALÉM

Histórias mal assombradas na PB

Teatros da Grande João Pessoa abrigam relatos de piano tocando, vultos e mulheres de branco circulando

Nalim Tavares
Especial para A União

Na penumbra, sob a luz da lua, histórias assombradas ganham vida e todo mundo tem uma para contar — seja uma lenda antiga, que ouviu dos amigos ou pais, ou uma experiência própria, com figuras humanas, vultos e sons fantasmas. Nos lugares mais antigos da Grande João Pessoa, como o Theatro Santa Roza, no Centro, e a Fortaleza de Santa Catarina, em Cabedelo, esses avistamentos surgem com frequência, e se tornam parte da história local e da cultura popular.

Fantasmas em teatros são história comuns no cotidiano dos frequentadores, que chegam a afirmar que todo teatro tem os seus fantasmas. Inaugurado em 1889, o Santa Roza é um dos teatros mais antigos do Brasil, e suas paredes, revestidas com madeira de pinho, testemunharam uma série de acontecimentos históricos do estado, como a assembleia que constituiu a bandeira da Paraíba e uma série de apresentações do Modernismo paraibano, movimento artístico e cultural da década de 1920. Além de peças, concertos, apresentações de dança e musicais, o teatro também é palco para algumas histórias de fantasmas, narradas por faxineiras e vigilantes, que permanecem no Santa Roza, quando as cortinas se fecham e os holofotes se apagam.

“Trabalhei por 30 anos no Theatro Santa Roza, e lá a gente escuta falar muito sobre assombrações, coisas que aparecem e ninguém explica”, conta Penha Barreto, que trabalhava na limpeza do teatro. “Os vigias estavam sempre falando sobre como o piano tocava à noite. Quando eles iam olhar, o piano estava coberto e fechado, mas quando se afastavam, eles ouviam alguém tocando.



Foto: Ortilio Antônio

Só vi por um segundo, achei que era impressão, mas minha amiga me chamou e disse ‘Penha, tem uma mulher ali’, mas eu neguei que vi

Penha Barreto

Eu mesma tenho uma história, de um fantasma que vi com uma amiga”, afirma.

Penha lembra, ainda, que, enquanto limpava o palco à noite, se deparou com uma mulher de branco, sentada na última fileira da plateia. “Eu só vi por um segundo, achei que era impressão, que não era nada. Mas a minha amiga me chamou e apontou, e disse ‘Penha, tem uma mulher ali’. Eu neguei, falei que não tinha mulher nenhuma. Minha colega insistiu e eu quis ir lá para ver, mas ela não deixou. Fomos para a coxia [corredor no entorno do palco, nos bastidores], mas resolvemos voltar para ver e a mulher não estava mais lá, nem para os olhos da minha amiga e nem para os meus”, contou.

O vigilante Edvando Gonçalo trabalha no teatro há mais de 12 anos. Ele lembra, especialmente, de uma noite de quinta-feira, quando foi acordado,



Foto: Marcos Russo

Funcionários do Theatro Santa Roza, no Centro, relatam experiências que misturam mistérios, medo, imagens e sons à noite

por volta das 3h, por um único som alto e desafinado vindo do piano. Sozinho, ele levantou com cuidado e começou a procurar por um possível invasor. “À noite, sem luzes acesas, tudo é muito esquisito. Eu andei por entre as cadeiras vendo vultos, e pensei em sair do teatro e ficar lá fora, esperando até outra pessoa chegar. Mas quando fui até a porta, vi uma mulher toda de branco encostada lá, perguntando se podia entrar”, declarou.

Mulheres de branco são personagens recorrentes das histórias de terror. Na Paraíba, o Theatro Santa Roza não é o único lugar onde uma jovem é vista vagando à noite, usando um vestido alvo de modelo antigo. Na Fortaleza de Santa Catarina, em Cabedelo, a tal “mulher de branco” tem nome e sobrenome: Branca Dias, uma senhora de engenho que era judia, nascida em Alhandra e condenada durante

a inquisição portuguesa.

De acordo com a professora de artes Mariêta Rezende, Branca teria sido capturada e morta após não corresponder aos sentimentos de um homem poderoso da época. “A lenda da mulher de branco da fortaleza é associada à Branca Dias, que teria sofrido uma morte violenta e acabou se tornando uma assombração, que aparece nas noites de lua cheia. Algumas versões dizem que ela sai da fortaleza para procurar pelo noivo, um homem chamado Augusto Coutinho, morto no Convento de São Francisco”.

Mas, há mais de um histórias sobre Branca. “Outras versões contam que Branca vagaria pelas proximidades do poço dentro da Fortaleza de Santa Catarina, normalmente avistada por homens”, ressalta. A lenda é impulsionada por um quadro de aparência macabra e melancólica exibido no forte

— uma mulher alva vestida de branco, caminhando pela fortaleza enquanto é observada das sombras por um rosto masculino. Mariêta explica que o quadro foi pintado “em 1992, pela artista plástica de Cabedelo, Bela Santiago. Não é a Branca Dias, mas a associação é feita entre as histórias das duas”.

Para a paraibana Gabriella Pereira, esses avistamentos são “coisas do inconsciente mesmo. A gente escuta as histórias, fica impressionado e vê coisas que não estão lá de verdade. Mas, mesmo assim, às vezes não dá para evitar o friozinho na barriga. Minha irmã adora procurar essas coisas, então, ela está sempre me contando histórias e me chamando para ir até os lugares com fama de assombrados. Eu nunca vi nada, mas ela jura que já viu um fantasma no Cemitério Boa Esperança”, falou.

Giovanna, que é irmã de Gabriella, conta que estava com a

família, visitando a lápide dos avós, quando viu um homem muito magro, parecendo triste, caminhando por entre os túmulos. “Eu não liguei muito na hora, mas ele continuava por ali, dando voltas. Daí eu apontei para a Gabi, e ela disse que não estava vendo nada. Pensou que eu só estava tentando assustar ela, mas eu continuei vendo, mesmo depois de parar de insistir. Meus pais também não viram nada”, recorda.

Gabi não acredita em fantasmas, mas acredita em avistamentos. “Acho que as pessoas veem o que esperam ver quando estão tensas ou assustadas. Acho mesmo que a Giovanna só estava tentando me assustar, mas ela não é a única com uma história de fantasma. Então, não importa se eles são ou não de verdade. Nós contamos muitas histórias, e reais ou não, a dúvida a respeito do sobrenatural meio que faz parte de quem somos”, finalizou.

Relatos em fortaleza foram convertidos em roteiro turístico

Histórias de fantasmas realmente despertam um certo fascínio nas pessoas — seja pela crença, pela dúvida ou por um interesse curioso. Por isso, existe uma modalidade de turismo conhecida como *Dark Tourism*, Turismo Macabro ou Assombrado, que utiliza o imaginário popular para beneficiar o desenvolvimento econômico de um município.

A Fortaleza de Santa Catarina, que abriga a história de Branca Dias, faz parte de uma rota cultural de turismo assombrado. O projeto, que é pioneiro no estado da Paraíba é intitulado “Lendários e os Mistérios da Fortaleza de Santa Catarina”, noites de teatro e dança que utilizam a arquitetura da fortaleza para contar histórias populares de forma intimista. Por segurança, os espetáculos foram interrompidos durante a pandemia de Covid-19. Este ano, os diretores do espetáculo, Vera Simões e Igobergh Bernardo, contam que a expectativa de todos é retomar as apresentações.

Vera Simões é pesquisadora em Planejamento Sustentável do Turismo, e atua na Secretaria de Cultura e Turismo (Secult) de Cabedelo.



Foto: Marcos Russo

Fortaleza de Santa Catarina guarda histórias de assombração. Quadro (à dir.) da artista plástica Bela Santiago com uma mulher de branco alimenta mistérios

Ela explica que “geralmente, os espetáculos são realizados em outubro e no começo do ano, sempre durante à noite, utilizando apenas os recursos naturais e as belezas arquitetônicas desse incrível patrimônio histórico para criar um universo místico e singular. O roteiro utiliza lendas do ima-

ginário popular da região, como a Mulher de Branco e a Cumadre Fulôzinha para proporcionar uma experiência diferenciada, curiosa e arrepiante na Fortaleza de Santa Catarina”, enfatizou.

O projeto é uma parceria entre a Fundação Fortaleza de Santa Catarina, a Prefeitura

Municipal de Cabedelo, o Sebrae Paraíba, o grupo de teatro e pesquisa Lendários e a Rede Criativa Cabedelo. O espetáculo é produzido por Vera Simões e Igobergh Bernardo, e a Companhia de Dança Municipal de Cabedelo também contribuiu com as noites de turismo assombrado.



Foto: Reprodução

previsul EDITAL DE LEILÃO MILAN LEILÕES

1º LEILÃO: 15/05/2023 Às 16h. - 2º LEILÃO: 18/05/2023 Às 16h.

Ronaldito Milan, Leiloeiro Oficial inscrito na JUCESP nº 266, faz saber, através do presente Edital, que devidamente autorizado pelo intermédio de Companhia de Seguros Previdência do Sul (PREVISUL), inscrita no CNPJ sob o nº 92.751.213/0001-73, representando neste ato a Caixa Consórcios S/A - Administradora de Consórcios, inscrita no CNPJ sob o nº 05.349.595/0001-09, promoverá a venda em Leilão (1º ou 2º) do imóvel abaixo descrito, nas datas, hora e local infracitados, na forma da Lei 9.514/97. Local da realização dos leilões presenças e on-line: Escritório do Leiloeiro, situado na Rua Quatá nº 733 - VI. Olímpia em São Paulo/SP. Localização do imóvel: **CAMPINA GRANDE - PB. BAIRRO CRUZEIRO**, Rua Professor Emílio de Araújo Chaves, nº 388, (L1 04 da Qd XVII). Casa. Áreas Totais. Terr. 480,00m² e constr. 128,57m². Matr. 79.310 do 1º RI Local. Obs.: Ocupado. Desocupação por conta do comprador (AF). 1º Leilão: 15/05/2023, às 16h. Lance mínimo: **R\$ 259.000,00** e 2º Leilão: 18/05/2023, às 16h. Lance mínimo: **R\$ 129.500,00** (Caso não seja arrematado no 1º leilão) Condição de pagamento: à vista, mais comissão de 5% ao Leiloeiro. Da participação on-line: O interessado deverá efetuar o cadastramento prévio perante o Leiloeiro, com até 1 hora de antecedência ao evento. O Fidejante será comunicado das datas, horários e local de realização dos leilões, para no caso de interesse, exercer o direito de preferência na aquisição do imóvel, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, na forma estabelecida no parágrafo 2º-B do artigo 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017. Os interessados devem consultar as condições de pagamento e venda dos imóveis disponíveis no site www.milanleiloes.com.br.

Inf.: Tel: (11) 3845-5599 - Ronaldito Milan - Leiloeiro Oficial Jucesp 266 - www.milanleiloes.com.br

POR ANO

Esquadrão atende 50 ocorrências

Área específica da segurança antibomba da Paraíba atua diante de denúncias em situações com risco de explosões

Na tarde da última quarta-feira, o Esquadrão Antibombas do Grupamento de Ações Táticas Especiais foi acionado para atender a um chamado por suspeita de bomba às margens da BR-101 em João Pessoa, logo após pessoas não identificadas soltarem artefatos explosivos pela janela de um veículo em movimento. A ação garantiu que o material fosse detonado sem causar maiores danos.

Em funcionamento desde 1996, o Esquadrão Antibombas nasceu junto com a criação do próprio Gate - Grupamento de Ações Táticas Especiais. De acordo com o capitão Frazão, comandante do Esquadrão Antibombas, o treinamento para lidar com bombas e explosivos é constante. "Além das capacitações com o próprio efetivo do Esquadrão, também são realizados treinamentos com outras unidades, por onde já instruímos mais mil policiais militares".

Apesar de não ser um estado com ocorrências envolvendo bombas e explosivos, a Paraíba passou por um período em que explosões de caixas eletrônicos e agências bancárias eram constantemente noticiados. Dois casos específicos são lembrados pelo capitão Frazão. "Em 2009, uma gerente de banco e a sua família foram sequestrados e um simulacro de um colete-bomba foi colocado em uma funcionária. E em 2011, foi a vez de um motorista de carro forte, dessa vez com um cinto-bomba".

Em ambos os casos, os artefatos não continham explosivos, mas só o trabalho e a perícia do esquadrão puderam garantir a segurança dos envolvidos.

Chamados

O Esquadrão atende entre 40 e 50 ocorrências por ano, segundo o comandante do Esquadrão Antibombas, Frazão. As ocorrências incluem as ameaças recebidas por denúncias e varreduras em locais atingidos por explosões, como é o caso dos bancos. "Quando acontece uma ocorrência desse tipo, a equipe precisa averiguar se não há vestígios e explosivos que não foram detonados, e esse trabalho é feito pelo Esquadrão Antibombas".



Foto: Marcos Ruzso

Equipe utiliza equipamentos e vestimentas apropriadas como traje antifracturação, que é uma proteção que obriga o policial a carregar 40kg no corpo



Foto: Polícia Militar

Além dos treinamentos com a equipe do Esquadrão, outras unidades de segurança passam por treinamentos similares

Ousadia dos criminosos impõe investimento em tecnologias

Além do estresse e da carga de perigo que envolve a atividade, o Esquadrão Antibombas precisa agir com o total isolamento da área e dos curiosos – o que faz com mais pessoas se coloquem em risco. Mas, um ponto me-

rece destaque. "A evolução dos criminosos especialmente no que se refere à tecnologia empregada ao acionamento dos artefatos. Por isso é tão importante o constante treinamento e aperfeiçoamento das técnicas".

Em dezembro de 2022, a Polícia Militar da Paraíba ofereceu o 1º Curso Técnico Explosivista da instituição. A atividade, que capacitou 16 policiais da PMPB e da Polícia Militar do Rio Grande do Norte, contou com 305 ho-

ras-aulas em 14 disciplinas, capacitando os operadores da segurança pública para operarem em atividades contra e antibomba. Durante o encerramento, os militares simularam ocorrência com explosivos e demonstraram

diversas técnicas aprendidas durante o curso. Também foi exibido o traje antifracturação, proteção do profissional antibomba, e que pesa cerca de 40 quilos.

O Esquadrão Antibombas do Grupamento de Ações Tá-

cas Especiais ainda conta com equipamentos de Raio-X, detector de metais, bloqueador de sinais, kit cordas e ganchos, além de uma van equipada com sistema de refrigeração e tecnologia para atuar como gabinete de gerenciamento de crises.



Foto: Polícia Militar

Esquadrão Antibombas precisa do total isolamento da área que passará por varredura para evitar riscos à vida humana. O investimento em formação tem sido um dos diferenciais da PM da PB

MASSARANDUBA

Município da cavalgada e das trilhas

Mais de mil cavaleiros e amazonas montados a cavalo são esperados no mais tradicional evento da cidade

José Alves
zavieira2@gmail.com

“

A cavalgada se inicia na cidade e se estende até a zona rural, atraindo turistas

Paulo Oliveira

Durante todo o mês de maio, o município de Massaranduba estará realizando a maior festa da cidade. Segundo o prefeito Paulo Oliveira, já está tudo pronto para as comemorações dos 58 anos de emancipação política do município, que acontece hoje, e o ponto alto da festa acontece no penúltimo domingo do mês de maio. Trata-se da tradicional cavalgada, que este ano contará com a participação de mais de dois mil cavaleiros e amazonas de todas as idades. “A cavalgada, a exemplo dos anos anteriores, se inicia na cidade e se estende até a zona rural, atraindo turistas de diversas regiões da Paraíba”, revelou o prefeito.

Massaranduba está situada na região polarizada por Campina Grande, a uma distância de 116 quilômetros. “Por ser tão perto da Rainha da Borborema, muitos massarandubenses consideram a cidade um bairro de Campina Grande e trabalham lá”, informou o secretário de Cultura do município, Elivelton Tito. Ele disse também que a cidade tem atualmente cerca de 15 mil habitantes.

Durante o mês mais festivo da cidade acontecem *shows gospel*, de cantores da Igreja Católica, além de eventos esportivos nas modalidades de *futsal*, futebol e voleibol, entre outros. Um dos principais atrativos turísticos de Massaranduba, considerado o principal *point* de lazer da população é o Parque de Eventos.

Através da Secretaria de Infraestrutura, a Prefeitura do município iniciou recentemente a construção do novo piso do Parque de Eventos, o que vai beneficiar todos os moradores da cidade e os visi-

tantes que frequentam o principal *point* de lazer da cidade nos finais de semana. A maioria das pessoas também utiliza o espaço para a prática de atividades físicas.

A obra de concretagem e polimento do piso do pátio, quando concluída terá mais de 280 metros cúbicos de concreto em seus 2.300 metros quadrados. Além da construção do novo piso, está sendo realizada também a manutenção da rede de esgoto da área. No local, a Prefeitura também entregará à população a nova sede da Secretaria de Cultura, Comunicação e Esportes da cidade, com o suporte de um depósito e uma sala destinada à Banda de Fanfarra Municipal. A entrega oficial dos serviços de revitalização do Parque de Eventos acontece junto com as festividades alusivas aos 58 anos de emancipação política de Massaranduba.

As trilhas rurais também atraem turistas de toda a região nos finais de semana. São elas as trilhas caçadores da placa perdida e as trilhas da solidariedade. Geralmente



Fotos: Divulgação

Portal tem funcionado para a realização de registros de moradores e turistas que chegam à cidade de Massaranduba



Tradicional cavalgada reúne cavaleiros e amazonas e marca a emancipação da cidade

esses eventos contam com a participação de centenas de pessoas da região do Compartimento da Borborema, utilizando bicicletas e motos e há as etapas de eventos de *motocross* que ocorrem na cidade.

Economia

A principal fonte de renda do município, segundo Elivel-

ton Tito, gira em torno da agricultura familiar, do comércio local e dos empregos públicos. A cidade já teve como ponto alto a plantação de inhame, mas atualmente se destaca na plantação de vegetais, macaxeira, inhame, feijão, cará.

O artesanato em Massaranduba também é um ponto de destaque na economia local.

“Dezenas de artesãs trabalham diariamente produzindo peças em crochê baseadas na técnica do labirinto e também nos bordados em panos de prato, almofadas e fronhas. Outro destaque no artesanato é o artista plástico Sílvio Marques, que trabalha com argila. Quem visita a cidade se encanta com as esculturas que o artista produz”.

Um dos principais atrativos da cidade é o Parque de Eventos, considerado o *point* local

História da cidade é marcada pela passagem dos tropeiros

A Prefeitura de Massaranduba tem realizado diversas obras e projetos em parceria com o Governo do Estado. Algumas delas, segundo o prefeito Paulo Oliveira, são a pavimentação asfáltica das principais ruas da cidade, a construção da creche Primeira Infância e o projeto ‘Tá na Mesa’, implantado na cidade. O prefeito enfatizou que outra grande parceria com o Governo do Estado foi a reforma da Escola Maria Zélia de Sousa e da Escola Everaldo Agra, esta última situada no distrito de Santa Teresinha.

História

De acordo com historiadores, o nome Massaranduba para a cidade se deu por causa da árvore massaranduba, quando há 58 anos os tropeiros que viajavam com destino a Campina Grande para comercializar seus produtos, paravam para repousar na sombra de uma grande árvore de massaranduba.

Tudo teve início no ano de 1918, exatamente onde hoje

se encontra edificada a cidade de Massaranduba. Naquela época, uma grande árvore do mesmo nome, fazia uma grande sombra e lá foi construída uma barraquinha para a venda de bebidas e lanches, aos viajantes que por ali passavam. O local era de propriedade do comerciante Antônio Gomes. O segundo a se estabelecer no local foi José Benício de Araújo, que construiu uma casa e um mercado.

Embora a emancipação política seja datada de 1965, desde o final do século 19, a zona rural da cidade era habitada por pequenas comunidades que têm a ver com a origem da sede do município. Naquela época, a vila teve o ápice de seu crescimento populacional com a grande seca que afetou o Nordeste. Então, ocorreu um movimento migratório de pessoas atraídas pela disponibilidade de água na região. O Olho D’água do Matias, localizado próximo à atual zona urbana do município, favoreceu a alocação de novos moradores. Desde en-

tão, o crescimento populacional na época, se tornou mais notório com o desenvolvimento da cultura do sisal e do algodão que atraiu investimentos e mão de obra. O que deu à pequena vila o *status* de povoado. Em seguida, com o desenvolvimento do povoado, onde ocorreu um grande progresso local, surgiu em 1965 a ideia de emancipar o então povoado. Isso se deu através de lei estadual que desmembrou o então distrito de Massaranduba de Campina Grande elevando-o à categoria de município.

O povoado data do final do século 19, mas só em 1965 o distrito foi emancipado de Campina Grande



Cidade tem tradição em receber eventos de motocross, além de outras atividades esportivas

Foto: Rafael Passos/Divulgação



Fundadores do grupo paraibano, os irmãos Pedro Osmar (E) e Paulo Ró (D) colocaram no primeiro disco o minimalismo desprovido de excessos - mesmo com uma diversidade de referências musicais - e o atonalismo, não seguindo as regras tradicionais da harmonia tonal

MÚSICA

Símbolo sonoro da vanguarda popular

Músicos do Jaguaribe Carne relembram o primeiro LP do grupo, um verdadeiro documento histórico lançado há 30 anos

Joel Cavalcanti
 cavalcanti.joel@gmail.com

A década de 1990 já indicava uma radicalização no modo de produção do Jaguaribe Carne. Depois de quase 20 anos de fundação com músicas registradas apenas em fitas cassetes alternativas, o grupo venceu finalmente a falta de dinheiro para gravar seu primeiro LP. *Jaguaribe Carne Instrumental* era lançado há 30 anos e se configurou com o passar do tempo em um documento histórico da música de vanguarda popular. “O disco continua moderno e é capaz de surpreender quem vai ouvir pela primeira vez. Não tem muita gente fazendo esse tipo de música, juntando a vanguarda com a música tradicional”, afirma o músico paraibano Paulo Ró.

O projeto inicial era que o disco fosse gravado no Recife (PE), onde chegaram a dar início aos trabalhos, mas as dificuldades financeiras impediram a conclusão do plano. A solução foi dada por Odair Salgueiro, professor de percussão na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e timpanista da Orquestra Sinfônica da Paraíba. Ele emprestou os equipamentos necessários, além de ter assumido a função de técnico de gravação, mas na prática tornou-se tam-

bém uma espécie de diretor no estúdio improvisado no Cine Bangüê, do Espaço Cultural José Lins do Rego, em João Pessoa. Foram duas madrugadas de outubro de 1993 em que o disco foi gravado ao vivo, sem a presença de plateia. O horário era uma alternativa às condições dos aparatos tecnológicos disponíveis que não isolavam os ruídos externos que viam da rua.

“A gente nunca tocou bem. Aquelas músicas que estão no disco eram difíceis e a gente fazia porque gostava de fazer daquele jeito. Na hora de tocar, tinham uns probleminhas de execução, mas o Odair sempre dizia: ‘Vamos simhora’. Isso foi uma coisa que me marcou muito. Outra, foi a experiência. O disco foi gravado como uma diversão, e é até hoje. Nossa música é para se divertir”, relembra Paulo Ró. Ele, com violão de nylon, dividiu a execução instrumental das músicas com Pedro Osmar (violão aço) e Adeildo Vieira (percussão), tendo os demais músicos descritos na ficha técnica do disco contribuído para os vocais e outras experimentações.

Sem os conhecimentos sobre as técnicas de gravação, era comum, por exemplo, que alguns gritos de Pedro Osmar estourassem na captação, levando Odair a recomençar sempre a execução

da música. “A gente sempre foi muito obediente com relação a isso. Eu fazia do jeito que o caba mandava, sem problema nenhum”, diz Ró. Se dentro do Bangüê eles acatavam as ordens, no regimento rítmico das músicas o que predominava era a insubordinação. Das 10 faixas, quatro fazem referências diretas a estilos musicais determinados que possuem uma instrumentação característica e uma andamento harmônico e melódico definido, que era inteiramente subvertido pelos violões dos irmãos de Jaguaribe.

‘Fome? Que fome?’, faixa que abre o disco – e uma das duas que têm letra –, é um coco de roda apenas com elementos percussivos, com destaque para o ganzá. ‘Piratas de Jaguaribe’, terceira faixa, é um frevo de rua sem o naipe de metais, apenas os violões e o surdo tocado por Adeildo Vieira. Na faixa seguinte, ‘Ritmo de baião’, tem poucas semelhanças com o som de um trio pé de serra – apesar de ser isso o que Paulo Ró diz ouvir na música. Já na sétima faixa, o grupo apresenta ‘Ciranda’, mas sem chocalhos e sem a marcação forte e característica da caixa batida com baquetas.

Se para quem ouve fica uma impressão de desconstrução e dissonância musical,

para os músicos aquela era a forma mais natural de apresentar aqueles sons. “Essa música é do coração da gente. Tem que fazer música para fazer sucesso. A gente faz música porque é aquilo que a gente sente, esse é nosso sentimento. Quer criar, inventar e fazer algo com liberdade. A gente quer fazer uma coisa que não se pareça com nada e quando você ouve, é a gente”.

As músicas executadas com violões e violas já estavam prontas antes de eles entrarem no estúdio, mas duas faixas foram realizadas na hora, de improviso, e são as mais experimentais do LP: ‘Liquidificador industrial’ e ‘Acho que vem alguma coisa por aí’. Entre todo esse repertório, duas características são sempre reiteradas por Paulo Ró para definir o trabalho que realizam no disco. A primeira delas é o minimalismo. Mesmo com tantas referências musicais que passam pelo jazz, o choro, a música clássica, a indiana e os ritmos populares do folclore, o resultado é desprovido de excessos. A instrumentação é reduzida e a duração das faixas, curta. O total das 10 músicas – sem contar com a entrevista ao final – não chega a 40 minutos.

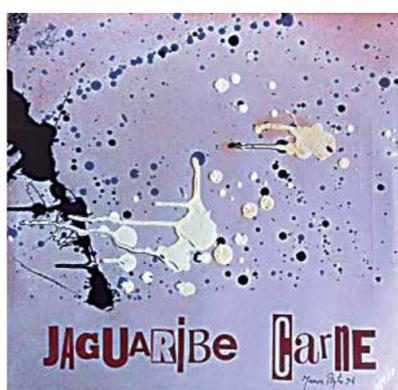
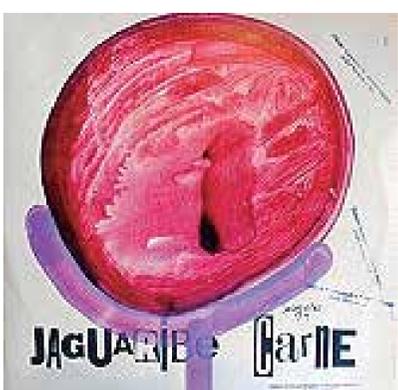
“Eu sou mais minimalista que Pedro, porque gosto muito da repetição. O minima-

lismo deve ter sua técnica específica, mas o que eu faço é o que a gente sempre fez: colocamos essa música popular dentro da estética minimalista. Você precisa ter um certo conhecimento rítmico para você sair dividindo as células, e juntar com outras células. É uma matemática, na verdade”, compara Ró. O segundo aspecto que ajuda a traduzir os princípios do Jaguaribe Carne é o atonalismo, ou seja, quando não se segue as regras tradicionais da harmonia tonal. Em vez disso, se utiliza uma série de notas ou acordes que não têm uma hierarquia tonal clara, resultando em uma sonoridade dissonante e muitas vezes experimental. “Não é que eu vou fazer um baião que é uma música atonal. Faço uma música atonal ser um baião”, resume Paulo Ró.

Além das performances com os híbridos musicais, o grupo também queria investigar se o conceito visual do LP teria alguma interferência na fruição das músicas. Para isso, mais de 40 artistas plásticos foram encarregados de criar uma capa única para cada disco. O disco com selo do Musiclube e editado em Recife foi prensado na Sony Music, do Rio de Janeiro, com mil cópias. Nenhuma delas com uma capa igual a outra, o que faz com que um exem-

plar desses tenha virado item de colecionador e seja encontrado hoje por até R\$ 1,6 mil na internet. O projeto gráfico elaborado pelo artista plástico Dyógenes Chaves contou também com uma foto no encarte de autoria de Gustavo Moura que se tornou antológica: um retrato de família muito simples em frente a uma humilde em Jaguaribe.

Pedro Osmar e Paulo Ró sempre defenderam a ideia de que a música deve ser uma forma de liberdade e de expressão pessoal, para ser usada como uma forma de resistência e de contestação social. Com o disco, eles se posicionaram como críticos em relação à falta de renovação e de criatividade na música brasileira, ao menos aquela que não rompe com os padrões estabelecidos nem expressam as contradições do país. E esse continua sendo o maior foco de sua guerrilha cultural, como afirma Ró. “A música popular brasileira não seguiu esse rumo de ser diferente. Ela foi, acho que por questões de mercado, se transformando em uma coisa mais normal. As pessoas não adentraram por essa linha mais diferente, uma música mais voltada para o insucesso”, brinca o músico sobre o “insucesso” que já dura 30 anos do primeiro disco do Jaguaribe Carne.



Imagens: Reprodução

Da esq. para dir.: Chico Ferreira, Dyógenes Chaves, Jozildo Dias e Marcos Pinto são alguns dos mais de 40 artistas visuais que produziram as capas personalizadas do ‘Jaguaribe Carne Instrumental’

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador“Se hoje eu sou estrela,
amanhã já se apagou”

Raul Seixas cantava que preferia ser uma “metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo”. O eu-lírico dessa canção é dialético. Alguém que acha que o processo é mais importante do que a permanência, e, assim como Heráclito, pensa que ninguém “se banha no mesmo rio duas vezes”.

Estamos acostumados com o ato de essencializar os objetos e os seres. Tendemos a pensar que possuímos uma essência, independente do fato de que somos o resultado de nossas experiências, da educação que recebemos, do tempo histórico que vivemos, da classe à qual pertencemos e do nosso gênero sexual. Essa é a metafísica do senso comum.

A psicologia liberal nos convide a ser quem “verdadeiramente somos”, como se existisse um eu fora do processo de viver. Faz isso, geralmente, a partir de uma mediação com o mercado através



Raul Seixas (1945-1989), autor da canção ‘Metamorfose ambulante’, cujo eu-lírico é dialético e o processo é mais importante do que a permanência

do consumo e da ideia de autor-realização.

No fundo, é a memória que cria a ilusão da permanência. Sem ela não teríamos o senso de continuidade. Mas a memória também não é fixa, nem apenas individual. É uma construção da mente e da cultura – na medida em que precisa ser codificada por meio da linguagem.

O seu acesso está sujeito aos contextos emocionais, sociais ou biológicos que estamos inseridos. Não temos lembranças dos primeiros anos de vida.

A explicação neurológica mais comum é a de que bebês e crianças, muito jovens, não possuem lobos frontais desenvolvidos, sem os quais as recordações são praticamente impossíveis.

Talvez o mais correto seja pensar que não somos, mas que estamos sendo, que a vida flui em constante impermanência, que “se hoje eu sou estrela, amanhã já se apagou”.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Estética kantiana

O livro *Teorias da Arte* (1998), escrito pela filósofa, crítica de arte, pintora, escritora e professora francesa Anne Cauquelin (1925), apresenta um estudo sobre a Estética, também analisa o fundamento da arte contemporânea e o seu impacto social. Nele, Anne expõe os princípios no que se refere ao belo do filósofo e matemático grego Platão (427 a.C.-348 a.C.), do filósofo grego Aristóteles (384 a.C.-322); dos filósofos alemães: Immanuel Kant (1724-1804); Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831); Arthur Schopenhauer (1788-1860); Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) e Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno (1903-1969). Ao final, tem-se a síntese de todas essas teorias e o esclarecimento sobre a crença na arte.

Este texto apresenta somente breves tópicos da estética kantiana. Kant criou a Filosofia Crítica, para essa finalidade, ele uniu as teses do filósofo racionalista alemão Gotfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) e as do filósofo, historiador e ensaísta empirista britânico David Hume (1711-1776). O idealismo transcendental kantiano construiu um sistema complexo de conceitos para explicar que nem o empirismo estava certo, e nem o racionalismo explicava completamente o conhecimento humano. Para Kant, o conhecimento é obtido a partir da percepção do que ele chamou de “coisa em si”, que é o objeto. Desse modo, esse processo dá-se através da intuição, e é a racionalidade que proporciona ao ser humano o conhecimento, pois a mente humana é capaz de relacionar conceitos puros às informações da percepção. As hipóteses de Kant sustentam que há a “coisa em si” e o “conceito transcendental”, mais o fato de haver um conceito universal impede a sua teoria se torne relativista. No campo estético, ele desenvolveu a sua complexa “estética transcendental”. Essa teoria está presente no seu livro *Crítica da Razão Pura* (1781), que trata de epistemologia; e noutro seu livro *Crítica da Faculdade do Juízo* (1790), que apresenta os juízos estéticos.

Nesse último livro, Kant apresenta proposições às quais um julgamento pode ser realizado (que se tornaram contraditórias), são estas: a qualidade (satisfação ou desprazer); a quantidade (universal ou subjetiva-



Filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804)

dade); a relação com a finalidade (determinismo ou liberdade); a modalidade (necessidade ou possibilidade). Obtêm-se assim os quatro momentos do julgamento estético, que podem ser: a satisfação desinteressada; a subjetividade universal; a finalidade sem fim e a necessidade livre.

A “satisfação desinteressada” é o sentimento produzido pela existência de um objeto. No livro *Crítica da Faculdade do Juízo*, Kant (1993, p. 54) afirma: “O agradável e o bom têm, ambos, uma relação com a faculdade de desejar e por isso se fazem acompanhar. O primeiro, de uma satisfação de conexão patológica; o segundo, de uma pura satisfação prática determinada pela representação de uma conexão do sujeito com a existência do objeto. É por essa razão que o julgamento de gosto é simplesmente contemplativo”.

A “subjetividade universal” do julgamento, por exemplo: ‘isto é bonito’, pode ser deduzida se, de fato, nenhum interesse particular está intencionado e se o desejo não vem ao caso. Por causa disso, a universalidade do julgamento está assegurada, e o belo é belo para todos. Segundo Kant (1993, p. 60): “Tal universalidade é representada apenas subjetivamente no julgamento de gosto. Isso significa que o prazer que experimentamos não é de ordem sensível: é o puro jogo de nossas faculdades de conhecer – imaginação e entendimento –,

que sabemos ser compartilhado por todos, que nos dá esse prazer”.

A “finalidade sem fim” é outra dedução do princípio do desinteresse. Kant (1993, p. 77) afirma: “Não devemos julgar um objeto estético por seu fim, ou seja, pelo fato de ele ter um objetivo determinado ou obedecer a determinações previamente estabelecidas; (...) mas o belo é o que agrada universalmente sem conceito. (...) Essa representação de uma finalidade global do universo não pode estar ligada a um objeto particular, nem a um sujeito individual; (...) entramos em contato com a forma do universal, sem a necessidade de recorrer ao conceito de universalidade”.

A “necessidade livre” é apresentada por Kant (1993, p. 84) desta forma: “Se um julgamento é universalmente válido, é por ser também necessário. Contudo, essa necessidade não pode ser imposta a todos como vinda de fora – seria para si o caso de uma necessidade fundada no conceito. (...) É preciso, pois, que a necessidade de um julgamento de gosto seja intimamente sentida. (...) Esse senso comum consiste em cada um sentir em si a união da imaginação com o entendimento, cujo jogo livre é a existência do julgamento de gosto”.

As quatro proposições estéticas apresentadas estabelecem regras que possibilitam o cumprimento dos seus contrários. Por exemplo: de descobrir prazer numa mesma contradição e definir um gosto estético subjetivo, bem como resolver o conflito das faculdades entre elas, isto é, um entendimento lutando contra uma vontade.

Sinta-se convidado à audição do 418º Domingo Sinfônico, deste dia 7, das 22h às 00h. Em João Pessoa (PB), sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br.

Irei comentar algumas peças do austríaco Johann Baptist Wanhal (1739-1813). Ele influenciou vários compositores eruditos, também o Pré-Romantismo alemão e o Idealismo Mágico, ambos do século 18. Um dos temas centrais desse idealismo é de concentrar na poesia, na filosofia e nas ciências naturais o conhecimento universal que surge nas leis que governam o universo e suas relações de harmonia existentes no ser humano.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Remorso

Por maior que seja o remorso, nunca apagará o farol da paz. Remorsos torturam, dão cabo na gente.

Uma frase que mudaria o mundo? Não, não caberia a palavra remorso, pode conter sujeito, verbo, predicado e alguns rabichos para ênfases e veemências. Sei lá. O remorso é uma sensação ruim, muito intrometida.

Inquietação, doideira, abatimento da consciência ao percebe ter cometido uma falta, um erro; arrependimento, moído, bexiga lixa e o que mais possa parecer.

Embarcações não devem navegar rumo ao remorso, no trânsito pelo ponto cerebral, mesmo que seja um remorso de agora, registrado por uma besteira, essa coisa e tal de ficar de mal um do outro ou a frase emitida, escrita na parede do Instagram, embora os decodificadores a considerem batida. Não, não existe frase que caiba a palavra remorso.

Remorso? Nome feito, né? O mesmo ocorre com cavilação, a zombaria, mas avança no tráfego dos vocábulos enlouquecidos, tanto pelas pancadas e dores, quanto pela estupidez das altitudes. Como assim? Não sei.

Eu conheço o discurso dos rancorosos, muitos guardam remorsos, mas eles dizem que vão mudar o mundo. Nunca. A frase que mudaria o mundo teria que ser maior que nós, esperada e apresentada numa suavidade longe de preciosismos deleites e ilusões.

Abro a janela e vejo pássaros migrantes do Rio Jaguaribe, vizinhos da nossa casa e esse ponto de beleza, dá uma sensação para outro voo, acertadamente, o que o amigo François fez a semana passada. Vitorioso, tão singelo ele...

Percebemos na cara da pessoa que ela “guarda” remorso, não no sentido de vigiar para se defender – e deve ser a pior situação, colocar o remorso dentro do coração, que só faz aumentar o instinto de vingança ou chamar a morte e quanto a frase que deveria mudar o mundo, ainda não nasceu, mas se põe a caminho de algum destinatário.

Mudar o mundo que eu falo, é mudar as pessoas.

Bom é estar em paz, no lugar onde as frases nascem, a consciência. É lindo o jardim daqui de casa. Mas eu nem digo “ô sorte”, eu me banho com a beleza que acalma.

As baleias com os seus filhotes não têm remorsos, os leões também não. O gato andando por toda casa, nenhum animal teria remorso.

Bandos de peixes fazem acrobacias nos rios e açudes da minha cabeça. Eu lembro. Era lindo. É como uma canção de amor.

A hora exata de emissão da frase que mudaria o mundo foi embora pela manhã da última terça-feira, quando perdemos François. Ele não tinha remorsos de nada, só alegria e paciência no seu jeito de amar as palavras em silêncio.

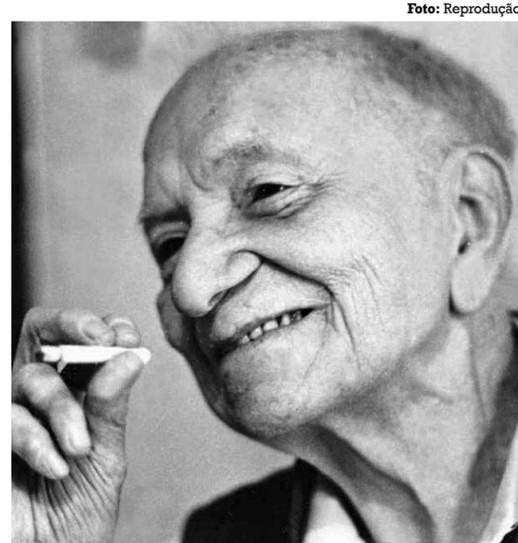
Em toda vasta historiografia sobre frases, incluindo os compêndios fantasiosos, aquela era a única que mudaria o mundo, uma frase de amor. Cadê?

Bom com a palavra o mestre, Mário Quintana: “Há noites que eu não posso dormir de remorso por tudo o que eu deixei de cometer”.

Kapetadas

1 - Pra absolutamente tudo, o conselho que eu dou é um só: “Se você tem dinheiro pra bancar psicólogo, vai fundo”;

2 - Você já teve pressentimento sobre alguém e quando resolveu falar com a pessoa, ela realmente estava em apuros? A ordem das coisas é imutável.



Poeta e jornalista gaúcho Mário Quintana (1906-1994)

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Cefec exporta 'mise-en-scène' para a Europa

Hoje, quero parabenizar mais uma vez a minha terra – sem ter que sair da área da *mise-en-scène* como arte –, e me reportar ao Centro de Formação Educativo Comunitário (Cefec). Entidade integrada à Pastoral do Menor da Arquidiocese da Paraíba, que tem um de seus núcleos sediados na cidade de Santa Rita, no bairro de Marcos Moura, e que trabalha com projetos sociais há 16 anos, levando jovens a uma “viagem de sonhos” através das formas de artes mais distintas.

Um desses projetos foca no atendimento às crianças e adolescentes, em situação de vulnerabilidade social, prevenindo-os sobre os riscos e índices de violência. Coisa que tem afligido ultimamente o mundo todo. E através da arte, o projeto busca por uma consciência social e ecológica respeitosa entre as próprias crianças e adolescentes, também junto às suas famílias.

Dando importância a uma ecologia integral, *O Espaço da Vida na Terra* (um espetáculo de ecologia e arte), que demorou dois anos para ser montado pelo educador, coreógrafo e teatrólogo Rodrigo Baima, foi a peça exibida semana passada em São Paulo, numa turnê pelo Brasil. E na próxima semana segue com destino à Europa. Um grupo de 20 jovens se apresenta em Roma, na Itália, depois vai até a cidade de Cannes, na França, retornando à Itália, quando



Foto: Divulgação

Cartaz do espetáculo 'O Espaço da Vida na Terra', valorizando natureza e ser humano

fará uma apresentação especial, no dia 24 de maio, para o Papa Francisco, no Vaticano.

O espetáculo, que traz expressões de dança, música e teatro, conforme declaram seus realizadores, pretende sensibilizar os que assistem à peça ao verdadeiro respeito com o planeta – “nossa Casa Comum” –, mostrando o cuidado que se deve ter com os espaços da ecologia integral, que abrange as áreas ambiental, político-social, cultural, além do cotidiano e o espiritual.

Com quase 100 pessoas envolvidas em seus projetos, segundo dados da própria instituição, a Pastoral do Menor da Arquidiocese da Paraíba já existe há mais de 40 anos e atende cerca de mil jovens, em sete municípios da Paraíba, inclusive Santa

Rita e João Pessoa. São várias as áreas de ação, no atendimento a crianças e adolescentes, num trabalho desenvolvido em todos os núcleos estaduais.

O objetivo maior do projeto é o de contribuir para a formação integral dos meninos e meninas, que possam se encontrar numa situação de risco, também prevenir tais crianças de qualquer violência sofrida por elas, mesmo que seja praticada por outras crianças e adolescentes, garantindo os direitos fundamentais de suas gerações.

Afinal, *O Espaço da Vida na Terra* é um exercício de cidadania deveras importante e que merece o aplauso de todos. – Mais “Coisas de Cinema”, em nosso blog: www.alexantos.com.br.

Letra
 Lúdica
 Hildeberto
 Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Dicionários temáticos

Sou leitor de dicionários. Tenho fascinação, em particular, pelos dicionários de literatura, sobretudo, quando se atêm a determinados autores de minha íntima eleição. Não me refiro, no entanto, a esses dicionários comuns e convencionais, embora de enorme valia, voltados, na vertente dos idiomáticos, para a fixação e esclarecimento do léxico, sua diversidade e riqueza estilísticas e suas aplicações pragmáticas, a exemplo do que faz nossa incansável Socorro Aragão, com José Américo de Almeida, José Lins do Rego e Augusto dos Anjos.

Valho-me desses sempre na minha rotina de trabalho, que não dispensa ainda o *Caldas Aulete*, o Antônio Houaiss e o Aurélio, além de outros que me tiram, aqui e ali, das dificuldades da amada e sinuosa língua portuguesa. Sou dos que pensam ser impossível viver sem a companhia diuturna dos dicionários. Essas obras de referência sem as quais qualquer saber capitula, qualquer pesquisa fracassa. No momento ando compulsando o *Dicionário Drummond*, uma publicação do Instituto Moreira Sales (IMS, SP), organizado por Eucanaã Feraz e Bruno Cosentino, e cujos verbetes são assinados por estudiosos e especialistas na obra e na vida do grande poeta de Itabira do Mato Dentro, tais como, entre outros, Luís Costa Lima, Mariana Quadros, Murilo Marcondes de Moura, Sérgio Alcides, Vagner Camilo, Walnice Nogueira Galvão e Wander Melo Miranda.

Típico dicionário temático, aberto, portanto, a um vasto e variado espectro de motivações, interesses, detalhes e contextos, direta ou indiretamente, relacionados com o itinerário lírico do autor de *A rosa do povo*. Suas páginas nos trazem lições a respeito dos meandros internos de sua poética ao mesmo tempo em que nos põem em contato frontal com os ensinamentos da teoria, da crítica e da história literárias. Sua obra poética, sua obra ficcional, suas crônicas, seus testemunhos, seus perfis, seus diários, assim como as tensões entre literatura e jornalismo, entre política e literatura, entre literatura e cinema, entre outras categorias, servem ao espírito analítico dos colaboradores, para, em ensaios verticais e exegéticos, mais que simples verbetes meramente informativos, aproximar, cada vez mais, o leitor da genialidade do poeta.

Em nota introdutória, os organizadores afirmam, alicerçados na abertura temática que objetiva o dicionário, que os verbetes tratam de livros, poemas, gêneros e formas textuais, procedimentos estilísticos, temas, quadros históricos e culturais, aspectos constitutivos de um modo de ver o mundo, personalidades ligadas diretamente à biografia de Drummond e nomes que, por um ou outro tipo de aproximação, deixaram marcas na escrita do autor de *Boitempo*. Assim, como leitor, tenho acesso, em meio à complexidade de uma obra e de um autor dos mais significativos de nossa tradição literária, a regiões nunca antes exploradas, quer pelo valor intrínseco das componentes semânticas, quer pelo viés metodológico utilizado.

No âmbito dos livros, por exemplo, posso rastrear estudos acerca de *Alguma poesia*, *A rosa do povo*, *Claro enigma*, *Lição de coisa* e outros mais. Se quero ler poemas, e nessa releitura, desejo me beneficiar das luzes da análise, consulto verbetes como *A flor e a náusea*, *A máquina do mundo*, *Caso do vestido e No meio do caminho*.

A crônica, o soneto, a correspondência aparecem no segmento gêneros e formas textuais, assim como a rima, a repetição e o neologismo constam das estratégias estilísticas. Estado Novo, modernismo, nacionalismo e socialismo integram os quadros históricos e culturais, enquanto, no campo das personalidades ligadas ao poeta, aparecem Machado de Assis, Pedro Nave, Mário de Andrade e Gustavo Capanema. Chama-me a atenção aqueles nomes que, por uma razão ou outra, ecoam no processo de criação do poeta mineiro, em especial, Machado de Assis, Greta Garbo e Carlito.

Com este dicionário se enriquece a fortuna crítica de Drummond. Se enriquece e se refina, na medida em que, cada verbebo, na sua densidade interpretativa, abre pistas seminais para o leitor que o estuda e o ama, fazendo de sua poesia e de sua prosa uma constante presença em sua vida.

Se tudo não está ali, no diâmetro elástico deste dicionário, até porque, no terreno moveidinho do conhecimento, nunca se pode ter acesso a tudo, estão ali, sem dúvida, elementos essenciais à compreensão mais sólida e mais profunda de seu pensamento crítico e de sua obra estética.

Não são muito comuns, na tradição cultural do Brasil, dicionários como este, isto é, dicionários temáticos. Precisamos reverter esse quadro e investir, estudiosos e instituições, em pesquisas de que possam resultar obras de referência dessa natureza. E só para ficar nos poetas, já que temos agora o *Dicionário Drummond*, bem que poderíamos ter o dicionário Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Cecília Meireles, João Cabral de Melo Neto, Augusto dos Anjos e tantos outros.

APC reúne sócios sobre obra audiovisual

Integrantes da Academia Paraibana de Cinema, reunidos esta semana, discutiram sobre a realização de uma nova produção audiovisual, cujo título ainda está por ser definido, bem como as locações onde serão feitas todas as gravações, valorizando novamente a cenografia da cidade de João Pessoa.

A dupla Alex Santos e Manoel Jaime Xavier, respectivamente ocupantes das cadeiras 5 e 16, cujos patronos são os exibidores Severino Alexandre Santos e Fernando Honorato, proximamente, segundo afirmaram, devem anunciar título e detalhes de sua nova realização videográfica, baseada em conto do próprio médico Manoel Jaime Xavier.



EM cartaz

ESTREIAS

GUARDIÕES DA GALÁXIA VOL. 3 (Guardians of the Galaxy Vol. 3. EUA. Dir: James Gunn. Aventura. 12 anos). Ainda se recuperando da perda de Gamora (Zoe Saldana), Peter Quill (Chris Pratt) reúne sua equipe para defender o universo e um companheiro de equipe. **CENTERPLEX MAG 3** (3D): 15h (dub.) - 18h15 (dub.) - 21h (leg.); **CINÉPOLIS MANAÍRA 5**: 14h55 (dub.) - 18h05 (dub.) - 21h15 (leg.); **CINÉPOLIS MANAÍRA 6** (dub., 3D): 15h10 - 18h20 - 21h30; **CINÉPOLIS MANAÍRA 7** (dub., 3D): 14h40 - 17h50 - 21h; **CINÉPOLIS MANAÍRA 9** Macro-XE: 13h (dub.) - 16h10 (leg.) - 19h20 (dub.) - 22h30 (leg.); **CINÉPOLIS MANAÍRA 10** - VIP (leg., 3D): 15h40 - 18h50 - 22h; **CINÉPOLIS MANAÍRA 11** - VIP (leg., 3D): 20h30; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 1** (dub., 3D): 15h40 - 18h50 - 22h; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 5** (dub., 3D): 15h10 - 18h20 - 21h30; **CINE SERCLA TAMBIÁ 2** (dub.): 22h10; **CINE SERCLA TAMBIÁ 3** (dub.): 15h10; **CINE SERCLA TAMBIÁ 5** (dub.): 14h - 16h50 - 19h40; **CINE SERCLA TAMBIÁ 6** (dub.): 14h50 (3D) - 17h40 - 20h30; **CINE SERCLA PARTAGE 1** (dub.): 14h - 16h50 - 19h40; **CINE SERCLA PARTAGE 2** (dub.): 14h50 (3D) - 17h40 - 20h30; **CINE SERCLA PARTAGE 4** (leg.): 20h10; **CINE SERCLA PARTAGE 5** (dub.): 15h10.

O ÚLTIMO CHAMADO DE MARIA (El Ultimo Llamado de María. Espanha. Dir: Erik Cotrina. Documentário. 12 anos). Ba pequena aldeia da Bósnia-Herzegovina, uma série de eventos sobrenaturais se desenrolam desde 1981, atraindo milhões de peregrinos todos os anos. **CINÉPOLIS MANAÍRA 8** (dub.): 14h (sáb.) - 19h (seg. e ter.); **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3** (dub.): 14h (sáb.); **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4** (dub.): 19h (seg. e ter.).

CONTINUAÇÃO

AIR – A HISTÓRIA POR TRÁS DO LOGO (Air. EUA. Dir: Ben Affleck. Biografia. 12 anos). Baseado na história real do chefe da marca esportiva e de calçados Nike, Sonny Vaccaro (Matt Damon), e do fundador da Nike, Phil Knight (Ben Affleck). Ambos estão tentando tornar a marca uma das mais famosas do mundo, e escrever seus nomes na história. **CINÉPOLIS MANAÍRA 11** - VIP (leg.): 17h45.

DUNGEONS & DRAGONS - HONRA ENTRE REBELDES (Dungeons & Dragons: Honor Among Thieves. EUA. Dir: John Francis Daley e Jonathan M. Goldstein. Aventura. 12 anos). Em um mundo repleto de dragões e seres mágicos, aventureiros

embarcam numa jornada épica para recuperar uma relíquia. **CINÉPOLIS MANAÍRA 8** (dub.): 14h (exceto sáb.) - 20h45 (exceto seg. e ter.); **CINE SERCLA TAMBIÁ 3** (dub.): 18h; **CINE SERCLA PARTAGE 5** (dub.): 18h.

OS CAVALHEIROS DO ZODÍACO - SAINT SEIYA: O COMEÇO (Knights Of The Zodiac. Japão, EUA. Dir: Tomasz Baginski. Aventura. 12 anos). Seiya se vê lançado em um mundo de santos guerreiros, treinamento mágico antigo e uma deusa reencarnada que precisa de sua proteção. **CINÉPOLIS MANAÍRA 3** (dub.): 16h - 18h40; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3** (dub.): 13h30 (exceto sáb., seg. e ter.) - 18h15 (exceto seg. e ter.); **CINE SERCLA TAMBIÁ 2** (dub.): 16h10.

O CHAMADO 4: SAMARA RESSURGE (Sadako DX. Japão. Dir: Hisashi Kimura. Terror. 14 anos). Pessoas que assistem a um vídeo amaldiçoado subitamente morrem. **CINE SERCLA TAMBIÁ 3** (dub.): 20h45; **CINE SERCLA PARTAGE 5** (dub.): 20h45.

DEIXADOS PARA TRÁS - O INÍCIO DO FIM (Left Behind: Rise of the Antichrist. EUA. Dir: Kevin Sorbo. Drama. 14 anos). Seis meses após uma profecia que deixou o mundo em ruínas, sobreviventes começam a se juntar a um governo militarizado das Nações Unidas. Um pequeno grupo de resistência tenta encontrar uma maneira de unir a humanidade. **CINÉPOLIS MANAÍRA 3** (dub.): 21h20; **CINE SERCLA TAMBIÁ 2** (dub.): 13h50; **CINE SERCLA PARTAGE 4** (dub.): 13h50.

O EXORCISTA DO PAPA (The Pope's Exorcist. EUA. Dir: Julius Avery. Terror. 16 anos). O padre Gabriele Amorth (Russell Crowe), exorcista do Vaticano, luta contra Satanás e demônios possuidores de inocentes. **CINÉPOLIS MANAÍRA 2** (dub.): 22h20.

JOHN WICK 4: BABA YAGA (John Wick: Chapter 4. EUA. Dir: Chad Stahelski. Ação. 14 anos). Com o preço por sua cabeça cada vez maior, o assassino de aluguel John Wick (Keanu Reeves) leva sua luta contra a Alta Cúpula enquanto procura os jogadores mais poderosos do submundo. **CINÉPOLIS MANAÍRA 8** (leg.): 17h (exceto seg. e ter.).

A MORTE DO DEMÔNIO: A ASCENSÃO (Evil Dead Rise. EUA. Dir: Lee Cronin. Terror. 18 anos). Beth (Lily Sullivan) vai até Los Angeles para visitar sua irmã mais velha, Ellie (Alyssa Sutherland). O que seria uma oportunidade para uma reaproximação toma um rumo macabro quando elas encontram um livro antigo que dá vida a demônios.

CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 16h30 (dub.) - 18h45 (dub.) - 21h10 (leg.); **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3** (dub.): 16h (exceto seg. e ter.) - 20h45 (exceto seg. e ter.); **CINE SERCLA TAMBIÁ 2** (dub.): 18h20; **CINE SERCLA PARTAGE 4** (dub.): 18h20.

RENFIELD: DANDO O SANGUE PELO CHEFE (Renfield. EUA. Dir: Chris McKay. Terror e Comédia. 18 anos). Renfield (Nicolas Cage), o assessor torturado de seu chefe narcisista, Drácula, é forçado a procurar a presa de seu mestre. **CINÉPOLIS MANAÍRA 3** (leg.): 13h45.

SUPER MARIO BROS. - O FILME (Super Mario Bros. EUA. Dir: Aaron Horvath e Michael Jelenic. Animação. 10 anos). Mario é um encanador junto com seu irmão Luigi. Um dia, eles vão parar no reino dos cogumelos, governado pela Princesa Peach, mas ameaçado pelo rei dos Koopas. **CINÉPOLIS MANAÍRA 1** (dub.): 14h15; **CINÉPOLIS MANAÍRA 2** (dub.): 13h30 - 15h45 - 18h - 20h15; **CINÉPOLIS MANAÍRA 4** (dub.): 13h10 - 15h20 - 17h30 - 19h45; **CINÉPOLIS MANAÍRA 11** - VIP (dub.): 13h15 - 15h15; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4** (dub.): 13h - 15h (3D) - 17h15 (exceto seg. e ter.) - 19h30 (3D, exceto seg. e ter.) - 21h45; **CINE SERCLA TAMBIÁ 4** (dub.): 14h30 - 16h20 - 18h10 - 20h; **CINE SERCLA PARTAGE 3** (dub.): 14h30 - 16h20 - 18h10 - 20h.

CINE BANGUÊ (JP) - MAIO

O PASTOR E O GUERRILHEIRO (Brasil. Dir: José Eduardo Belmonte. Drama. 14 anos). Na década de 1970, guerrilheiro comunista se encontra na mesma cela que um cristão evangélico, preso por engano. **CINE BANGUÊ**: 7/5 - 18h; 21/5 - 18h; 23/5 - 20h30; 25/5 - 19h; 27/5 - 19h; 29/5 - 20h30.

UMA NOVA PAIXÃO (Dirt Music. Austrália e Reino Unido. Dir: Gregor Jordan. Romance. 14 anos). Presa em casamento e vida vazia, mulher se entrega ao romance com músico misterioso. **CINE BANGUÊ**: 8/5 - 20h30; 17/5 - 20h30.

QUANDO FALTA O AR (Brasil. Dir: Ana Petta e Helena Petta. Documentário. 10 anos). Registro do trabalho dos profissionais do SUS em uma das maiores crises sanitárias da história. **CINE BANGUÊ**: 8/5 - 18h; 14/5 - 18h; 20/5 - 17h; 23/5 - 18h30; 31/5 - 19h.

QUERIDA ZOE (Dear Zoe. EUA. Dir: Gren Wells. Drama. 16 anos). Adolescente lida com o turbilhão de emoções após tragédia familiar. **CINE BANGUÊ**: 7/5 - 16h; 15/5 - 20h30.

Serviço

• Funes [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage (83)3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

QUADRINHOS

Pelo microuniverso de uma guerra

Chega ao Brasil 'O voo do corvo', premiada obra de um dos maiores quadrinistas do nosso tempo: Jean-Pierre Gibrat

Audaci Junior
audaciauniao@gmail.com

Paris pode ter sido uma festa — como escreveu Hemingway no período entre-guerras —, mas o que se instalava na capital da França em 1944 era uma tensão causada pela Resistência e a nação ocupada já há alguns anos (e com extrema "rapidez", frustrando o julgamento do próprio Hitler, que a considerava a maior ameaça da Europa continental no Ocidente). Por temor ou por acharem que aquilo seria o "correto", muitas eram as denúncias que partiam da própria população para a polícia francesa sobre as ações, esconderijos e transações envolvendo os rebeldes.

É nesse tópico que o quadrinista Jean-Pierre Gibrat começa *O voo do corvo* (Editora Pipoca e Nanquim, 140 páginas, R\$ 109,90), uma de suas grandes obras como autor. Nessa altura, a ocupação alemã da França já estava com os seus dias contados. Porém, justo na estratégica e decisiva manhã de 6 de junho, a protagonista Jeanne, combatente da Resistência, é presa após uma denúncia anônima. Enquanto aguarda em uma cela francesa para ser entregue aos nazistas, ela conhece François, um cínico e jocoso ladrão que não toma partido na guerra, honrado entre suas regras e escrúpulos de ladrão a arte de sobreviver, mesmo sendo comumente freguês da polícia local.

No mesmo momento em que há os desembarques dos Aliados nas praias da Normandia, ao Norte da França, uma outra investida é colocada em prática para respeitar a máxima da "ocasião faz o ladrão", deixando Jeanne e François livres após as sirenes alertando os bombardeios ecoarem pelas ruas. Contudo, a fuga será através dos telhados parisienses.

Acuados, eles discutem sobre seus ideais até planejar como o alto comando da Operação Overlord qual escoltilha vão descer para se esconder das autoridades, uma investida que vai das ruas para os canais de Paris, em um barco de um dos amigos de François, no qual se encontram a esposa grávida e o jovem filho do barqueiro. Uma família que não fazem perguntas e vivem sempre brigando entre si, mas nunca de uma forma não amorosa.

No ramo dos quadrinhos desde os anos 1970, só foi na década de 1990 que Gibrat se tornou um "artista completo", fazendo também seus próprios roteiros. Um dos seus fascínios é a Segunda Guerra Mundial como pano de fundo para os dramas particulares de seus personagens. O seu primeiro álbum como roteirista e desenhista, *Destino Adiado* (lançado no Brasil pela mesma Pipoca e Nanquim, em 2020) foi o primeiro tiro de canhão para a sua consagração como quadrinista premiado.

A história também se passa na França ocupada, porém na visão de uma pequena vila, na qual um rapaz que desertou das filas do exército se esconde em uma propriedade abandonada para esperar o término da guerra — um "iso-

lamento social" em que ele acompanha todo o cotidiano do vilarejo, tanto os conflitos cotidianos refletidos pelas tensões da ocupação, quanto a ansiedade de não consumir o seu amor por uma das habitantes do lugar.

Apesar de ter o Dia D, que acentuou o desgaste dos alemães, como palco, *O voo do corvo* ainda é o Gibrat focando o microuniverso do conflito perante o macro. Não foi de uma hora para outra que a França foi "libertada" pelos norte-americanos e ingleses. Toda a apreensão com os protagonistas se materializa quando Jeanne descobre, ainda nos telhados, que sua irmã pode estar nas mãos dos nazistas. Além de se esconderem, eles vão ter que descobrir o paradeiro dela. O ápice da síntese do autor é quando o barco é designado (para não dizer "forçado") a deslocar para uma operação alemã, colocando na embarcação um oficial nazista para escoltá-lo até seu destino.

Com a virtuosidade tanto nas pinceladas realistas de aquarela quanto nos detalhes históricos (vestimentas, arquitetura, paisagens etc.) nas páginas produzidas por Gibrat, a obra conquistou o Prêmio do Desenho (*Prix du dessin*, no original) do prestigiado Festival Internacional de Angoulême, em 2006, entre outros.

Título

Uma das curiosidades que pode passar despercebida pelo leitor é o próprio título do álbum. Afinal de contas, por que *O voo do corvo*?

Caindo nas graças populares para uma explicação, a presença do corvo é interpretada simbolicamente como um sinal de mau presságio ou mau agouro, além de morte, azar e outros elementos sombrios. Para a situação dos personagens e da época em que vivia o mundo (e mais especificamente a Europa), é uma comparação bem plausível.

Porém, outra explicação — mais especificamente centrada na ação de voar — pode-se encontrar nos estudos bíblicos: em meio à destruição causada pelo dilúvio, por conta da maldade infestada sob o mundo, Noé está à deriva com toda a criação em sua embarcação profetizada por Deus. Até que, "passados 40 dias, Noé abriu a janela que fizera na arca. Esperando que a terra já tivesse aparecido, Noé soltou um corvo, mas este ficou dando voltas". (*Gênesis* 8:6-7).

A ave foi a primeira escolhida por Noé para a missão de reconhecimento, antes de ele soltar a pomba, que traria um ramo novo de oliveira entre o bico, uma evidência de que as águas tinham diminuído sobre a terra. O motivo de ter feito isso não é explorado nas escrituras, mas pode-se deduzir (de forma superficial) que ele esperava que o animal não voltasse, caso encontrasse terra firme (e consequentemente cadáveres, já que o corvo é necrófago).

O voo do corvo perante a destruição do mundo causada pelo homem. Ou o arrasamento específico de vidas perante a grandiosidade de uma guerra, vista através do microscópio esmiuçador de Gibrat.



Imagem: Jean-Pierre Gibrat/Divulgação



Imagens: PNV/Divulgação

Tendo a França após o Dia D durante a Segunda Guerra Mundial como pano de fundo, obra de Gibrat vai do alto dos telhados parisienses (acima) até os canais da cidade (abaixo) para esmiuçar a vida da protagonista em meio ao caos



FAKE NEWS

Projeto tenta barrar desinformação

Dois deputados federais da Paraíba têm posições antagônicas em relação ao que pode mudar na legislação

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

“Internet é terra de ninguém”, a frase muito dita por aqueles que acreditam não estar seguros nas redes sociais pode estar com seus dias contados. Isso porque o projeto de lei que criminaliza a divulgação de informações falsas e disseminação de violência nas *big techs* está em tramitação no Congresso Federal.

A PL 2630 ou PL das Fake News como é mais conhecida tinha previsão para ser votada na última terça-feira (2) na Câmara dos Deputados, mas foi adiada pelo presidente da Casa, Arthur Lira (PP-AL) após embate da oposição. As críticas envolvem acusações de que a matéria prevê censura. No entanto, defensores da lei rebatem que o objetivo é promover a liberdade de expressão com segurança.

Da Bancada Paraibana, dois deputados têm se manifestado com mais veemência. Gervásio Maia (PSB), a favor da PL afirma que a população será a principal beneficiada. Ele acredita que a incitação ao suicídio, ataques às escolas e exploração sexual podem diminuir com a aprovação da lei.

Em entrevista ao Jornal **A União**, o deputado citou exemplos de como as *fakes news* podem ter consequências sérias e criminosas, como no período de pandemia, quando informações mentirosas a respeito da vacinação e uso de máscaras contribuíram para a morte da população.

“Precisamos ter instrumentos que possam punir aqueles que colocaram mentiras que possam causar prejuízos e danos a pessoas. A exemplo al-

guém que divulga uma notícia dizendo que determinada vacina não é eficaz, isso causa um problema terrível para muitas pessoas, então é preciso que tenha uma legislação que possa coibir determinadas condutas nas redes”, afirmou Gervásio Maia.

Para ele, a oposição tem agido de forma leviana ao criticar o PL. “Quem fala em censura é porque quer continuar praticando *fake news*, estamos falando em notícia mentirosas que causam danos, não queremos privar ninguém de liberdade de expressão, estamos falando de temas que são rotineiramente veiculados para aqueles que insistem em propagar conteúdos falsos”.

Mesmo com os esforços dos parlamentares que tentam aprovar a lei em afirmar que a matéria não tem o objetivo de cercear a liberdade de expressão, os parlamentares contrários fazem campanhas contra o PL usando dessa estratégia. Chamando de “PL da Censura”, o deputado paraibano Cabo Gilberto (PL) é um dos maiores opositores do texto na Câmara.

Precisa passar por votação na Câmara dos Deputados, e esse assunto consumiu a atenção de líderes políticos o dia todo, em Brasília. Mas na noite desta terça (2), a votação foi adiada.

“Na minha opinião, é PL da censura, não tem nada de PL das *Fake News*. Colocaram esse nome para criar uma narrativa e tentar manipular a opinião pública para trazer apoio popular com relação ao combate a desinformação e as *fake news*, mas é o PL da censura. Vai atacar frontalmente o artigo quinto da Constituição, bem como o artigo 220”, disse o par-



Foto: Divulgação

Para Gervásio Maia (PSB), a população será a principal beneficiada com a nova lei

“
Precisamos ter instrumentos que possam punir aqueles que colocaram mentiras

Geervásio Maia

“
Na minha opinião, é PL da censura, nada de PL das Fake News. Tentam manipular a opinião pública

Cabo Gilberto



Foto: Divulgação

Para Cabo Gilberto, o projeto de lei afronta mais de um artigo da Constituição Federal

lamentar, em entrevista ao Jornal **A União**.

O parlamentar acredita, ainda, que não é necessária uma regulamentação para coibir a prática de *fake news* nas redes sociais. Segundo ele, a legislação brasileira é suficiente para coibir esse tipo de crime. “A legislação já é bastante clara que quem cometer crime vai

pagar, está lá, no código penal. Você falar mal de alguém, mentir sobre alguém é calúnia, difamação, você paga indenização. Então não precisa desse PL. O jeito que está o texto é totalmente maléfico, a opinião pública vai regular os meios de comunicação”, disse.

No Congresso, o embate de discursos ficou ainda

mais claro na última terça-feira (2), quando os deputados federais dedicaram todo o dia na tentativa de votar o texto. No entanto, na tentativa de conseguir um consenso entre os parlamentares, o relator do PL, Orlando Silva (PCdoB-SP), preferiu adiar a votação.

Além do grupo de deputados bolsonaristas, a bancada

evangélica também tem trazido um grande embate para a discussão. O grupo faz campanha contrária ao PL e foi um dos principais responsáveis pela virada de votos que acabou com o adiamento da votação. O argumento dos evangélicos é de que a regulamentação das redes sociais poderia atingir a liberdade religiosa.

Professores defendem projeto e cuidado com a elaboração

Para o cientista político e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), José Artigas, as medidas abarcadas pelo PL das *Fake News* são fundamentais para o momento em que a sociedade vive. Segundo ele, regulamentar a ação das grandes empresas de tecnologias chamadas *Big Tech*, é fundamental.

“Essas empresas precisam ser responsabilizadas por seus atos ou por suas omissões, que elas se submetam às normas jurídicas do nosso país. Por isso é fundamental que se regule a ação das *big techs*, das grandes plataformas de internet, com vistas exatamente a evitar a publicação e a disseminação industrial de desinformação”, disse.

Segundo o especialista, o texto possibilita uma fiscalização mais eficaz não apenas em informações mentirosas. A prevenção é para que os ataques às escolas diminuam, a exemplo dos que foram vistos nas últimas semanas e resultou com mortes de crianças e adolescentes. Além de combater o ataque à democracia, como o que aconteceu no último dia 8 de janeiro com os atos de vandalismo ao Congresso, em Brasília.



■ Empresas precisam ser responsabilizadas por seus atos ou por suas omissões e devem se submeter às normas jurídicas do país

“Não é apenas *fake news*, mas trata-se de desinformação, informação que muitas vezes são amplamente disseminadas e que favorecem o estímulo e aos ataques à democracia. Toda forma de desinformação é uma forma também de ataque à democracia. Então eu acredito que é muito importante não apenas a regulação dos instrumentos jurídicos de controle, mas também, a responsabilização,

e a transparência”, ressaltou.

Na avaliação do cientista político, ao contrário do que os críticos ao projeto de lei têm dito, a matéria possibilitará uma maior liberdade de expressão. “Eu acho que esse mecanismo institucional de regulação deve ser um primeiro exemplo do que poderemos fazer para tentar controlar os abusos que a internet promove, sem, contudo, limitar a liberdade de expressão. Ao contrário, garantindo a liberdade porque essa legislação das *fake news* também garante isso para os nossos representantes parlamentares, por exemplo”, enfatizou.

Segundo Artigas, eventuais derrubadas de páginas de parlamentares ou pessoas públicas sem autorização judicial não serão mais possíveis. “É fundamental que saibamos distinguir o que é liberdade de expressão e o que é abuso institucional e crime. É preciso combater o abuso, o crime e a desinformação. Sem que percamos quaisquer instrumentos de exercício pleno da nossa liberdade de expressão e da nossa cidadania. Eu acredito que o PL atinge o que precisa ser atingido e regula aquilo que já há

muito tempo necessitava de regulação”, concluiu.

Responsabilidade

O professor do Centro de Informática da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Carlos Eduardo Batista, avaliou o que o texto diz a respeito de como, na prática, a vida dos usuários das *big techs* vai mudar. É importante que qualquer legislação relacionada à internet seja cuidadosamente elaborada e implementada para garantir que os direitos fundamentais sejam protegidos.

“O debate é de extrema importância e está sendo realizado em vários países desenvolvidos - entendo que muito do que se propõe no Projeto de Lei 2.630/2020 esteja em consonância com muito do que já vem sendo implementado mundo afora”, afirmou Carlos Batista.

Para ele, as *big techs* que atuam no Brasil devem assumir pelo menos parte da responsabilidade pelo conteúdo que é publicado em suas plataformas. “Essas empresas possuem um papel importante na disseminação de informações na internet, e isso significa que elas também devem assumir



■ Empresas são importantes na disseminação de informação na internet, e isso significa que elas devem assumir responsabilidades

a responsabilidade pelas consequências do que é publicado em suas plataformas. A partir do momento que as empresas utilizam mecanismos que interfiram no que é possível de ser visualizado por um usuário, é importante que sejam transparentes sobre as políticas de moderação de conteúdo que utilizam e garantam que essas políticas sejam aplicadas de maneira consistente e justa”. O professor avalia que o as-

sunto é complexo e que argumentos utilizados pelas empresas de tecnologia para serem contra o projeto de lei devem ser levados em consideração. “Muitos dos argumentos que as empresas de tecnologia levantam têm fundamento, mas creio que elas também devem trabalhar em colaboração com os governos e outros interessados para encontrar soluções para os desafios relacionados ao potencial negativo da disseminação de conteúdo”.

Uma das dúvidas e maiores preocupações dos usuários das redes sociais é se, na prática, as *big techs* vão conseguir moderar o conteúdo que é publicado nelas sem infringir direitos fundamentais. “Existem preocupações legítimas de que a moderação do conteúdo regulamentado possa levar à censura, limitação da liberdade de expressão e ao favorecimento de certas visões de mundo em detrimento de outras. Ainda assim, acredito que as *big techs* possuem a capacidade técnica para fiscalizar adequadamente o conteúdo em suas plataformas - muitas já o fazem com recursos de aprendizado de máquina e moderação humana”.

Memórias

A União

Frutuoso Chaves

Contínuo fez editorial, conquistou a redação e chegou a correspondente

História de mérito e esforço que guiou a trajetória de um jornalista de texto enxuto e preciso, cativador de fontes confiáveis, professor, no batente, de várias gerações e editor comprometido com a qualidade da informação

Luiz Carlos Sousa
lucbjp@gmail.com

A história de Frutuoso Chaves no jornalismo é mais um exemplo de sucesso a partir do mérito e do esforço. Começou em **A União** fazendo o serviço de apoio. Rapidamente aprendeu os sinais da revisão e passou a corrigir os textos do Diário Oficial. Um dia apresentou um artigo de sua autoria sobre o Barão de Münchhausen e encantou a redação. Quando o presidente da empresa, José Souto, que era quem escrevia os editoriais chegou foi apresentado ao texto. Perguntou de quem era e se surpreendeu. Mandou publicar, deu um aumento salarial e entregou a Frutuoso a responsabilidade de produzir um suelto diariamente para página de opinião. A partir desse episódio, a carreira ganhou impulso e levou Frutuoso à editoria de jornais e a ser correspondente de O Globo, do Rio de Janeiro e do Jornal do Comércio, de Pernambuco, sempre perseguindo a verdade e a fidelidade aos fatos.

Entrevista

■ Uma pergunta básica que eu tenho feito a todos os colegas que chegam. Como foi que começou a sua história com **A União**?

A minha história com **A União** começou como contínuo, office boy. Fui nomeado ainda no final do governo de Pedro Gondim para o jornal, que na época funcionava na Praça João Pessoa, no prédio hoje pertencente à Assembleia Legislativa, porque o prédio original foi derrubado para a construção daquele monstrego. Quebra todo padrão arquitetônico daquela área. Você tem o Palácio do Governo, tem o Tribunal de Justiça.

■ A Faculdade de Direito?

Construções seculares e a Assembleia destoam absurdamente de todo esse conjunto arquitetônico. Mas eu fui nomeado contínuo no final do governo. O ato de nomeação foi assinado por Pedro, eu meinineo ainda. Já n' **A União**, aprendi os sinais de revisão. Pouco tempo depois, três meses de contínuo me livreli do espanador e fui fazer a revisão do Diário Oficial. Nós tínhamos como chefe da equipe da televisão um sujeito aposentado da Marinha Mercante Rui Rio Branco. Eram tempos dourados, já era governo João Agripino e a ditadura militar com as tropas com baionetas nas ruas. Um tempo muito difícil.

■ Ainda sem ser jornalista?

Começamos ali a carreira jornalística propriamente dita, porque primeiro “degrauzinho” o primeiro batente é o da revisão de **A União**.

■ Então, você é um daqueles que não tem dúvida de que **A União** foi escola?

Considero **A União** ainda hoje uma escola de jornalistas da Paraíba. A menina que sai da universidade vai fazer história onde? E você sabe que o jornalismo, qualquer profissão, mas o jornalismo sobretudo se aprende no batente. Você aprende fazendo. A universidade te dá uma bagagem cultural, um pouco de sociologia, um pouco de filosofia, a leitura das técnicas de codificação do jornalismo. Mas você vai aprender mesmo fazendo.

■ Como foi a passagem da revisão diretamente para as “pretinhas”?

Ah foi interessante. Houve uma vaga na tradução dos telegramas. Não é porque esses despachos telegráficos viessem em inglês, francês, alemão não. Vinha em linguagem dos Correios, telegráfica e a função

do tradutor de telegrama era pegar aqueles textos compactos sem conectivos, sem preposições e estender isso numa linguagem fluente, jornalística corrente.

■ E também se não me engano, vinha todo em caixa alta?

Sim. Esses despachos nacionais, internacional não tinha, eram colhidos pelo serviço de radiotelegrafia do Palácio da Redenção e chegavam textos compactos na linguagem telegráfica dos Correios, repito, sem os conectivos de ligação, sem as preposições e a função do tradutor ou noticiário também era estender aquele texto pra linguagem corriqueira fluente, normal de jornal e foi uma grande escola. Foi uma grande escola porque a equipe que produzia noticiário de UPI, da France Presse era a fina flor do Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro.

■ Até agora você galgou os mesmos espaços, por exemplo que Gonzaga Rodrigues, que contou a história dele que foi mais ou menos parecida com a sua. Mas quando foi que você foi para reportagem? Ou você foi assumindo cargos como, a gente diz, na cozinha do jornal, de redação, redator, o chefe de reportagem?

Interessante: a última coisa que eu fui na minha vida profissional foi repórter e isso foi muito ruim. Eu saí do noticiário do telegrama para a produção dos primeiros textos meus. Um episódio interessante: Zé Souto presidia o jornal pela primeira vez e tinha ido ao Palácio da Redenção para uma solenidade, um sábado de edição domingueira. O secretário de redação era Marconi Altamirando, a redação toda preocupada, a oficina cobrando a descida do jornal. E essa página não podia ser descida porque era a vitrine, porque era a contracapa, a página de editoriais e quem fazia o editorial principal era Zé Souto. Bom, eu tinha terminado minha jornada de tradução de telegramas e peguei um boletim do governo alemão, em português que era distribuído isso com o mundo inteiro.

■ Sempre há uma historinha por trás? Pois é. Uma das páginas do boletim tratava do Centenário do

Barão de Münchhausen. É uma leitura da minha geração, da nossa geração. O sujeito encantava o mundo com aquelas histórias fabulosas, aquelas mentiras absurdas dele en-

cantavam a criança toda. E era um evento tão importante que o governo alemão estava comemorando o aniversário do Barão de Münchhausen, ninguém sabe o nome daquele camarada. Eu aproveitei e fiz uma nota, um “artigozinho” falando da importância do Barão de Münchhausen sucessivas gerações não só de brasileiros, mas no mundo inteiro. E cadê a coragem de entregar o primeiro texto ao Marconi?

■ Parece que estou vendo a cena, está que exagerei?

Vendo a agonia do Marconi e do Marcos Tenório também, que era o secretário da redação jornal, os dois apreensivos tinham que fechar jornal e o Souto não chegava. Olha tem esse artigo aqui. Eu acho que cabe por editorial e comecei a torcer para o Souto, não vir. Mas até que chega o galego agoniado apressado e dizendo: “Ainda vou ter que fazer um editorial”. A solenidade demorou muito regada a usique e o Marcos Tenório mostrou o texto: “Tem esse aqui”. Ele leu e disse: “Está muito bom”. Quem fez foi Frutuoso contínuo - ainda era tido como um contínuo, embora já tinha passado para a revisão, mas não tinha mudado status nem de salário. “Publique. Eu converso com você segunda-feira”, disse Souto.

■ Muito sério. Não era de muita abertura?

Tinha uma certa distância até de tratamento. Mas na segunda-feira eu fui. Quer conversar comigo, hoje? Ele disse: “Olha a página de opinião tem o editorial que eu faço e tenho dois sueltos. Um é o Linduarte Noronha que faz e você vai fazer o outro. No dia que eu tiver um impedimento o seu texto vai para o editorial. Ai comecei como editorialista.

■ Já começou bem?

Pois é. Depois fui para o copidesque, na equipe, porque nós tínhamos copidesque. Ah, deixa eu ver uns 20 anos de idade, não foi né? Comecei a produzir textos mesmo.

■ Com quantos anos?

Eu tinha uns 20 anos.



Frutuoso: o jornalista tem que perseguir a excelência do texto a partir de informações confiáveis



Frutuoso Chaves tem uma rica história com **A União**, onde começou ajudando na redação e chegou a ser chefe de reportagem

■ E o primeiro contrato com **A União**? Tinha uns 18 anos.

■ Daí a ocupar secretaria, chefe de reportagem aquela coisa toda foi só o tempo necessário?

Quando Souto voltou à presidência do jornal pela segunda vez no governo Ivan Bichara, 1974, fui chamado para equipe de reportagem do Jornal. É a fase do jornalismo da qual eu tenho mais saudade. Eu fui chefe de reportagem do jornal e tive a felicidade de contribuir para botar no mercado de trabalho, gente como Paulo Santos, Tião Lucena, Marconi Formiga, O Wellington Farias. Era o tempo que **A União** botava mais gente no mercado do que a faculdade.

■ Do mesmo jeito que ninguém mexia nos comunistas de Roberto Marinho no Globo ninguém mexia dos repórteres Frutuoso Chaves. Você podia ser austero, o chefe chato, exigente com os seus repórteres, mas também não dava direito de ninguém se meter nessa relação?

Arenquei certa vez com um secretário de Estado - me permita não dizer quem foi - porque distribui uma pauta para entrevistar, entrava repórter do Norte, entrava repórter do Correiço da Paraíba e **A União**, como era um jornal da casa, não podia falar mal dele, tomava chá de cadeira. Ai eu tive uma arenga com ele sob risco da própria admissão, mas acho que é um papel nosso, defender a prata da casa, quando possível.

■ Mas você era conhecido como o exímio datilógrafo?

Não digo datilógrafo de usar os 10 dedos. Eu sou “dedógrafo”.

■ Que a gente chamava de catador de milho?

Mas o texto limpo. Ainda hoje no computador sou “dedógrafo”. Eu não consegui fazer um curso de datilografia. Terrível aquilo, maçante. Não, vou ficar nos meus dois dedos. Agora tinha um pior do que eu, que era o Hélio Zenaide, que era um dedo só. E só usava a mão esquerda para rodar o papel.

■ Lembra que a gente trabalhava com a máquina de datilografia e não era permitido o erro ou então um erro longo porque isso ia atrapalhar no cálculo do espaço que a matéria ocupava na página. E quando o repórter chegava pra você com aquela página toda riscada você dizia: “

Vá sentar e bater como deve ser, porque senão o diagramador vai se perder, não vai conseguir fazer o cálculo. Isso é um exemplo de como você trata. Não apenas o cuidado de apurar, checar para transmitir para o leitor a melhor informação. A informação sendo fiel aos fatos, mas também todo o cuidado estético e todo o cuidado no processo...

O texto muito penteado, e a gente chamava de pentear a emenda manuscrita. Riscava-se a frase que o repórter entendia que ficou incorreta para ganhar tempo para ele não voltar a datilografar, ele fazia as emendas, todos nós fazíamos as emendas “à mão, com caneta, e ficava o texto incorreto e por cima do que a gente não tinha coberto, mas o fato é que na hora de fazer o cálculo para diagramação o diagramador trabalhava com a máquina e a medida era Cícero, que na informática passou a ser paica e aquilo exigia para cada fonte, para cada formato de letra, que é a fonte jornalística, o tamanho dessa fonte uma medida diferente, um divisor de Cícero diferente. Se o texto tivesse muito rabisado embaralhava a diagramação, que não sabia o tamanho do texto na página de tão penteado. Então era necessário que esse texto fosse mais limpo, mais perfeito.

■ Mas você era conhecido como o exímio datilógrafo?

Não digo datilógrafo de usar os 10 dedos. Eu sou “dedógrafo”.

■ Que a gente chamava de catador de milho?

Mas o texto limpo. Ainda hoje no computador sou “dedógrafo”. Eu não consegui fazer um curso de datilografia. Terrível aquilo, maçante. Não, vou ficar nos meus dois dedos. Agora tinha um pior do que eu, que era o Hélio Zenaide, que era um dedo só. E só usava a mão esquerda para rodar o papel.

■ Você ficou quanto tempo n' **A União**, chegou a ser chefe de reportagem. Você editou o jornal também?

Não, eu fui chefe de reportagem, depois fui secretário de reda-

ção e depois editorialista. Fiquei n' **A União** na fase de economia mista de 1974, quando a primeira equipe foi instalada até 1979 por assim, mas com esse passado todos os anos 60.

■ E depois d' **A União**? Você foi para a iniciativa privada, porque você foi correspondente também do Globo na Paraíba?

Ainda secretário da Educação de **A União** eu tinha contrato assinado, carteira profissional tudo normal, com o Globo do Rio de Janeiro com vinculação à sucursal do Recife. Quando eu saí de **A União** em 1979, eu levei O Globo comigo. Fui para O Norte. Fui como redator e três, quatro meses depois me ofereceram a editoria do jornal. Mas a fase mais gostosa, mais saborosa, aquela que a gente fez amigos, que são amigos até hoje, irmãos até, foi essa de **A União**. É o que eu tenho de mais saudosos.

■ Como toda a direção d' **A União**?

Como toda a direção: o editor, o secretário e o diretor de jornal que era Crispim.

■ Além desse fato, que como você disse, foi uma barriga nacional e está nos anais do jornalismo no Brasil que outro episódio você destacaria dessa época?

■ Você trabalhou aqui na época em que o prédio foi destruído lá da Assembleia. Você se lembra de algum episódio da época? O governador Ernani Sátiro estava irredutível, queria de toda forma construir a Assembleia e houve muita reclamação?

O Ernani não derrubaria aquele prédio hoje em dia, com os órgãos de preservação todos vigilantes. acontece que o Ernani era governador da Paraíba por indicação. Ele não teve votação popular, era uma escolha dos generais. O governador era escolhido por general. Fazia o que queria sem obstáculo de ninguém. E **A União** foi derrubada naquela fase, mesmo com protesto de jornalista, menos dos jornalistas da casa que não podiam se rebelar. Artigos do Norte, comentários de rádio como os de José Octávio, de Otinaldo Lourenço, reclamando da derrubada daquele prédio histórico, uma espécie de templo sagrado do jornalismo brasileiro.

■ Afinal são 130 anos de História?

É por isso que eu falo que é um templo, jornalismo.

■ E como foi a vinda para o distrito?

Mudança às pressas, de forma

É um fato, eu lembro de um fato que ocorreu ainda na redação antiga, aquela da Praça João Pessoa. Foi a chegada do primeiro Telex do jornal. O Telex foi instalado na sala do diretor total aqui da redação. Não havia um aparelho de rádio e era uma época e que o ministro do Exército era o sucessor natural do presidente da República e o perfil do Orlando, eu me lembro, foi preparado com uns 15 dias de antecedência, por gente como Marconi Cabral. Eu acho que o Carlos Aranha estava aqui. E o jornal estava sob direção do nosso saudosos Luiz Augusto Crispim. A escolha do Ernesto surpreendeu a imprensa nacional, evidentemente não cometeu a barriga porque estava acompanhando os fatos, e **A União** estava aqui. O que era o Distrito Industrial naquela época? Metade da viagem para o Recife. É verdade sem aparelhagem nenhuma, não tinha um telex, não tinha uma agência, não tinha nada. A “tesoura press” funcionando no jornalismo nacional nesses primeiros dias. Foi um erro, uma barriga, mas até certo ponto desculpável.

■ Mas o governador Ernani Sátiro não desculpa ninguém?

Não. O governador Ernani Sátiro estava em Brasília e foi algo inclusive da ridicularia dos colegas. Naquela época quando o governador voltava para o seu estado se formava assim uma fila para o beija-mão. Isso é verdade. O Noaldo Dantas, que era secretário de Comunicação do Governo era o último da fila. O governador apertou - não vi isso, mas é o que se fala. Não sei até que ponto é verdade - o governador apertando a mão de um por um e quando chegou a vez do Noaldo disse: “A gente conversa depois”. Noaldo foi demitido.

■ Já é outro departamento?

Eu fui repórter do Globo, do Rio de Janeiro de 10 anos vinculado à sucursal do Recife e a gente sabia, previamente o que ia ser publicado, o que não seria publicado. Não é prerrogativa de **A União** a censura - vou chamar de censura interna. **A União** sempre esteve e sempre estará para os governos do Estado quanto o Observatório Romano está para o papa. É natural e compreensivo isso. Agora eu acho que o grande papel do jornal sempre será o de um jornal de serviço.

■ Informar no detalhe?

A União tem obrigação, não só de divulgar uma portaria, uma decisão do governo, mas de comentar essa portaria. Que efeito ela tem na vida da sociedade em segmentos da economia, da agricultura. Quando **A União** conseguiu isso será dos melhores jornais do país.

■ Talvez seja a última saída, porque o jornalismo impresso, a gente sabe que tá com dificuldade?

Até porque não conseguiu uma linguagem analítica. Não pode ser meramente factual, porque está todo mundo simultaneamente na internet. A TV que dá no dia. Então o jornalismo impresso só sobreviveria com uma equipe de muito boa qualidade, com analistas de todos os setores, que noticiasse não apenas o fato, mas o destrinchasse, falasse da repercussão, desse fato na vida da sociedade na forma geral. Como isso repercute na educação, como isso repercute na agricultura, na economia de uma forma geral. Tem que partir para isso. Acontece que esse tipo de jornalista custa caro.

■ Por isso, muita gente jovem inexperiente nas redações?

Estão fazendo jornal com meninos, o que é uma lástima. O que acontece com os meninos hoje? O pessoal que sai da universidade para fazer jornal acha que o corretor ortográfico resolve tudo. Não resolve. Resolve, talvez, erros ortográficos, mas a

concordância verbal, a concordância nominal, para não falar das técnicas de codificação do jornalismo do lide, do sublide. Então esse pessoal não tem mais a referência do copidesque, do redator, que era o sujeito mais experimentado e encarregado de dar texto final ao que o repórter trazia da rua. Então, essa menina toda perdeu essa referência. Eu li, que na imprensa brasileira - estou falando da grande imprensa - a média de erros diários era de cem por edição. Seriam dez nos Estados Unidos e não é porque a língua é mais fácil não, é porque o cuidado é o maior por lá, se pressupõe.

■ Como é que você viu esse avanço tecnológico, já que você começou na era do chumbo, na linotipo, tinha que tomar leite por conta da periculosidade?

A revisão reclamava muito, nos queixávamos porque nós ocupávamos o mesmo espaço da oficina. Aquele vapor de chumbo ali. E o pessoal tinha, além do leite, uma gratificação por insalubridade que a revisão não tinha. E era um reduto de esquerdistas. Quando eclodiu o golpe de 64 muita gente da equipe de revisão do jornal foi procurada. O Enilson, o menino que era do curso de engenharia, Arnaldo. A ditadura começou a procurar esse pessoal.

■ O interessante é que com o poder de interferir eles não interferiam, porque revisão para se mudar uma letrelinha, trocar um adjetivo adjetivo, muda o sentido?

Quando eu entrei na equipe para fazer a revisão do Diário Oficial dos atos de governo, o chefe Rui Rio Branco disse: “Frutuoso você tenha cuidado nessas revisões do Diário, porque tem uma insatisfação muito grande aqui com atraso de salários, entre Pedro Gondim e a posse de João Agripino.

■ Você trabalhou com Barreto Neto, Gonzaga, Agnaldo Almeida?

Trabalhei com todos eles. Agnaldo veio para a editoria do jornal com o mesmo convite dos outros. O convite que eu recebi para a chefia de reportagem e ficamos aqui no Distrito Industrial já nessa fase nova d' **A União**. Mas o profissional que mais me impressionou nos meu início no jornalismo foi o Antônio Barreto Neto. Um bom articulista, um bom cronista e um bom jornalista.

■ Até porque os três são completamente diferentes?

Completamente diferentes. O noticiário não admite o eu, o nós. O repórter não aparece na notícia que produz. Diferentemente do que acontece com o cronista e até com o articulista que emite a opinião dele. O Barreto fazia bem essas coisas todas. Texto de noticiário primoroso, enxuto, redondo. Aprendi muito com Barreto.

■ Barreto me impressionou muito também e outra referência que todos temos é por conta do excelente bom humor que ele tinha, de brincar com todo mundo?

Exatamente. Eu comecei com o caderno 2 d' **A União** aqui no Distrito assim que o jornal mudou antes dessa equipe que você fala do Agnaldo. Eu estava como redator, logo depois da mudança do jornal para cá me encarregaram da editoria do caderno 2. Eu

não tinha repórter. Editava e eu mesmo era o repórter. Eu entrevistei um primo do meu pai que tinha servido na Marinha Mercante do Brasil no tempo da Segunda Guerra Mundial, quando submarinos começaram a torpedear navios brasileiros. Ele fazia parte da equipe do navio Buarque, que foi torpedeado e ele conseguiu escapar, porque um navio patrulha americano, que também estava aqui na Costa do Brasil, para dar proteção a essa frota que transportava viveres e mantimentos para o palco da Guerra. Uma história interessantíssima e eu conversei com esse primo e o jornal publicou com destaque. O título: “Eu vi o Buarque afundar”. A noite na redação, o Barreto chegou para mim: “Frutuoso, você viu?” O quê? “O Buarque afundar”. Ele animava, não deixava ninguém quieto, lançava - a redação toda compenetrada trabalhando - e ele não lançava a palavra de rima rica: “Tambaú” para ouvir a resposta. E era também um grande analista. Eu aprendi a gostar do cinema lendo Barreto.

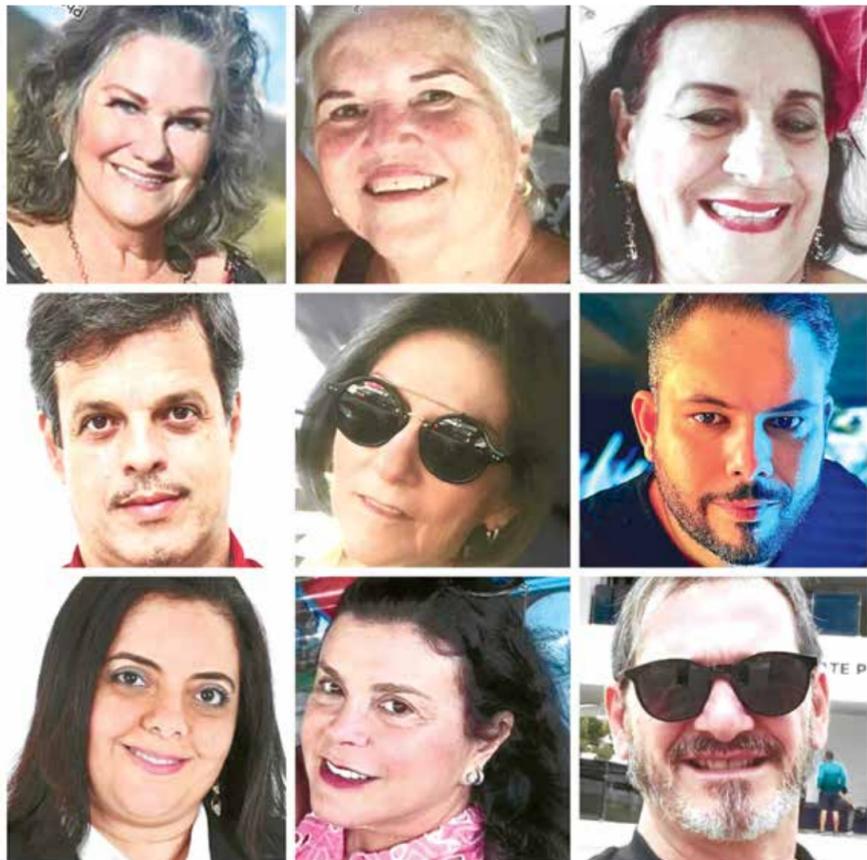
■ Alguma outra lembrança especial?

A equipe que mais lembro era a formada por Tião Lucena, Paulo Santos e Wellington Farias. Aliás há um episódio especial com Wellington Farias, que me foi apresentado por Werneck. Comecei a distribuir umas pautas, com pessoas que eu já conhecia, amigos meus em direção de cargo público ou da iniciativa privada como a Cacex do Banco do Brasil responsável pela exportação e dava a pauta, ligava para pessoa quando repórter saia, para atendê-lo. E o Wellington começou a me trazer uns textinhos redondos. Eu pedi a contratação. Ai os textos de Wellington caíram de qualidade. Miseravelmente. Eu digo isso porque ele conta, inclusive em depoimento aqui para um livro que **A União** publicou. O que foi que houve rapaz, desapareceu? Ai ele confessou, um tempo depois, que atuando na Tabajara, o Gilvan Brito ajudava.

■ Alguma experiência em outros veículos?

Do Jornal **A União** eu saía aqui de manhã e o Alarico Correia Neto fazia um programa, eu não diria de política, era um programa de notícias variadas na Rádio Correio da Paraíba, que funcionava na Barão do Triunfo. Então eu fui ajudar lá como repórter do programa Cidade Aberta e levava notas de gravadas pra leitura pra locução. E no caso algumas entrevistas com gravador de alça pesado, que você andava um quarteirão, e já estava trocando de mão porque cortava, pesadíssimo, aquelas fitas. Na hora de entregar o material, eu fazia um texto de apresentação, fazia as perguntas por escrito. A não ser quando minha voz aparecia no intermédio da conversa, uma questão ou outra. Mas o fato é que eu detesto câmera. E detesto microfone. Os amigos todos sabem disso e só digo não quando não posso dizer sim. Por uma questão de afinidade. Por uma questão de bemquerência, que é o caso de vocês aqui a quem eu agradeço a lembrança e me ponho sempre à disposição.





Shilon Gama, André Lubambo, Tânia Gusman, Roberta Aquino, Augusto Magalhães, Edla Julinha Guedes, Adriana Rodrigues, Teresa Moura Rodrigues, Gustavo Rabay e Ana Lúcia Pinto são os aniversariantes da semana

IMOBILIÁRIA

PARAÍBA PROPERTY

www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

CRECI 0362-J

SAO BRAZ

ESPRESSO SÃO BRAZ EM CÁPSULAS. EXPERIMENTE.

PARA MÁXIMO APROVEITAMENTO

*marca de terceiro não relacionada com a São Braz.

Luciana Palmeira, a nossa querida primogênita, escreve sua história em outras plagas. Ela, que atua como Senior Manager do CRM do Bradesco, é coautora no obra "Uma sobe e puxa a outra", em seu segundo volume. A obra, já é considerada um best-seller, tem prefácio da CCO e diretora executiva do Bradesco, Glaucimar Peticov.



Sob a coordenação de Christiane Pelajo, Ana Ferraz, Daniela De Luca, Fabiana Raulino, Flávia Lippi, Roberta Suplicy e Natasha de Caiado Castro, o segundo volume da obra continua o manifesto da sororidade feminina além de objetivar dar voz, aumentar oportunidades e permitir que os recursos humanos, físicos, materiais, financeiros e a força do coletivo ajudem não só mulheres, mas todos os que queiram fazer do mundo um lugar mais agradável.

Irene Dias (foto), uma das autoras paraibanas mais atuantes, vai lançar o romance "Intolerância", na Academia Paraibana de Letras, no próximo dia 26. Claro que marcarei presença.



O famoso quadro La joven de la perla, que se encontra no Museu Mauritshuis, em Haya, na Holanda, é uma das obras mais famosas da história da arte universal. A foto, registrada por um funcionário do local, mostra a obra prima de Johannes Vermeer, pintor que nasceu na cidade holandesa de Delft. Mauritshuis, que em holandês significa "casa de Maurício", presta homenagem ao Conde Maurício de Nassau, holandês que governou o Nordeste brasileiro em meados do século 17.



Confirmado: A secretária executiva da Cidadania e Direitos Humanos de João Pessoa, Raissa Lacerda (foto), com o pedido de afastamento do vereador Chico do Sindicato, vai voltar à Câmara Municipal de João Pessoa. O retorno da parlamentar à Casa de Napoleão Laureano deve acontecer no início da próxima semana.

A chapa ACI UNIDA, presidida pelo jornalista João Pinto e pela vice-presidente, Magdônia Alves, obteve êxito na última eleição da Associação Campinense de Imprensa. O pleito, realizado com chapa única, foi realizado no prédio do Sindicato diz Urbanitários, entidade de classe dirigida por Wilton Maia. A posse da nova diretora, referendada com respaldo da categoria, deve acontecer em breve.



A médica Ana Olímpia vai festejar seus bem vividos 80 anos, no dia 7 de junho próximo, com missa na Igreja São Gonçalo, às 19h, e, logo após, fará evento festivo no salão de festas do Residencial Ultramar, no Altiplano Cabo Branco. Ana Rosa, filha de Ana Olímpia, está feliz com a festa que vai homenagear a aniversariante querida.

O escritor e advogado Thélío Farias, filho do casal de juristas, Liedson Farias e Celeide Queiroz, é candidato à Cadeira de nº 11 da Academia Paraibana de Letras. Além de Thélío, o escritor Renato César Carneiro também concorre à vaga deixada pelo saudoso ex-reitor da UFPB, Jackson Carneiro de Carvalho.

A ex-prefeita de Patos e deputada estadual, Francisca Motta, convidando para o "Sarau do Artesanato", evento cultural que vai acontecer na próxima terça-feira (9), no Museu do Artesanato Paraibano, espaço localizado na Praça da Independência, a partir das 15h.

Com a formação clássica dos anos 1980, a famosa banda Titãs se apresenta no dia 1º de junho, na capital paraibana. A turnê, que começou em abril, no Rio de Janeiro, reúne os artistas Arnaldo Antunes, Charles Gavin, Nando Reis, Paulo Miklos, Branco Mello, Sérgio Britto e Tony Bellotto. O show, que vai acontecer na Praça do Povo do Espaço Cultural José Lins do Rego, deve reunir centenas de amantes do grupo que tornou referência na interpretação do melhor rock nacional.

Selic

Fixado em 3 de maio de 2023

13,75%

Sálário mínimo

R\$ 1.320

Dólar \$ Comercial

-0,98%

R\$ 4,944

Euro € Comercial

-0,95%

R\$ 5,447

Libra £ Esterlina

-0,63%

R\$ 6,246

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Março/2023 +0,71

Fevereiro/2023 +0,84

Janeiro/2023 +0,53

Dezembro/2022 +0,62

Novembro/2022 +0,41

Ibovespa

105.148 pts

+2,91%

SERVIÇO ESPECIALIZADO

Cresce mercado de planos de saúde para *pets* na PB

Clínicas com pacotes de cuidados aos animais surgem como opção para tutores

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodrigues@gmail.com

O mercado de produtos e serviços veterinários movimentou a quantia de R\$ 5,9 bilhões, no ano passado, de acordo com a Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação (Abinpet). O faturamento do setor de *pets* alcançou a cifra de R\$ 41,9 bilhões, com o crescimento de 17,2% sobre 2021. Em João Pessoa, clínicas veterinárias oferecem serviços de diagnóstico e tratamento dos animais de estimação, e os tutores chegam a gastar milhares de reais para restabelecer a saúde dos bichinhos. Além do tratamento particular, há opção pela contratação de planos de saúde.

O casal George Lucena e Fábio Bezerra escolheu o *bulldog* francês, Tobias, há seis anos, mas logo descobriu que o *pet* tinha problemas de alergia bem acima da média. Por conta disso, o “filho” do casal faz uso de medicamento antialérgico que custa de R\$ 350 a R\$ 400. Um caixa só dura 20 dias.

“Demoramos em torno de um ano para saber o diagnóstico de Tobias. Antes disso, fomos a vários veterinários. Se ele não tomar o medicamento, tem muita coceira”, explica o tutor George Lucena. Ele conta que, apenas no começo deste ano, gastou em torno de R\$ 3.500 para tratar da saúde de Tobias, entre consultas, remédios e cirurgia.

“Nas proximidades do Carnaval, ele apresentou uma úlcera no olho. Como ele continuou coçando, houve uma perfuração e ele precisou ser operado. Por conta disso, nós desistimos até de viajar no Carnaval. Tínhamos de ministrar três tipos de colírios a cada seis horas, inclusive de madrugada”, afirma George. Após o procedimento, Tobias passou 30 dias com um colar elizabetano para evitar que ele lambesse o olho.

De acordo com o tutor, normalmente, os serviços realizados por Tobias não seriam cobertos pelos planos de saúde. Contudo, ele pensa em contratar um plano para o *pet*, quando ele estiver mais velho.

O outro *pet* do casal é Manu, de um ano e meio de idade. Ela foi adotada em uma ONG de resgate de animais e não tem raça definida. Ao levá-la para fazer os exames iniciais após a adoção, houve o diagnóstico de carrapato e leishmaniose, que, em cães, não tem cura. Desde então, eles investiram mais de R\$ 4 mil para melhorar a qualidade de vida de Manu. Atualmente, ela toma vacina a cada 21 dias, a um custo médio de R\$ 400.

Empresas prestam serviços nas áreas de prevenção e tratamento

Há cinco anos no mercado de João Pessoa, a clínica Jampa Vet, é uma das primeiras a trabalhar com medicina preventiva, diagnósticos e alimentação natural. De acordo com a proprietária, Vanessa Trevisan, a empresa presta serviços para quatro operadoras de planos de saúde, na cidade: Pet Top Saúde, Planvet Saúde, Amigo Pet e Pet Love. A última é a mais nova a ingressar no mercado local.

Vanessa Trevisan conta que a clínica ganhou vários clientes com a adesão ao plano da Petlove, oferecendo o serviço de microchipagem, que consiste na inserção de um *microchip* no dorso do animal, com uma numeração. A partir daí, o animal pode ser identificado, bem como seu tutor.

“Quando o animal for ao veterinário, ele passa o leitor de *microchip* para conferir se o animal atendido é o mesmo do prontuário. É como um RG. Se o animal se perder, quem tiver um leitor, poderá identificá-lo”, enfatiza a empresária. “No caso do Petlove, quem aderiu ao plano, ganhou a *microchipagem*”, completa.

Entre os serviços de diagnóstico, a clínica oferece os exames bioquímicos, parasitológico, urinários, testes rápidos e avaliação de pele, entre outros. Além das consultas com veterinários especializados em cardiologia, anestesiologia, ortopedia e citopatologia, há bloco cirúrgico no local para realização dos procedimentos necessários.

De acordo com Vanessa Trevisan, a diferença de preços entre o serviço particular e pelo plano de saúde depende da política de cada empresa.

Há quem trabalhe com valor similar e com valor bem abaixo. “Normalmente, as clínicas realizam um atendimento diferenciado entre o plano e o particular, mas prezamos pelo mesmo padrão. Para nós, é interessante trabalhar com os planos de saúde porque ampliamos a cartela de clientes”, comenta.

Valores oscilam

A empresa Petlove disponibiliza o serviço de plano de saúde para cães e gatos com ofertas a partir de R\$ 4990 ao mês. A rede conta com mais de 20 parceiros em João Pessoa, clínica de atendimento 24 horas, cinco clínicas veterinárias que realizam cirurgias, três laboratórios e sete veterinários que atendem em domicílio. Também há o serviço de profissionais especializados em ortopedia, cardiologia, dermatologia e nutrição. O plano ainda dispõe de serviço de teleorientação com médicos veterinários.

A plataforma oferta mais de 15 itens para *pets* nos segmentos de alimentação, higiene e beleza, acessórios e brinquedos, entre outros, com entrega em todo o estado. A expectativa da empresa é alcançar a cobertura em 100 cidades até o final do ano e uma receita de R\$ 650 milhões até 2025.

Procura crescente

Segundo levantamento da Abinpet, o Brasil conta com mais de 85 milhões de cães e gatos adotados e, destes, apenas 0,2% possuem um plano de saúde. De acordo com a Euromonitor, o mercado internacional de *pets* registrou um faturamento de US\$ 139,2 bilhões, em 2021. Os Estados Unidos da América lideram o consumo, concentrando 44,8% dos valores, seguidos pela China (9%). O Brasil ocupa a sexta posição, com participação de 4,5%.

“

Demoramos em torno de um ano para saber o diagnóstico de Tobias. Antes disso, fomos a vários veterinários

George Lucena

Foto: Arquivo pessoal

Opinião

Mateus Magno
CEO da Sambatech | Colaboração

Novos tempos pedem crescimento sustentável dos negócios

Em um cenário de rápidas transformações, como o vivido atualmente, as companhias estão enfrentando novos conjuntos de desafios. A era digital mudou a maneira como as pessoas consomem e interagem com produtos e serviços, criando uma necessidade de adaptação e evolução por parte das empresas para se manterem competitivas e atualizadas. No entanto, à medida que essas organizações navegam por esse novo cenário, fica clara a importância de priorizar a saúde e a sustentabilidade dos negócios para conseguir ter sucesso a longo prazo.

De acordo com uma pesquisa realizada pelo Pacto Global da Organização das Nações Unidas (ONU), aproximadamente 78,4% das empresas brasileiras já adotaram a agenda ESG, e para 70% delas o maior impacto dessa ação tem sido em sua reputação e imagem perante a sociedade.

Um dos fatores fundamentais para garantir o crescimento saudável é focar na criação de uma forte cultura empresarial. Essa iniciativa tem um enorme potencial de ajudar a instituição a atrair e reter os melhores talentos e promover o trabalho em equipe e a colaboração entre os times.

Mas, para alcançar isso, é importante que as companhias priorizem o bem-estar físico e mental dos colaboradores, oferecendo salários e benefícios competitivos, regime de trabalho flexível, oportunidades de desenvolvimento de carreira e se mantendo atentas para as novas demandas que surgem com o passar do tempo.

Outro ponto essencial para promover o desenvolvimento sustentável dos negócios é manter uma agenda voltada para a inovação e criatividade, que inclui um foco especial em automação de processos repetitivos; implementação de uma cultura de testes e experimentações; inteligência continuous (maneira de interpretar dados de forma contínua, descobrindo padrões e aprendendo o que é valioso nesses dados), mapeamento e entendimento da maturidade cultural e digital; estrutura organizacional, e identificação e remoção de atritos e fricções na jornada do cliente.

Nesse cenário, a sustentabilidade e responsabilidade social também possuem um papel importante. Os consumidores estão muito mais conscientes sobre o impacto que suas escolhas têm no meio ambiente e na sociedade, e, por isso, buscam cada vez mais por empresas que compartilhem seus valores.

Por fim, as instituições precisam permanecer ágeis e adaptáveis para transitar nesse contexto de mudanças velozes da era digital, o que significa investir em análise e gestão de dados para se manter atualizado com as últimas tendências e estar disposto a mudar e ajustar as estratégias conforme necessário, e em hiper automação e hiper personalização, para conseguirem entregar cada vez melhores soluções para os clientes.

Os novos tempos exigem que as empresas favoreçam o crescimento sustentável para de fato evoluírem e alcançarem outros patamares no mercado, e apenas ao se manterem flexíveis e com a mente aberta é que elas podem se posicionar para o sucesso mesmo diante das incertezas e crises que certamente virão.

*Excepcionalmente neste edição não teremos a coluna Economia em Desenvolvimento de João Bosco Ferraz de Oliveira.



SOLUÇÕES INTELIGENTES

Tecnologia IA transforma empresas

Cerca de 63% dos negócios brasileiros usam os dados com o objetivo de identificar tendências e padrões de consumo

Agência Estado

O crescimento do uso da inteligência artificial (IA) e dos assistentes virtuais tem impactado as empresas. Atualmente, o Brasil ocupa o *ranking* de país mais avançado no uso de inteligência artificial em toda a América Latina, de acordo com uma pesquisa da Statistical Analysis System (SAS). Cerca de 63% das empresas brasileiras que têm soluções de dados e *analytics*, utilizam inteligência artificial. Destas empresas apontadas no estudo, 90% investem nesses dados com o objetivo principal de identificar tendências e padrões de consumo.

Um outro levantamento realizado pela IBM, apontou que 41% das empresas no Brasil já utilizam IA em operações comerciais e que 34% das empresas já estão explorando o uso. Os mesmos dados reforçam que o principal desafio trazido pelas empresas na América Latina é garantir a segurança da informação, independentemente do tamanho da organização.

O especialista em desenvolvimento de *software*, Matheus Lúcio, concorda com o ponto trazido na pesquisa: "É importante considerar as questões éticas e de privacidade relacionadas à utilização de dispositivos

Estudo apontou que 41% das empresas já utilizam IA em operações comerciais e 34% iniciaram a exploração deste uso

baseados em inteligência artificial. A coleta e o uso de dados pessoais dos usuários precisam ser uma preocupação, assim como a possibilidade de que os assistentes virtuais sejam *hackeados* ou usados para espionar as pessoas", comenta o especialista.

Para Matheus, é imprescindível que as organizações responsáveis pela criação dos assistentes virtuais e demais recursos que utilizam inteligência artificial estejam cientes dessas questões e trabalhem para garantir a privacidade e a segurança dos usuários. Assim como diversas tendências, o mercado vem acompanhando estas evoluções para estarem mais próximas ao seu público e melhorarem processos.

População adere às novidades

A população brasileira está cada vez mais adepta ao uso de *smartphones* e às facilidades de otimizar processos e tarefas do dia a dia. Atualmente, o número de celulares conectados ultrapassa o número de habitantes no Brasil, sendo 242 milhões de aparelhos, de acordo com dados da FGV.

Um outro ponto de observação, que pode estar atrelado a otimização das tarefas, é que, de acordo com o estudo realizado pela Ilumeo, a maioria dos brasileiros já fez uso de algum assistente virtual. Os dados mostraram que o crescimento do uso de assistentes virtuais por voz em *smartphones* passou de 87% para 91% em dois anos.

A pesquisa também aponta que 67% dos entrevistados já recorreram ao assistente virtual para diversos assuntos, como clima, por exemplo. É possível notar, dessa maneira, que também já existem no mercado diversos aplicativos e *chatbots* com recursos de inteligência artificial que exercem o papel de um assistente virtual e que podem auxiliar nos mais diversos processos cotidianos

como: saúde, agenda, estudos, trabalho, exercícios físicos, dentre outros

A popularização de dispositivos de assistência por voz, como Alexa, Siri e Google, também é um ponto trazido na pesquisa. Para o especialista Matheus Lúcio a evolução da inteligência artificial permitiu a criação de assistentes virtuais cada vez mais sofisticados como os citados anteriormente.

O especialista comenta que o uso dos assistentes virtuais pode trazer diversas vantagens. "As consequências mais tangíveis da utilização da inteligência artificial em assistentes virtuais incluem a melhoria da eficiência e da produtividade, bem como uma maior comodidade para os usuários. Por exemplo, é possível realizar tarefas como enviar mensagens de texto, agendar compromissos e fazer compras sem ter que digitar ou tocar em um teclado ou tela."

Maior procura

Matheus Lúcio ainda acrescenta que o uso desses recursos tem mudado a forma como as pessoas interagem com seus dispositivos ele-

trônicos, tornando a interação mais intuitiva e natural. "Os usuários podem falar com seus dispositivos como se estivessem conversando com outra pessoa ao invés de digitar comandos em um teclado ou tocar em uma tela. Isso pode tornar o

uso de dispositivos eletrônicos mais acessível para pessoas que têm dificuldade em digitar, por exemplo."

Outro exemplo recente que tem mudado o mercado e interações com usuários é o Chat GPT Lançado no final do ano de 2022, o *chatbot* tem sido

alvo de discussões recentes em diversos países sobre questões relacionadas à privacidade e controle de informações. Atualmente são cerca de 100 milhões de usuários ativos mensalmente, de acordo com dados UBS e noticiado pela InfoMoney.



Evolução da inteligência artificial permitiu a criação de assistentes virtuais cada vez mais sofisticados

Brasileiros estão entre os que mais usam assistentes virtuais



O uso da inteligência artificial por parte da população fez o Brasil ficar entre os cinco no ranking dos países com maior número de usuários de chatbot

Um estudo com dados de janeiro de 2023, mostrou que o Brasil está entre um os cinco países que mais acessam o ChatGPT. A pesquisa realizada pela Semrush, de gerenciamento de visibilidade *on-line*, mostrou que o país ficou na frente de nações como Espanha e Reino Unido.

A empresa divulgou que o *site* do ChatGPT teve um total de 863 milhões de acessos no mundo, e o Brasil corresponde a 4,3% desse total, ficando em quinto lugar no *ranking* de países que mais acessam a plataforma. O Brasil só perde para os EUA (19,5%), Alemanha (5,9%), França (5,7%) e Índia (4,7%).

O estudo também revelou que a maioria dos usuários e visitantes do ChatGPT são de pessoas entre 18 e 24 anos (35,8%) e entre 25 e 34 anos (47,6%), majoritariamente do gênero masculino, que correspondeu a 89% dos acessos.

Lançado em novembro do ano passado, o ChatGPT, criado pela startup OpenAI, é um *chatbot* que usa inteligência artificial para criar qualquer tipo de texto conforme os comandos fornecidos pelo usuário. O sistema foi um sucesso e levou outras grandes empresas, como o Google, a investirem em IA. A Microsoft investiu na OpenAI e passou a incluir o ChatGPT no seu buscador Bing.

Brasil corresponde a 4,3% do total de 863 milhões de acessos no mundo do ChatGPT

ASTRONOMIA

PB é o melhor lugar para ver eclipse

Fenômeno será em outubro e vai atrair astrônomos e especialistas a Araruna, onde a observação será privilegiada

Renato Félix e
Márcia Dementshuk
Assessoria Secties

A Paraíba vai protagonizar um precioso momento na astronomia no dia 14 de outubro: um eclipse anular (ou anelar) do Sol, e o estado será um dos melhores lugares do planeta para observá-lo. Este é um fenômeno raro em que a Lua fica entre o Sol e a Terra, mas sem encobri-lo totalmente. O resultado é que a silhueta da Lua fica circundada pela extremidade do astro-rei, criando a imagem de uma espécie de “anel de fogo”.

De forma parcial, o eclipse poderá ser visto em todo o nosso país. Mas a estreita faixa de visibilidade total do fenômeno vai passar pelo noroeste dos Estados Unidos, seguindo pela América Central, Amazônia e finalmente cruzando o Nordeste até o litoral – exatamente nas áreas de Natal e João Pessoa. Araruna, onde fica o Parque Estadual da Pedra da Boca, é apontada como um dos melhores lugares para observar esse fenômeno. Além da área aberta do parque, a cidade tem estrutura para receber os astrônomos que virão.

O evento anterior desse tipo – mais raro que o eclipse total do Sol – só pôde ser visto em áreas desabitadas do Ártico, isoladas e em boa parte com o céu encoberto, em junho de 2021. Já o deste ano pode ser visto em áreas com boa estrutura, cidades próximas e, além de tudo, vai cair em um feriadão: o dia 12 de outubro será numa quinta-feira e o eclipse acontecerá no sábado, dia 14. Assim, quem quiser viajar para acompanhar o fenômeno de um lugar ideal terá essa oportunidade e os astrônomos estão com muita expectativa.

“Principalmente aqui no Brasil porque esse é o principal e mais importante eclipse que vamos ter até 2045, quando haverá um eclipse total do Sol”, conta Marcelo Zurita, presidente da Associação Paraibana de Astronomia. “E o deste ano vai ter uma área de visibilidade boa. Aqui na Paraíba não tem nada semelhante desde 1940, quando houve um eclipse total do Sol. Veio até uma equipe da National Geographic Society para fazer o registro em Patos”. E, ainda assim, a observação do fenômeno em Patos foi prejudicada: o céu ficou nublado justamente no dia do eclipse.

“O eclipse solar é visto de uma região muito pequena do globo”, explica Zurita. “No dia 14 de outubro, essa faixa vai ser mais generosa. Só quem está mais próximo ao centro da faixa consegue ver a Lua exatamente no centro do círculo solar. E a linha central passa pela cidade de Araruna”.

Zurita explica que Araruna é uma cidade estruturada e fica próxima da capital. Por isso, é para lá que foi marcado o Encontro Nacional de Astronomia, de 12 a 14 de outubro. O evento vai reunir grandes nomes da astronomia nacional. “São aguardados uns 500 participantes”, afirma ele.

A Paraíba poderá observar o eclipse anular no final da tarde e o fenômeno deve durar 4 minutos e 19 segundos. Estar próximo do pôr do sol é mais uma vantagem, explica Zurita: “É uma maravilha, já que a melhor coisa a fazer em um eclipse é fotografar, registrar o momento. Como ele já vai acontecer com o Sol mais baixo, serão imagens incríveis”.



Foto: Antônio David

Eclipse poderá ser visto em todo o nosso país. O Parque Estadual da Pedra da Boca, em Araruna, é apontado como um dos melhores lugares para visualização

Observar o Sol sem proteção causa danos à visão

Embora esta seja uma oportunidade única para a observação de um eclipse, esta atividade não é simples e exige cuidados. “Muita gente, numa situação assim, olha diretamente pro Sol ou – pior – usa binóculos”, alerta Zurita. “Num eclipse solar não há nenhum momento em que é seguro olhar para o Sol. Podem haver danos permanentes para a visão de qualquer pessoa”.

Também não é recomendável improvisar um filtro com uma chapa de raio x, como muitas pessoas acreditam. “O único improvisto aceitável é usar filtro de soldador. E, mesmo assim, não por muito tempo”, informa. “Para observar um eclipse, a gente usa filtros especiais”.

Ele conta que filtros ideais para observação solar podem ser encontrados à venda pela internet. “Existem óculos especiais para isso e filtros que podem ser aco-

plados a uma câmera fotográfica ou outro instrumento. Sem isso e sem acompanhamento de pessoas especializadas, é melhor não arriscar”, avisa.

Eventos até outubro

Diversos eventos vão movimentar a Paraíba na área de astronomia. No próximo mês a Associação Paraibana de Astronomia (APA) enviará uma delegação para Gravatá, em Pernambuco, para o 23º Encontro de Astronomia do Nordeste (Eane). O encontro ocorrerá entre 8 e 10 de junho.

Outra data importante no calendário é o “Asteroid Day”, o Dia Internacional do Asteroide, uma data estabelecida pela Assembleia Geral das Nações Unidas, como sendo o dia 30 de junho de cada ano.

“É uma mobilização mundial que tem como objetivo a conscientização das pessoas a respeito dos

riscos de impacto de um asteroide com a Terra e o que pode ser feito para evitar ou minimizar os seus danos. Este trabalho de conscientização deve ser feito através de atividades coordenadas por especialistas no assunto”, explica Zurita.

Segundo ele, a data remete ao episódio ocorrido na Sibéria no dia 30 de junho de 1908, conhecido como Evento Tunguska. O asteroide destruiu 80 milhões de árvores em uma área de dois mil quilômetros quadrados.

Em alusão ao Dia Internacional do Asteroide, a APA realizará atividades nas escolas na Paraíba nos próximos dois meses. Escolas interessadas em receber o evento podem entrar em contato com a Associação.

Já a 23ª edição do Encontro Nacional de Astronomia (Enast), nos dias 12 a 14 de outubro, em Araruna, está sendo organizado pela Universidade Estadual da Paraíba

(UEPB), a Associação Paraibana de Astronomia e o Instituto Federal da Paraíba (IFPB/Nepa).

Os astrônomos amadores e profissionais do país estarão presentes e irão interagir com os participantes. Estão programadas palestras e minicursos ministrados por grandes nomes da astronomia nacional. No dia 14 de outubro haverá a observação do Eclipse Anular do Sol de 2023.

As inscrições já estão abertas no site apapb.org/23enast, para participantes e submissão de trabalhos que serão apresentados no evento.

A UEPB em Araruna, que recebe o encontro, está disponibilizando alojamento e área para *camping* para os inscritos. Além disso, o Arquivo Afonso Pereira está subsidiando a inscrição de 50 estudantes. O sorteio dos estudantes contemplados é feito de forma automática no ato da inscrição.



Imagem: Divulgação/Secties

Trajatória do eclipse anular do sol, o mais importante eclipse que o Brasil vai observar até 2045: a linha central passa pela cidade de Araruna

INOVAÇÃO

Uso sustentável do bambu

Tipo de grama tem vasta possibilidade de aplicação, no entanto, há poucas pesquisas na área no país

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

O bambu é uma planta que pode ter milhares de aplicações. Seja na construção civil, arquitetura, artesanato, na produção de móveis e até na geração de energia, essa espécie vegetal demonstra eficiência e ainda é considerada por especialistas como um material ecologicamente correto. “Ele é muito importante do ponto de vista ambiental, porque pode substituir muitos materiais poluentes como o concreto, aço e o plástico”, declarou o engenheiro civil e professor emérito da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Normando Perazzo, que começou a estudar essa espécie vegetal na década de 1980. As potencialidades do bambu e de outros materiais vão estar na pauta de discussões da “Conferência Internacional sobre Materiais e Tecnologias de Construção Não Convencionais”, que será realizada de 6 e 8 de novembro, em João Pessoa.

O evento ocorrerá no antigo Hotel Ouro Branco e contará com conferencistas nacionais e internacionais, vindos de países como Suíça, Colômbia, França e Espanha. A iniciativa é uma promoção da Associação Brasileira de Ciência dos Materiais e Tecnologias não Convencionais (ABMTENC), com sede no Rio de Janeiro, que tem como presidente o professor Normando Perazzo. “O objetivo é estimular o uso de materiais não convencionais e não impactantes ao meio ambiente na construção civil e na arquitetura”, frisou.

Entre os materiais usados na construção civil que têm baixo impacto no meio ambiente estão os resíduos industriais, as fibras vegetais e a terra crua. “Os materiais que se ensinam nas escolas de engenharia e arquitetura como concreto, aço, cimento são os convencionais. Esses outros, como as construções com bambu e terra, ainda não são ensinados nas universidades”, explicou.

Segundo ele, o bambu se encaixa perfeitamente dentro do conceito da sustentabilidade. “Se você pega uma planta que cresce normalmente na natureza, usa energia solar para ser cultivada, é reabsorvida facilmente na natureza quando se degrada, tem uma grande capacidade de absorver CO2 (Dióxido de Carbono), então, é um material para o século 21, porque o mundo passa por uma crise sem precedentes na área ambiental. O bambu é um produto renovável, com boas propriedades mecânicas e que poderia substituir uma parcela considerável de muitos materiais poluidores”, acrescentou.

Um dos vilões do meio ambiente é o plástico, que está presente em incontáveis equipamentos do dia a dia e demora mais de 400 anos para se decompor. O material compõe quase todo o lixo jogado nos oceanos e, segundo cientistas canadenses, cerca de

Inovação

Planta pode contribuir com a sustentabilidade nas áreas da construção civil, acessórios de equipamentos eletrônicos e geração de energia

120 mil partículas de plásticos são ingeridas por pessoas todo ano, que ficam sujeitas a inúmeras doenças.

Se fosse adotado em maior quantidade no mundo, o bambu poderia substituir inúmeros itens feitos de plásticos. Segundo Perazzo, em alguns países já é possível encontrar *mouse* e teclados de computador, guitarra, pratos, tigelas, copos, entre outros objetos feitos da planta. Na engenharia civil e arquitetura, a aplicabilidade do bambu também é variada, podendo ser adotado como estrutura de sustentação de casas, na produção de assoalho, paredes e peças decorativas.

O engenheiro civil contou que o bambu ainda é usado na geração de energia, sendo uma opção mais sustentável do que a madeira. De acordo com ele, essa prática já é vista no Brasil. “Como ele apresenta um crescimento muito rápido, tem um grande potencial energético. No país, já há plantações de bambu voltadas à geração de energia. Eles são cortados, triturados e queimados, como se faz com a madeira.”

Uma das vantagens de usar o bambu nessa atividade é que a planta tem um desenvolvimento muito maior do que muitas espécies de árvores utilizadas na queima das indústrias. Depois de cinco anos depois de cultivo, ele já pode ser explorado na queima fabril, enquanto as árvores demoram cerca de 10 ou 15 anos até se tornarem apropriadas para esta finalidade. Ainda há a facilidade no cultivo porque o bambuzal não precisa ser replantado, uma vez que renova o crescimento após o corte. “Ele tem uma produção contínua. Então, é um material que tem um potencial enorme, mas precisa ser melhor explorado e ter plantações adequadas na região Nordeste. Já tem gente plantando na Bahia, mas o estado ainda é distante de nós. Na Paraíba, há pontos isolados do cultivo, como em Alhandra, mas não chega a ser significativo.”

O professor frisou que na Paraíba há pesquisa e conhecimento científico sobre o uso do bambu, mas falta “disponibilidade do produto”. No país, além de São Paulo, um dos estados que se interessa pelo cultivo do bambu é o Rio de Janeiro, onde há um sítio que investe na plantação de algumas espécies.



Fotos: Leonaldo Alves de Andrade/Arquivo pessoal

Doutor em ecologia vegetal, Leonaldo iniciou projeto na UFPB sobre bambus há três anos

Saiba Mais

Uma das instituições que está trazendo palestrante para participar da “Conferência Internacional sobre Materiais e Tecnologias de Construção Não Convencionais” é a International Bamboo and Rattan Organization (Inbar), uma organização de desenvolvimento intergovernamental que promove o desenvolvimento ambientalmente sustentável do uso do bambu e *rattan*. Essa última planta é uma palmeira em que se pode retirar fibras naturais para confecção de móveis e objetos. O membro fundador da Inbar é a República Popular da China. Entre os cerca de 50 países membros da organização estão Brasil, Argentina, Etiópia, Chile, Colômbia, Equador, Peru, Venezuela, Indonésia, Canadá, Nepal e Panamá.

Mais de cinco mil formas de aplicação

O engenheiro civil e professor emérito da UFPB, Normando Perazzo, declarou que o bambu se encontra dentro do conceito da sustentabilidade e tem mais de cinco mil usos. No entanto, ainda não há cultivo suficiente no Brasil para atender as inúmeras demandas que ele é capaz de suprir.

Apesar de vários países como a China e o Japão já usarem o bambu em grande escala, os estados brasileiros, sobretudo, a Paraíba, ainda não despertaram



Normando Perazzo, da UFPB

para a adoção das inúmeras utilidades da planta no ambiente fabril. “O principal empecilho no uso do bambu é a falta de disponibilidade do material. Para nós, aqui, na Paraíba, temos que importá-lo de estados, como São Paulo, para aplicar em alguma produção. Isso não vale à pena, porque só a emissão de CO2 produzida com o frete não compensa, e já tira o fator da sustentabilidade”, declarou.

Ele explicou que para se investir no cultivo de bam-

buzais é preciso ter conhecimento sobre o manejo da planta. Após o corte, tem que se fazer o tratamento adequado para evitar pragas que atacam essas espécies vegetais. De acordo com ele, no Nordeste, há o caruncho do bambu, inseto muito voraz que ataca o vegetal após o corte. Ainda é preciso estar atento ao tipo de bambu adequado a cada aplicabilidade. Mas, segundo Perazzo, o cultivo e o tratamento da planta são viáveis economicamente.

UFPB implantou estudos sobre plantas

Na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus 2, em Areia, foi implantado um estudo voltado a estimular o uso de algumas espécies de bambu. O projeto, iniciado há cerca de três anos, foi idealizado pelo pesquisador e doutor em ecologia vegetal, Leonaldo Alves de Andrade. Na implantação da pesquisa, ele viajou a São Paulo para trazer ao Campus 2 mudas de espécies de bambus que não são comuns na Paraíba. “Foi plantado um bambuzeto - coleção de bambus, para se avaliar o desenvolvimento das espécies no Brejo paraibano”, frisou Leonaldo.

Os estudos foram desenvolvidos no Centro de Ciências Agrárias (CCA), em Areia, e tinham o professor Leonaldo como responsável pela pesquisa. No

entanto, o professor não coordena mais o projeto. No segundo semestre do ano passado, ele se aposentou e, desde então, a UFPB busca um docente para dar prosseguimento à pesquisa. “Depois que me aposentei, fui chamado para dar aulas aos alunos do projeto como convidado, mas ainda não há um professor para coordenar os estudos”, contou.

Segundo ele, algumas mudas vindas de São Paulo se desenvolveram muito bem em Areia. Espécies como a *Guadua angustifolia*, bastante utilizada na construção civil e outros fins, teve “um excelente desempenho na Paraíba”. “Na época em que fui a São Paulo, conseguimos as mudas por meio de doação, e o objetivo é expandir a cultura do bambu com

fins comerciais porque ele é utilizado no mundo inteiro para usos múltiplos, até para produção de tecidos”, frisou.

O diretor do Centro de Ciências Agrárias do Campus 2 da UFPB, Manoel Bandeira, explicou que está aguardando uma equipe da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa), no Rio Grande do Norte, e da Universidade Federal do Cariri (UFCA), para firmar uma parceria e montar uma rede de trabalho na UFPB sobre bambu. No entanto, ele explicou que os professores da Ufersa estão com “dificuldade de vir à Paraíba por causa do veículo, e postergaram a vinda três vezes”. Sobre o substituto do professor Leonaldo Alves de Andrade, Bandeira afirmou que o próximo docente deverá

vir por meio de concurso público, que ainda não foi realizado.

“Por enquanto não temos muita novidade sobre o assunto, mas o que posso adiantar é que temos interesse em retomar o projeto, que consiste na divulgação das potencialidades do bambu, o incentivo à produção de mudas e a venda delas. O terceiro eixo seria o treinamento das pessoas para os usos do bambu, que vai desde móveis e utensílios domésticos até o uso na construção civil. No momento, o projeto está parado porque ainda não conseguimos firmar essa parceria interinstitucional, que está para acontecer, e por conta da aposentadoria do professor Leonaldo, que ainda não foi substituído”, comentou Manoel Bandeira.



Foto: Cristiano Santos/Botafogo

Animados pela vitória no jogo de estreia contra o Operário-PR, os atletas do Botafogo têm uma missão mais complicada, neste domingo, em Belém

BRASILEIRO DA SÉRIE C

Botafogo em busca da segunda vitória

Belo enfrenta o Remo, no Estádio Mangueirão, esperando repetir a boa atuação do jogo de estreia na competição

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Motivado pela primeira vitória na estreia do Campeonato Brasileiro da Série C, o Botafogo encara o seu segundo compromisso na competição buscando somar pontos para seguir figurando na parte de cima da tabela de classificação na segunda rodada da competição. O Belo joga como visitante contra o Remo-PA, hoje, a partir das 19h, no Estádio Mangueirão, em Belém-PA.

Na estreia da disputa na terceira divisão do futebol nacional, o alvinegro da Estrela Vermelha começou com o pé direito ao vencer o Operário-PR por 2 a 1, jogando como mandante, na última quinta-feira, em João Pessoa. Contra o Leão Azul os comandados de Felipe Surian vão em busca de mais uma vitória, e caso ela aconteça, o clube vai atingir o seu melhor início na competição desde a sua disputa desse novo formato, em 2014.

“A nossa intenção foi iniciarmos bem na competição, vencendo um adversário difícil e vencemos, ago-

ra a outra missão passa a ser conquistar mais três pontos. Estamos criando a identidade de um time aguerrido que parte para cima do adversário, os atletas entenderam o nosso projeto. Vamos tentar fazer um grande jogo, trabalhar com sabedoria para buscarmos mais uma vitória” pontuou o treinador do Botafogo, Felipe Surian.

O Remo-PA não teve uma boa estreia na Série C do Campeonato Brasileiro. O Leão Azul visitou o São Bernardo, no meio de semana, e acabou derrotado por 3 a 1, em

duelo realizado no Estádio Primeiro de Maio, no ABC Paulista. Apesar de ser apenas o início da competição, o clube paraense é o lanterna da Terceirona por conta do saldo de gols, mas o treinador Marcelo Cabo acredita que o time pode dar a volta por cima contra o Botafogo.

“Temos um adversário difícil e também uma chance de nos recuperar e dar uma resposta imediata ao nosso torcedor, dentro de casa. Vamos fazer um grande jogo e buscar os três pontos, que são muito importantes para a nossa trajetória den-

tro da competição”, disse. Em quatro partidas disputadas pelas duas equipes no Pará, o Botafogo jamais conseguiu vencer o Remo pela competição. Foram três empates e uma derrota em quatro jogos disputados nas edições de 2016, 2017, 2018 e 2020. O duelo que o Belo tenta quebrar essa escrita terá um trio gaúcho comandado pela arbitragem, sendo Douglas Schwengber o árbitro central e José Eduardo Calza e Jorge Eduardo Bernardi os assistentes. O paraense Wanbelton Lisboa Valente fica como quarto árbitro.

SÉRIE D

Nacional e Sousa iniciam, hoje, luta pelo acesso à Série C

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

As duas equipes sertanejas representantes do futebol paraibano na disputa do Campeonato Brasileiro da Série D entram em campo, hoje, pelas suas respectivas estreias na competição, uma jogando como mandante e outra como visitante. O Nacional recebe o Potiguar-RN, às 16h, em Patos. No mesmo horário, o Sousa visita o Globo-RN, em Ceará-Mirim-RN.

Na luta pelo acesso à Série C, Canário e Dinossauro terão 14 jogos na primeira fase e, para chegar ao sonhado acesso, é necessário passar por três confrontos de mata-mata. E para a retomada na disputa de uma competição nacional, a primeira na Série D, o Alvi-verde de Patos apostou numa reformulação após uma eliminação frustrante para o Botafogo na disputa do Campeonato Paraibano, com dois gols sofridos nos acréscimos finais da partida.

Do grupo que vai disputar a competição, 14 jogadores são remanescentes do Estadual e

outros 13 vieram como reforço. O comando técnico também conta com a chegada de Rodrigo Fonseca. No pontapé inicial da competição, hoje, a partir das 16h, no Estádio José Cavalcanti, em Patos, contra o Potiguar-RN, o comandante quer estreiar com vitória e aposta na evolução do grupo para buscar classificação na primeira fase.

“Temos de ir de degrau em degrau, porque, para conseguir o acesso, tem que inicialmente conseguir a classificação. O time é bem equilibrado: os atletas que ficaram com os que chegaram se conhecendo agora. A maioria das equipes até manteve seus respectivos elencos dos estaduais, mas tenho certeza que, com o trabalho que está sendo feito, com a experiência e a inteligência dos nossos jogadores, nós vamos procurar evoluir o mais rápido possível”, comentou.

Quando o Sousa entrar em campo, às 16h, contra o Globo-RN, no Estádio Barretão, em Ceará-Mirim-RN, estará completando a sua 55ª partida na história da competição e também iniciando a sua sexta dis-

puta. O vice-campeão paraibano apostou na manutenção de quase todo o elenco para a disputa da competição, com mudanças em apenas três jogadores - saíram o zagueiro Bruno César, o volante Lucas Lourenço e o centroavante Claudinho. Para suprir às posições a diretoria apostou nas contratações de Flávio Nunes, Alexandre Aruá e Lucas Lopeu, respectivamente.

Entre os remanescentes está o volante Daniel Costa, o mais experiente entre os comandados de Renatinho Potiguar. O camisa 8 do Sousa tem 26 jogos disputados e dois gols marcados em duas edições disputadas e chega para completar a sua 3ª disputa acreditando na capacidade do grupo, para o buscar o acesso à Série C.

“Depois da disputa no Campeonato Paraibano, o nosso foco é a disputa da Série D. O treinador tem nos passado orientações sobre a qualidade do adversário, bem como, as nossas condições de conseguir ir longe na competição. O grupo já provou a suas potencialidades,



Foto: Jefferson Emmanoel/Sousa

Jogadores do Sousa treinando no Marizão visando a estreia no Brasileiro da Série C neste domingo

temos a chance de fazer história e vamos buscar o acesso para deixar nosso nome marcado na história do Sousa”, disse.

As duas equipes sertanejas vão em busca da classificação no Grupo A3 se enfrentando entre si na primeira fase e tendo ainda como adversários Campinense-PB,

Globo-RN, Iguatu-CE, Pacajus-CE, Potiguar-RN e Santa Cruz-CE. O duelo em Patos será comandado pelo alagoano Jonata de Sousa Goveia. Os paraibanos Gleidson Francisco e Paulo Ricardo Alves Farias, nas assistências, e Ruthyanna Camila Medeiros da Silva, completam o quarteto.

Já para Globo-RN e Sousa, em Ceará-Mirim-RN, quem apita é o mato-grossense Luis Paulo de Moura Pinheiro. O trio potiguar formado pelos assistentes Edilene Freira da Silva e George Ítalo Antas Nogueira, além de José Magno Teixeira do Nascimento, completam a equipe de arbitragem.

NOVAS RECEITAS

Brasileirão é “produto exportação”

Nestes últimos dois anos e meio, as transmissões passaram a alcançar 163 países, em TV aberta, fechada, PPV e streaming

Agência Estado

A globalização tem sido um fenômeno recente que, nas últimas décadas, transformou as relações entre os países. Ampliou o alcance da comunicação, os investimentos, o comércio e o intercâmbio cultural. Na prática, extinguiu fronteiras em vários aspectos. Para o futebol brasileiro, porém, tantas novidades trouxeram, nesse mesmo período, mais prejuízos do que benefícios. O país se tornou um exportador de talentos e seus clubes perderam competitividade diante dos endinheirados europeus.

Demorou mais de uma década, castigada por derrotas acachapantes em finais de Mundial de Clubes e pelas eliminações do Brasil em Copas, para que, em busca de novas receitas, o futebol brasileiro começasse a utilizar a globalização a seu favor, com a ideia de uma Liga a ser gerida pelos clubes e criando condições para valorizar o próprio produto para além do seu território.

A busca se dá muito em função das verbas vindas da TV, inclusive com as transmissões do Campeonato Brasileiro das Séries A e B para fora do Brasil. Realidade que ocorre desde meados de 2020 e que se encaixa neste momento em que os clubes buscam ampliar as receitas da principal competição de futebol do país.

“O primeiro benefício das transmissões para o exterior é o financeiro. Abrem-se novos mercados, os direitos de transmissão para fora podem representar futuramente o mesmo valor negociado em transmissões internas. Isso ainda não ocorre, está longe, mas é assim já com outras grandes Ligas que foram se consolidando e nas quais hoje os direitos de transmissão para fora são tão rentáveis quanto internamente”, diz o presidente do Grêmio, Alberto Guerra.

Para ele, a maior visibilidade no cenário mundial será fundamental para a internacionalização da marca dos clubes do Brasil. “É importante que cada vez mais os clubes atentem para outros mercados e se tornem também clubes de nível mundial. Como hoje temos nossos filhos que usam camisas de times estrangeiros, que possam lá fora os filhos deles usarem camisas de clubes brasileiros também”, diz.

Além disso, a negociação de jogadores será valorizada, segundo o presidente gremista. “O maior patrimônio dos clubes, além da marca e da torcida, são os jogadores. A maior exposição será uma forma mais fácil de se chegar a quem que tratam, decidem, que veem os grandes jo-



Foto: Mailson Santana/Fluminense FC

gos, inteiros e não vídeos reduzidos ou imagens selecionadas por empresários. Isso encurta os caminhos, proporciona maiores receitas em negociações. Há vários benefícios”, completa Guerra.

Organização

Para o dirigente gremista, apesar do aumento de receitas, é importante também que os próprios clubes brasileiros organizem suas gestões para não gastarem mais do que arrecadam, algo que ainda acontece com a maioria das equipes.

Alguns, como o próprio Grêmio, Palmeiras, Flamengo e Cruzeiro, o primeiro considerado grande a se tornar uma SAF (Sociedade Anônima do Futebol), já estão nesse caminho do saneamento financeiro. Para Guerra, é importante que o campeonato como um todo seja composto de 20 clubes rentáveis.

“Não tenho dúvida de que a organização faz com que tenhamos melhores equipes, melhores clubes, que fazem ter melhores campeonatos, que fazem ter melhor produto a ser vendido e fortalece como um todo o futebol do país. Não basta ganhar mais e depois gastar ainda mais”, ressalta o dirigente do time gaúcho.

Nestes últimos dois anos e meio, as transmissões passaram a alcançar 163 países, em TV aberta, fechada, PPV (pay per view) e streaming, abrangendo um público de mais de 650 milhões de pessoas ao redor do mundo, com transmissões em pelo menos 13 idiomas. Os clubes também negociaram os direitos de transmissão por meio da plataforma Brasileirão Play, que tem assinantes em mais de 90 países.

Com a transmissão dos jogos do Brasileirão para fora do território, a ideia é reconquistar a admiração, ganhar mais dinheiro e, conseqüentemente, reencontrar a antiga força

Desde a conquista da Copa do Mundo de 2002 pelo Brasil, na questão técnica, com a globalização, a identidade do drible, as técnicas do passe e o estilo criativo brasileiro se difundiram pelo planeta. Deixaram de ser o segredo que fazia os clubes do país e a seleção pentacampeã surpreenderem e encantarem os seis continentes.

Em paralelo, na questão financeira, a própria capacidade brasileira em revelar talentos ficou desprotegida diante do poderio econômico de grandes clubes europeus, que passaram a fazer propostas tentadoras para contratar jogadores jovens que mal atuaram no Brasil. Tudo isso, é claro, facilitado pela falta de organização e má gestão da maioria das agremiações no país.

Alcance mundial

Segundo Leandro Caetano, *country manager* da 1190, empresa que gerencia e comercializa os direitos do Brasileiro para o exterior, as transmissões das partidas ajudam o futebol nacional a voltar a se incluir na principal prateleira do mercado.

“Todas as grandes ligas têm alcance global. O Campeonato Brasileiro é um dos cinco mais importantes do mundo, um produto de grande qualidade audiovisual, com estádios modernos e jogadores conhecidos mundialmente. Estamos no início de um processo que, sem dúvida, vai ampliar ainda mais o conhecimento sobre o futebol brasileiro no exterior”, comenta Caetano.

Ainda mais, conforme ele ressalta, neste momento em que os clubes já negociam a formação de uma Liga Nacional. Atualmente, as receitas vindas das transmissões dos jogos, entre TV aberta, TV por assinatura, *pay per view* e *streaming* giram em torno de R\$ 2 bilhões por ano.

Em geral, 40% são divididos de forma igualitária, 30% são pagos de acordo com o número de jogos transmitidos e outros 30% são pagos em função da performance. Com a implantação de uma Liga, os clubes do Brasileirão iriam receber até cerca de R\$ 4,8 bilhões anuais de um investidor, por 20% da competição, em cinco anos, diminuindo



Foto: Cesar Greco/Palmeiras/By Canon

Idiomas

Jogos são transmitidos em várias línguas e as ligas mais fortes do mundo como Inglaterra, Espanha, França, Itália e Alemanha já consomem o produto brasileiro

do de seis vezes para 3,48 vezes a diferença entre o clube que mais e o que menos recebe.

“Consideramos a implantação da Liga um fato importante, porque traz um equilíbrio entre as necessidades individuais e coletivas dos clubes, inclusive protegendo interesses futuros, como, por exemplo, ter jogos para diversos fusos horários ou explorar atletas específicos, atendendo a demandas de diferentes mercados”, diz o executivo da empresa, cujo nome remete a dois números básicos do futebol: os 11 jogadores e os

90 minutos de jogo.

As partidas são transmitidas em português, espanhol, inglês, hebraico, mandarim, francês, alemão, italiano, grego, russo, japonês, árabe, ucraniano e bósnio. Dentre os países que recebem as transmissões estão os que mantêm as ligas mais fortes do mundo, como Inglaterra, Espanha, França, Itália e Alemanha.

Nos anos 80, sem a globalização, apaixonados pelo futebol brasileiro nascidos em outros países sabiam a escalação da Seleção Brasileira e de grandes times que fizeram história.

Durante o período de baixa, que já dura mais de duas décadas, o futebol brasileiro ficou escondido atrás dos muros da América do Sul. Longe e re-fém da globalização. Com a transmissão dos jogos do Brasileirão para fora do território, a ideia é reconquistar a admiração, ganhar mais dinheiro e, conseqüentemente, reencontrar a antiga força. Em uma nova era.

“Para nós, o interesse pelo Brasileirão lá fora só tende a crescer nos próximos anos”, completa Leandro Caetano.

REESTRUTURAÇÃO FINANCEIRA

Palmeiras vira modelo de gestão

Cenário no futebol paulista é amplamente favorável ao alviverde, já que os rivais vivem momentos de dificuldades

Gonçalo Junior
 Agência Estado

O desempenho financeiro dos quatro grandes clubes de São Paulo (Corinthians, Palmeiras, São Paulo e Santos) na última década provocou uma reorganização de forças que acaba se refletindo dentro de campo. Após profunda reestruturação e grandes investimentos, o Palmeiras se tornou o modelo de gestão de finanças. O Corinthians, dono das maiores receitas até 2013, acumula dívidas, principalmente tributárias. O São Paulo passou a depender ainda mais da venda de atletas e sofre com empréstimos bancários enquanto o Santos perdeu terreno para os rivais por causa da dificuldade em aumentar suas receitas.

Neste cenário, o Palmeiras deve largar na frente no novo contexto do futebol brasileiro que se configura a partir do ano que vem, com a possibilidade de criação de uma liga de clubes e a perspectiva de aumento de receita. Essas conclusões são feitas a partir da análise financeira pela EY, uma das maiores empresas de consultoria e auditoria do mundo, sobre os balanços dos clubes paulistas na última década. O levantamento apresenta as principais fontes de receita, custos e despesas, endividamento e comparativos históricos dos clubes entre 2013 e 2022.

As receitas aumentaram. O grupo dos quatro grandes clubes paulistas registrou um crescimento de 153% na receita total no período entre 2013 e 2022, chegando a R\$ 2,6 bilhões só no último ano. Além da premiação e direitos de transmissão, as fontes de receita são transferências de atletas, patrocínios e publicidade, bilheteria e programas de sócio-torcedor. “Comparando 2022 com 2021, identificamos um aumento de 6% na proporção com transferências de atletas, chegando à fatia de 23% da receita dos clubes, só perdendo para os direitos de transmissão e premiação”,

“

Já o Corinthians, que estava no topo da saúde financeira dos clubes, com maior potencial de receita e endividamento equilibrado, não continuou com o aumento de receita

Pedro Daniel

afirma Pedro Daniel, diretor executivo de Esportes da EY.

Na última década, o principal movimento das finanças dos clubes foi a inversão de posições entre Palmeiras e Corinthians. O clube alviverde teve um aumento de 390% em sua receita entre 2013 e 2022, passando de R\$ 190 milhões para R\$ 867 milhões. Já o alvinegro passou a arrecadar mais, saltando de R\$ 316 mi para R\$ 779 mi. “O Palmeiras passou da menor para a maior receita entre os grandes de São Paulo”, diz. “Já o Corinthians, que estava no topo da saúde financeira dos clubes, com maior potencial de receita e endividamento equilibrado, não continuou com o aumento de receita”, diz. A engenharia financeira para a construção da Neo Química Arena não entra na conta.

Entre os fatores que explicam a ascensão palmeirense estão a atuação direta do ex-presidente Paulo Nobre, que emprestou quase R\$ 200 milhões do próprio bolso para sanar as dívidas do clube, a chegada de um patrocínio milionário, por meio da Crefisa e da Faculdade das Américas e o modelo de negócios bem-sucedido do Allianz Parque.

Dívidas aumentaram

Em relação à dívida dos clubes, o levantamento analisa o endividamento líquido, empréstimos e tributário. De maneira geral, os quatro clubes estão devendo mais nos três pilares.

Nesse contexto, o São Paulo precisa acender uma “luz amarela”. A dívida do clube aumentou 134% no período, com redução de 9% entre 2021 e 2022. O problema é o perfil dessa dívida, formada, principalmente, por empréstimos bancários. Hoje, os débitos são de R\$ 587 milhões - desse total, R\$ 223 milhões são de empréstimos. Também pesa o fato de o clube depender, fundamentalmente, da venda de atletas como fonte de receita. Esse não é um recurso recorrente, mas extraordinário. Em 2020, o clube vendeu o atacante Antony por aproximadamente de 16 milhões de euros (cerca de R\$ 74 milhões, na cotação da época).

Para o Corinthians, que deve atualmente R\$ 927 milhões, o problema é o impacto tributário dessas despesas. São R\$ 539 milhões de débitos com impostos. O endividamento líquido do clube teve uma evolução de 262%, com redução de menos de 1% entre 2021 e 2022.

Com um poder de arrecadação menor que os rivais, o Santos vem perdendo terreno nos últimos anos, de acordo com o estudo. As receitas subiram 80% no período, com redução de 16% entre 2021 e 2022. Por outro lado, o endividamento líquido aumentou 6% nos últimos dois anos.



Foto: Cesar Greco/Palmeiras/By Canon

O grupo dos quatro grandes clubes paulistas registrou um crescimento de 153% na receita total no período entre 2013 e 2022

MUNDIAL FEMININO

Fifa insiste em maior valorização do torneio

O presidente da Fifa, Gianni Infantino, repetiu seu apelo às emissoras para que sigam o exemplo da Fifa e paguem um preço justo pelos direitos de mídia da Copa do Mundo Feminina da Fifa Austrália e Nova Zelândia 2023, enfatizando que a receita será totalmente reinvestida no futebol feminino. Infantino falou ao lado do diretor-geral da Organização Mundial do Comércio (OMC), Dr. Ngozi Okonjo-Iweala, durante o *Making Trade Score for Women!*, uma série de painéis de discussão realizados, esta semana, na sede da OMC em Genebra, Suíça.

Gianni Infantino disse que a Fifa já havia dado o exemplo ao aumentar o pacote total de financiamento da Copa do Mundo Feminina da Fifa 2023 para US\$ 152 milhões, o triplo do valor pago em 2019 e dez vezes mais do que em 2015, antes de sua eleição como presidente da Fifa. “As ofertas das emissoras, principalmente dos países europeus ainda são muito decepcionantes e simplesmente inaceitáveis com base em quatro critérios”, disse ele.

“Em primeiro lugar, 100% de qualquer taxa de direitos pago iria direto para o futebol feminino, em nosso movimento para promover ações em prol da igualdade de condições e remuneração. Em segundo lugar, as emissoras públicas, em particu-

lar, têm o dever de promover e investir no esporte feminino. Em terceiro lugar, a exibição números da Copa do Mundo Feminina são 60% da Copa do Mundo da Fifa masculina (que por sua vez são os mais altos de qualquer evento), mas as ofertas das emissoras nos países europeus para a Copa do Mundo Feminina da Fifa são de 20 a 100 vezes menos do que na Copa do Mundo da Fifa masculina. Finalmente, e concretamente, enquanto as emissoras pagam entre US\$ 100 e 200 milhões pela Copa do Mundo da Fifa masculina, elas oferecem apenas entre US\$ 1 a 10 milhões para a Copa do Mundo Feminina da Fifa. Isso é um tapa na cara de todas as grandes jogadoras da Copa do Mundo

Feminina e, na verdade, de todas as mulheres do mundo.

Infantino insiste que, para deixar bem claro, é obrigação moral e legal não subestimar a Copa do Mundo Feminina da Fifa. Portanto, se as ofertas continuarem não sendo justas (em relação ao futebol feminino, ele se vê obrigado a não transmitir a Copa do Mundo Feminina da Fifa para alguns países europeus.

“Convido, portanto, todos os jogadores (mulheres e homens), torcedores, dirigentes de futebol, presidentes, primeiros-ministros, políticos e jornalistas de todo o mundo a se juntarem a nós e apoiarem este apelo por uma remuneração justa do futebol feminino. As mulheres merecem! Simples assim!

A convocação do presidente da Fifa foi apoiada pelo diretor-geral da OMC. “Espero que as emissoras estejam ouvindo o que o presidente da Fifa está dizendo sobre lances mais altos para a Copa do Mundo Feminina, pois esta é uma oportunidade real de apoiar o futebol feminino, e espero que aceitem sua oferta”, disse o Dr. Okonjo-Iweala.

O presidente da Fifa também acrescentou que a diferença de fuso horário para a Europa não deve ser desculpa para as ofertas baixas. “Não faz sentido econômico porque os números de audiência estão lá. Talvez, por ser na Austrália e na Nova Zelândia, não seja jogado no horário nobre na Europa, mas ainda assim, é jogado às 9h ou 10h, então é um horário bastante razoável.”



Foto: Cesar Greco/Palmeiras/By Canon

O futebol feminino precisa ser mais respeitado pela mídia, de acordo com a Fifa

Foto: Marcelo Cortes/Flamengo



Athletico-PR e Flamengo se enfrentaram em cinco oportunidades em 2022, com vantagem do Fla, mas nos confrontos gerais em Curitiba, o Furacão leva a melhor

BRASILEIRÃO

Mais sete jogos pela 4ª rodada

Destaque para o clássico Athletico x Flamengo pela rivalidade criada nas últimas partidas

Geraldo Varela
gvarellajp@gmail.com

A quarta rodada do Campeonato Brasileiro da Série A tem sequência neste domingo com sete jogos - o complemento será amanhã com o confronto entre Corinthians e Fortaleza, às 20h, na Neo Química Arena) e o destaque principal fica por conta do clássico Athletico-PR x Flamengo, rivalidade acentuada no ano passado quando as equipes se enfrentaram em cinco oportunidades, sendo duas pelo Brasileiro, duas pela Copa do Brasil e uma na decisão da Libertadores, esta disputada no Equador. Neste confronto, o Fla levou a melhor com três vitórias (1 a 0, 5 a 0 e 1 a 0), uma derrota de 1 a 0 e um empate de 0 a 0.

Jogando na Arena da Baixada, local do jogo de hoje às 16h, a vantagem do time paranaense é grande com 19 vitórias contra cinco do Flamengo e 14 empates nos 38 jogos, porém, no cômputo geral envolvendo outras competições, o rubro-negro leva uma pequena vantagem com 30 vitórias contra 26 do Furacão e mais 18 empates nos 74 jogos.

Na última quinta-feira, o Flamengo foi a Buenos Aires e empatou em 1 a 1 com o Racing pela Libertadores, em mais uma péssima exibição. A novidade foi o retorno de Arrascaeta, mas não suficiente para chegar à liderança do grupo. Já o Athletico-PR, pela mesma competição, fez bonito e venceu por 2 a 1 o Libertad, no Paraguai, assumindo a liderança do Grupo G com sete pontos.

Botafogo x Atlético-MG

Um jogo com dois jogadores paraibanos e artilheiros em seus clubes no Estádio Nilton Santos, o Engenhão, a partir das 18h30. De um lado, o experiente Hulk, comandando o ataque do Atlético Mineiro e vi-

vendo uma boa temporada, apagando a má performance em 2022. Hulk já marcou, este ano, 16 gols em 21 jogos, e foi um dos destaques na vitória sobre o Alianza de Lima por 2 a 0, pela Libertadores, mesmo perdendo uma penalidade. Curiosamente foi o terceiro perdido nesta temporada. O resultado colocou o Galo no páreo pela classificação depois de ter perdido dois jogos.

Do outro lado, um artilheiro não tão famoso como o Hulk, mas com números significativos em sua trajetória. Tiquinho vem fazendo história no Botafogo e na última rodada fez dois gols na vitória sobre o Flamengo por 3 a 2. Em 22 jogos, este ano, já marcou 12 vezes e segue como principal referência do ataque alvinegro que está com 100% de aproveitamento no Brasileirão, um início animador para quem decepcionou no Campeonato Carioca, onde nem chegou às semifinais.

Nos confrontos entre as equipes, a vantagem é carioca. Nos 80 jogos são 34 vitórias do Botafogo contra 26 do Galo e 20 empates. No Brasileiro, o equilíbrio é maior com 22 vitórias do Botafogo contra 20 do Atlético e 14 empates. Os números dos confrontos citados foram levantados pelo site ogol.com.br. Ano passado, uma vitória para cada um no Brasileiro. No Rio, Atlético ganhou de 1 a 0 e em Minas, o Botafogo fez 2 a 0. Pelas competições sul-americanas no meio da semana, o Galo foi melhor e se reabilitou ao vencer o Alianza de Lima por 2 a 0 na Libertadores. Já o Botafogo empatou sem gols com a LDU, do Equador, em casa. O resultado deixou o time carioca na segunda posição do Grupo A da Copa Sul-Americana.

Goiás x Palmeiras

O time goiano em três jogos tem duas derrotas e uma vitória, estando na parte de baixo da tabela, dife-

rente do atual campeão que venceu dois jogos e tem um empate. O favoritismo do Palmeiras é evidente neste confronto que será jogado no Estádio da Serrinha, às 18h30. No Brasileiro são 48 jogos com 13 vitórias do Goiás e 26 do Palmeiras com apenas nove empates. Ano passado houve empate de 1 a 1, em Goiás, e vitória de 3 a 0 em São Paulo, do alvinegro.

O Palmeiras, de Abel Ferreira, vem de uma vitória importante na Copa Libertadores, no meio de semana, quando derrotou o Barcelona, de Guayaquil por 2 a 0, fora de seus domínios.

São Paulo x Internacional

O confronto, segundo dados do site ogol.com.br, mostra um grande equilíbrio nos 78 jogos já realizados com 28 vitórias do São Paulo contra

26 do Inter e 24 empates. Nos confrontos pelo Brasileiro, ampla vantagem do Tricolor com 27 vitórias contra 19 e 20 empates. As duas equipes fazem campanhas regulares neste início de campeonato. Os gaúchos chegaram a sete pontos com duas vitórias e um empate, enquanto os paulistas têm uma vitória, um empate e uma derrota. Ano passado, nos dois jogos um empate de 3 a 3, no Beira Rio, e uma vitória gaúcha por 1 a 0 no Morumbi.

Na última quarta-feira, o Inter empatou em 2 a 2 com o Nacional, do Uruguai, pela Libertadores, enquanto o São Paulo também se complicou ao empatar sem gols contra o Tolima, pela Copa Sul-Americana. América x Cuiabá, às 11h e Bahia x Coritiba às 16h completam os jogos deste domingo pelo Brasileiro da Série A.

Foto: Lucas Duarte/Internacional



O Internacional leva pequena desvantagem nos confrontos contra o São Paulo

Jogos de hoje

SÉRIE A

11h
América-MG x Cuiabá

16h
São Paulo x Internacional
Athletico-PR x Flamengo
Bahia x Coritiba

18h30
Botafogo x Atlético-MG
Goiás x Palmeiras
Grêmio x Bragantino

SÉRIE B

11h
Ponte Preta x Ceará

19h
Sport x Guarani

SÉRIE C

16h30
Ypiranga-RS x CSA
Operário-PR x Manaus

19h
Remo x Botafogo-PB
Aparecidense x São Bernardo

SÉRIE D

15h
Concórdia x Brasil de Pelotas

16h
Aimoré x Hercílio Luz
Águia-PA x Princesa do Solimões
Cruzeiro-AL x Atlético-BA
Maranhão x Atlético-CE
Nacional-AM x Humaitá
Caucaia x Cordino
Jacuipense x ASA
Globo FC x Sousa
Nacional-PB x Potiguar-RN

17h
Ferroviário x Fluminense-PI
Parnahyba x Tocantinópolis

18h
São Francisco-AC x São Raimundo-RR

18h
Novo Hamburgo x Camboriú

FEMININO

11h
São Paulo x Corinthians

15h
Avaí/Kindermann x Atlético-MG
Real Brasília x Ceará

16h
Ferroviária x Flamengo

18h
Bahia x Real Ariquemes

FEMININO A2

10h
São José-SP x Bragantino
Fluminense x Minas Brasília

15h
América-MG x Taubaté

15h
Botafogo-PB x Sport

16h
3B Sport x Vila Nova

Botafogo

Alvinegro carioca enfrenta o Atlético Mineiro, no Estádio Nilton Santos, com o objetivo de manter os 100% de aproveitamento após três vitórias no campeonato



Fotos: Fabiana Veloso

■ O projeto História e Memória da Ciência e Tecnologia em Campina Grande tem um acervo de 100 horas de gravações, levantamento de dados e centenas de fotos

Ciência e tecnologia têm memória

Escola Politécnica da Paraíba em Campina Grande, fundada em 1952, foi porta para a formação acadêmica de milhares de pessoas e um polo de produção científica e tecnológica em software

Giovanna Brito
gibritosilva@hotmail.com

Um projeto de pesquisa tem trabalhado para mostrar a trajetória, os impactos e o desenvolvimento promovidos pela Escola Politécnica da Paraíba, inicialmente, em Campina Grande, e com sua evolução também beneficiando várias regiões do estado. A unidade, fundada em 1952, foi porta para a formação acadêmica de milhares de pessoas e campo para que a cidade se tornasse, ainda na década de 1980, em um polo de produção científica, tecnológica em *software*. Também foi por meio da unidade que a cidade, no final da década de 1960, conseguiu adquirir um dos cinco primeiros computadores do país, o IBM 1130, divisor de águas na educação superior do estado.

O projeto História e Memória da Ciência e Tecnologia em Campina Grande é coordenado pela professora Rosilene Dias Montenegro, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). “A Escola foi idealizada por um grupo de engenheiros, maioria químicos que estavam ocupando cargos importantes aqui em instituições estaduais e nacionais, como o Laboratório de Mineralogia e o Senai. Eles idealizaram a criação de uma instituição de ensino superior que oferecesse na área tecnológica uma educação de excelência voltada para a formação de mão de obra qualificada”, lembra.

O projeto Memória tem um acervo significativo, contando com mais de 100 horas de gravações com fundadores, levantamento de dados, pesquisas acerca dos trabalhos desenvolvidos na unidade e centenas de fotos com registros importantes desse importante equipamento educacional. Esses dados começaram a ser coletados em 2004 com recursos do Ministério da Ciência e Tecnologia. “Nossas pesquisas mostram que a

Escola Politécnica da Paraíba foi impactante. Ela tem uma consequência social, econômica, cultural que ainda precisa ser conhecida”, diz.

A ideia de criar a escola veio de um ideal abraçado por um grupo com influência política, mas sem filiação partidária, que abraçou um projeto. Rosilene lembra que foi por esse propósito que hoje a Paraíba conta com a excelência em algumas graduações e com exportação de mão de obra qualificada.

Nos anos de 1950, o Brasil estava vivendo o debate e orientação do desenvolvimento econômico. O curso de Engenharia Civil foi o escolhido para ser o primeiro da instituição, considerando as discussões que já vinham nessa compreensão de que a formação de profissionais nessa área era fundamental para contribuir com o progresso do país.

A Politécnica foi a primeira instituição de ensino superior a se consolidar em Campina Grande. Criada durante o governo de José Américo, atendeu aos jovens e adultos que desejavam uma instrução técnica e científica, e que, na ausência de oferta, eram obrigados a se deslocarem a outros centros urbanos.

A escola foi criada em 6 de outubro de 1952. No entanto, a unidade só entrou em funcionamento a partir de 1954, com a realização do primeiro vestibular para Engenharia Civil.

“

Nossas pesquisas mostram que a Escola Politécnica da Paraíba foi impactante na sociedade

Rosilene Dias Montenegro

Rifa de um boi foi primordial para a compra do primeiro computador

Outro fato de grande importância da história da Politécnica e que foi um marco na educação superior do estado ocorreu em 1967, com a aquisição de um computador, o IBM 1130, um dos cinco computadores do país, e o único das regiões Norte e Nordeste. “Foi num momento em que o mundo desenvolvido estava ainda tentando consolidar os saberes que iriam entrar no campo do conhecimento chamado Ciências da Computação”, destaca Rosilene.

O computador era fabricado pela IBM, única multinacional instalada no país a produzir as máquinas. Ele foi comprado em consignação. Os diretores deram uma parte do valor do equipamento e ficaram pagando o restante mensalmente e em consignação.

Dos cinco computadores produzidos pela empresa, um foi adquirido pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) em São Paulo, outro pela Universidade de São Paulo (USP), o terceiro pelo Curso de Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o quarto pela Universidade de Santa Catarina (USC) e o outro pela Politécnica da Paraíba.

Essa aquisição teve uma longa trajetória de obstáculos e burocracia a serem superados. Na época, a escola era dirigida pelo engenheiro civil Lynaldo Cavalcanti, considerado um homem de mente aberta e visionário, que juntamente com outros docentes enxergou nesse equipamento o início de uma história de evolução para a Politécnica. “Ele tinha uma visão de política pública para o ensino superior e de desenvolvimento científico, tecnológico e inovação impressionante. O que ele fez por Campina Grande e realizou em todo Brasil tem reconhecimento nacional e internacional. Ele chegou a ser eleito personalidade em política acadêmica e gestão”, ressalta. Naqueles anos ainda não se falava



Professora Rosilene Montenegro

em internacionalização, todavia, Lynaldo já trazia para a Politécnica professores dos Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha, Índia e de outros países. Vinham dar aulas na Graduação e na Pós-Graduação.

Quando chegou a oportunidade de adquirir o computador, a Politécnica já pertencia à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), fundada em 1955. Essa junção ocorreu seguindo uma reforma centrada que fazia parte da orientação política do Governo Federal. Qualquer decisão a ser tomada teria que passar pelo crivo da instituição. “O reitor da época era Guillard Martins, um interventor. Era professor da área de saúde da UFPB e com a ditadura militar o colocaram como reitor. Ele foi contrário à aquisição do computador, e muito menos que viesse para Campina Grande. Ele entendia que se um dia tivesse que comprar seria para ser instalado na capital”, lembra a professora.

Com a negativa, Linaldo Cavalcanti voltou à cidade desanimado, mas ciente de que a ideia de ter o equipamento era extremamente importante. Ele reuniu os demais professores e dirigentes da unidade e resolveram tomar alguma atitude que viabilizasse a aquisição.

“Eles então resolveram criar Associação Técnica e Científica Ernesto Luiz, que foi instalada como uma fundação de apoio para comprar o computador, já que não po-

deria ser pela Politécnica. A associação era independente e com CNPJ, porém não tinha dinheiro”, lembra.

Após dias imaginando como iriam resolver a falta de recursos, tiveram a sorte de serem presenteados por um pai de um aluno. Foi doado um boi e eles então decidiram fazer uma rifa e saíram vendendo os bilhetes no comércio, nas casas, e com a sociedade campinense em geral.

O dinheiro necessário foi conseguido e o computador comprado. “Logo que chegou à Politécnica, o equipamento passou a prestar serviços à Sanesa, que depois passou a ser Cagepa, e à Companhia de Eletricidade da Borborema, além de instituições públicas que existiam aqui. Com esses serviços que eram cobrados, eles conseguiram pagar o restante do computador e ainda sobrava para investimentos em ciência e tecnologia”.

O equipamento, altamente moderno, era capaz de realizar inúmeros cálculos em instantes, o que para aquela época era inimaginável. “Hoje chega a ser bizarro essa capacidade dele. Esse computador podia realizar uma conta que hoje qualquer calculadora adquirida em um camelô faz. Mas foi uma revolução na cidade, porque não tinha possibilidade de erro, era tudo programado para fazer as contas de luz e água dos consumidores. E foi quando a mão de obra nos órgãos e empresas começou a ser liberada”.

A consequência dessa iniciativa foi que uma parte do Curso de Engenharia Elétrica se encaminhou para o desenvolvimento de sistema de dados. “E daí surgiu o sistema de computação, com um grande impacto econômico, social e que transformou Campina Grande, já em meados da segunda metade de 1980, em um polo de produção científica e tecnológica em *software*”.

Politécnica da Paraíba passa a ser CCT

Conforme as pesquisas do projeto Memória, na década de 1970, Campina Grande torna-se o Campus 2 da UFPB, e é dividida em dois centros: Centro de Humanidades (CH) e Centro de Ciência e Tecnologia (CCT).

Já em 2002, foi criada a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), e a Politécnica passou a ser o campus 1 da nova instituição. Dez anos depois, o CCT tem nova mudança, desmembrando-se em mais dois centros administrativos: o de Engenharia Elétrica e Informática (CEEI) e o de Tecnologia e Recursos Naturais (CTRN), totalizando entre esses centros oito cursos de Engenharia, além de diversos cursos de Ciências Exatas e/ou relacionados à área de tecnologia. “Mudou apenas o nome, a sua identidade, mas continuou projetando Campina Grande para o Brasil”, sentenciou Rosilene.

O projeto História e Memória da Ciência e Tecnologia em Campina Grande segue fazendo pesquisas, levantamentos e catalogando as contribuições que a Politécnica iniciou ainda na década de 1950. “Temos muito ainda a mostrar de tudo que foi proposto e construído por essa iniciativa que deu tantos frutos e colaborou para que a cidade se transformasse em um polo de educação. Vamos continuar pesquisando”.

■ Em 2002 foi criada a Universidade Federal de Campina Grande, e a Politécnica passou a ser o campus 1 da instituição

Fernando Gabeira

Alegria de um locutor alto astral no rádio paraibano



Ilustração: Tônio

Fernando Gabeira, que nasceu em São Paulo e escolheu a Paraíba para morar, era considerado “um dos melhores locutores de FM que já apareceu no estado” e um pioneiro em programas ao vivo

Alexandra Tavares
hiltongonvouraju@gmail.com

Um locutor que esbanjava alto astral e alegria diante do público ao qual se dirigia nas rádios pela qual passou como a Tabajara, Arapuan e Correio. É assim que amigos e parentes descrevem Sérgio Fernando Silva Mangabeira, o Fernando Gabeira, que nasceu em São Paulo, tinha parentes em Pernambuco e no Rio de Janeiro, mas escolheu a Paraíba para morar. No estado, constituiu família, deslançou na carreira e alegrou pessoas de várias idades.

Uma das pessoas que trabalhou com Gabeira foi a jornalista Edilane Araújo. Segundo ela, o profissional foi “um dos melhores locutores de FM que já apareceu na Paraíba” e um pioneiro em programas ao vivo. A convivência entre os dois se estabeleceu nos estúdios da Rádio Arapuan FM, que iniciava sua trajetória em João Pessoa, substituindo a programação gravada com locutores de Recife por programas ao vivo.

“Então dispensaram os locutores de Recife, que faziam os programas gravados. Foi quando comecei no rádio, toda tarde, ao vivo, e Gabeira trabalhava pela manhã. “Esse cara, em pouco tempo, se tornou líder de audiência, porque era muito bom. Tinha uma capacidade de improviso incrível, um repertório muito bom, e conhecia muito de música, as que eram sucesso e tocavam na Arapuan que, naquele tempo, tinha uma programação bem diferente do que apresenta hoje. Para mim, a marca dele era a alegria, o improviso, ele era brincalhão e cativante. As pessoas gostavam muito de Gabeira”, declara Edilane.

Além de colega de trabalho, os dois se tornaram amigos, tanto que Edilane foi convidada para ser madrinha de um dos três filhos de Gabeira. “Nosso ritmo de vida era bem diferente e era uma amizade assim, onde quer que ele estivesse, eu sempre torcia por ele, e ele por mim. Quando a gente se encontrava era uma festa, não tinha essa proximidade toda, mas a gente se gostava bastante”.

Edilane Araújo revela que, apesar das inúmeras qualidades, o colega era meio desorganizado com as finanças e também cuidava pouco da saúde, mas deixou um legado imenso de “vivacidade, espontaneidade e alegria, sendo um dos locutores pioneiros nos programas de rádio ao vivo”.

A jornalista conta que, pela grande audiência, Fernando Gabeira era considerado “o dono das manhãs” na Arapuan, enquanto ela ficava na parte da tarde e à noite veio Bertrand Freire e depois Aldo Schueler, que se tornou o “rei da noite” com o programa ‘Momentos Arapuan’. Ela ainda cita, entre os integrantes da equipe da época, a presença do radialista Dado Belo, que hoje atua num programa de reggae na Rádio Tabajara.

Ao falar das impressões que tinha de Fernando Gabeira, Dado Belo afirma que ele tinha “uma vibe totalmente cheia de alto astral, de energia positiva e um talento comunicativo muito grande”. “Acho que ele nasceu para o rádio mesmo”, acrescenta. Depois, no Sistema Correio de Comunicação, Dado trabalhou em um programa e Gabeira em outro, no ‘Show das Praias’ e na programação matinal. “A energia dele era fulminante e foram anos nessa direção”, diz, destacando também que o colega era desculpado com a saúde e em relação a dinheiro, pois gostava da vida boêmia e nem sempre cumpria os compromissos de trabalho.

“Mas como profissional do rádio, creio que ele era completo. Poucos tinham tamanho talento para envolver o radiouvinte. Isso fez com que ele se tornasse um profissional muito querido no mercado de João Pessoa, e teve uma ascensão meteórica na cidade”, recorda Belo.

Segundo ele, na Tabajara, Gabeira foi locutor e coordenador artístico de programação, na época do governo de Cássio Cunha Lima (PSDB). Além do talento para a comunicação radiofônica, ele ainda era um impressionante imitador de personalidades. “Ele imitava inúmeros personagens locais e nacionais. Era muito criativo. Quando imitava o estilista Clodovil, era perfeito, nunca vi uma coisa daquela”, recorda Belo.

Foto: Edilson Mello



Foto: Arquivo pessoal

Foto: Arquivo pessoal

À esquerda e à direita, os radialistas Dado Belo e Edilane Araújo; e, ao centro, o ator e modelo Raiany Magno, filho mais velho de Gabeira

Morte repentina de “o dono das manhãs”

No mês de maio de 2013, Fernando Gabeira passou mal próximo da casa onde morava, na Praia do Poço, em Cabedelo. Levado para o Hospital de Trauma Senador Humberto Lucena, na capital, foi diagnosticado com aneurisma cerebral, permanecendo na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) por cerca de um dia, quando foi anunciada a morte cerebral do radialista, que tinha 49 anos.

Uma matéria divulgada na época pelo Jornal A União informava que o enterro foi realizado no dia 22 de maio, no Parque das Acácias, em João Pessoa, local onde também ocorreu o velório.

Atualmente, o filho mais velho de Gabeira, Raiany Magno, 35 anos, é ator e modelo. Ele diz que a morte do pai pegou todo mundo de surpresa. “Do nada, meu pai teve um mal súbito, pensei que era uma convulsão e ele ia voltar do hospital. Mas, infelizmente, não foi isso que aconteceu”.

Para ele, Fernando Gabeira foi um exemplo de dedicação à família e um ser humano que disseminava alegria. “Sempre se esforçava para não faltar nada em casa e para estar perto da gente. Sou modelo e faço comerciais, e quando comecei a carreira, ainda pequeno, ele foi quem

me incentivou. Eu era tímido, tinha vergonha de falar em frente às câmeras, então ele dizia: ‘Veja como seu pai faz’”, recorda Raiany.

Dos três filhos de Gabeira, todos homens, um faleceu e hoje Raiany convive com a mãe e um irmão caçula. Casado e pai do pequeno Artur (recém-nascido), ele diz que tem a figura de Gabeira como um homem dedicado e amoroso. “Ainda sinto muita saudade dele. Nos dias de folga, ele costumava levar a família para Recife, onde viviam meus avós. Eram viagens inesquecíveis”.

Angélica Lúcio

Conheça boas ideias em comunicação pública e se inspire

Você conhece algum caso de sucesso em comunicação? Eu conheço uma boa porção e fiquei muito feliz ao encontrar um e-book da ABCPública sobre o tema. A publicação ‘Comunicação Pública – Casos Excelentes’ traz um compilado de 13 projetos que se destacaram em ações de comunicação. A cada caso abordado, os autores dos capítulos apresentam o problema/desafio, a estratégia, a execução, as ferramentas e os resultados obtidos em cada órgão. A seguir, confira o resumo de cada um dos artigos, mas aprofunde-se depois na leitura dos casos de sucesso. É certeza de muito aprendizado!

1. **Corpo de Bombeiros de Minas Gerais e o rompimento da barragem da Vale em Brumadinho** – Enfoca como se deu o trabalho do CB na coordenação da comunicação no acidente com a barragem da Vale em Brumadinho e seus desafios;

2. **Intranxet do Ministério Público de Santa Catarina** – Apresenta como o MPSC aproveitou a transformação digital da instituição para criar um canal de comunicação interna mais humanizado;

3. **5G e Você: o maior leilão do mundo** – Conta como a Anatel realizou a campanha de divulgação para o maior leilão de espectro de radiofrequências da história do Brasil

e o sucesso da licitação;

4. **Centralizar ou descentralizar? As experiências da DPU e do TCU** – Detalha as experiências das duas instituições na elaboração de novo modelo de gestão de comunicação, a partir de dois paradigmas distintos: a centralização e a descentralização dos processos;

5. **Engajamento e mobilização: a campanha Jovens Eleitores do Tribunal Superior Eleitoral (TSE)** – Apresenta a campanha conduzida pelo TSE, que aumentou em mais de 50% o número de jovens entre 15 e 17 anos cadastrados para votar nas eleições gerais de 2022;

6. **Antifake CE e a experiência do Ceará como agência de checagem** – Evidencia que, para combater notícias falsas durante a pandemia de Covid-19, o governo do Ceará

criou a Agência Antifake CE, com estratégias para atender a população e interligar o serviço nas secretarias;

7. **Memória e identidade cultural, um direito do cidadão: o plano de comunicação dos 80 anos do Iphan** – Revela como a comunicação foi protagonista no processo de projeção e fortalecimento do Instituto, trabalhando estrategicamente os festejos de aniversário do órgão e até mesmo uma crise política;

8. **Um guia de linguagem simples para integrantes do Judiciário** – Descreve o guia de linguagem simples do TJRS, que tem como objetivo orientar magistrados e servidores sobre o uso de uma linguagem mais clara e direta em suas comunicações internas e com o cidadão;

9. **O uso da linguagem simples pela Prefeitura de SP** – Aborda como a PMSP criou

a primeira política pública do país sobre linguagem simples, para facilitar a comunicação do governo com a população;

10. **O joio e o trigo e as boas práticas de comunicação pública sobre alimentação** – Detalha um canal de comunicação que investiga e denuncia corporações da indústria alimentícia e divulga informações de forma gratuita e didática para a população. É um exemplo de como a comunicação pública também pode ser feita pelo povo por meio do exercício da cidadania;

11. **Podcast ‘Levante 129!’**, um produto da pandemia de Covid-19 – Aborda um podcast criado pela Defensoria Pública da Bahia, durante a pandemia, e seu resultado, consolidado em um produto sintonizado às tendências desse período;

12. **Se Liga na educação: comunicação pública como estratégia na pandemia** – Enfoca como a comunicação pública esteve no cerne de uma estratégia de educação remota, desenvolvida pela Secretaria da Educação de Minas Gerais para alunos da rede pública de ensino; e

13. **Núcleo de Comunicação Pública: boas práticas para nortear as esferas de poder** – Trata da experiência do NCP, instalado de 2007 a 2012, na Secretaria da Comunicação da Presidência da República.



Ilustração: Pixabay

angelicalucio@gmail.com

Tocando em Frente

Herivelto Martins e Dalva de Oliveira – entre tapas e beijos – conclusão

Segundo os periódicos da época, Dalva (Vicentina de Paula) de Oliveira (Rio Claro-SP, 1917 – Rio, 1972) teria sido vencedora nas disputas musicais mantida com o ex-marido Herivelto, mesmo sendo avaliada por uma “sociedade machista”; tanto é que, em 1951, ela, como em uma homenagem diante dos fatos, foi eleita e consagrada como Rainha do Rádio.

O fato é que, como o próprio Pery Ribeiro chegou a afirmar, “(...) a separação se transformou num inferno, sob todos os aspectos”.

O casamento de Herivelto com Lurdes (Nura), mulher de fino trato, inteligente, emocionalmente estável, mas, de certa forma, dominadora, trouxe o desejado equilíbrio emocional para Herivelto, fazendo-o readquirir uma boa convivência familiar e social, opôs os indesejados fatos ocasionados durante a convivência com Dalva de Oliveira. Os três filhos do casal, Fernando, Yaçaná e Herivelto Filho, muito contribuíram para esse final. Herivelto, porém, acomodou-se e não mais voltou às “paradas de sucesso”, mesmo por conta das modificações que se foram introduzindo no universo musical tupiniquim. Passou, então, a se dedicar mais efetivamente à religião, fundando um Centro de Umbanda, no Bairro do Realengo, ao lado de atividades ligadas ao Sindicato dos Compositores e à SBacem – Sociedade Brasileira de Autores, Compositores e Escritores de Música.



Foto: Reprodução

Nascida de família pobre, Dalva teve como pai Mauro de Paula Oliveira, mulato, e, como mãe, Alice do Espírito Santo Oliveira, dedicada ao lar. Em 1935, a família foi morar no Rio de Janeiro, em busca de novos horizontes. Foi por essa época que ela conheceu Herivelto, que já formava com Francisco Sena a Dupla Preto e Branco, embrião do futuro Trio de Ouro. O namoro foi assumido em 1936, quando ela deixa o lar, pobre, mas tradicional, e foi morar com ele. Por pressão do meio artístico em que o casal começava a despontar e por conta do escândalo no mundo periférico, em 1937, ele obtém o desquite com Mariazinha e casam-se os dois em uma cerimônia umbandista, como anteriormente relatado.

Em 1947, entre “tapas e beijos”, a união é desfeita, após uma avalanche de brigas, traições, ciúmes e difamações, uma separação que somente é oficializada em 1949/50, com a obtenção do desquite.

Em 1950, ela retoma a carreira solo e chega a gravar mais de 400 fonogramas.

Em 1952, em excursão pela Argentina, Dalva casa-se com o médico Tito Climent, que havia se tornado seu amigo e empresário. E quando adotada a Dalva (Lúcia Oliveira Climent), retirada de um orfanato por tenho, a filha que ela sempre quisera ter. Realizada em Cartório de Buenos Aires, a união que, embora tenha começado bem, durou apenas quatro anos, encerrou-se diante das constantes vindas dela ao Brasil em busca dos filhos (Pery e Bily), que viviam internos em colégio.

No início dos anos de 1960, ela retorna de vez ao país, mas, ocasionalmente, volta à Argentina, por conta do processo de adoção da filha, dificultado pelo Doutor Tito. A perda da guarda da criança leva Dalva de Oliveira a um terrível processo de solidão e depressão. Afoga-se no cigarro e na bebida, que já havia levado outros artistas ao fim.

Conhece, então, Manuel Nuno Carpinheiro, um modesto admirador, 20 anos mais jovem, com quem, segundo ela, “redescobriu o sentido de amar”, levando-o a morar com ela, mesmo diante do preconceito ocasionado.

Em 1965, com ele dirigindo, o casal so-

fre um acidente automobilístico em que perdem a vida quatro pessoas, que transitavam pela via. A justiça declarou o casal como culpado, e os custos devidos à família dos desaparecidos dizimam os poucos ganhos que ela havia amealhado.

Dentre os inúmeros sucessos que ela nos deixou, citamos alguns: ‘Segredo’ (Herivelto e Marino Pinto), 1947; ‘Errei, sim!’ (Ataulfo Alves), 1950; ‘Que será?’ (Marino Pinto e Mário Rossi), 1950; ‘Tudo acabou’ (J. Piedade e Osvaldo Martins), 1950; ‘Ave Maria’ (Jaime Redondo e Vicente Pávila), 1951; ‘Fim de comédia’ (Ataulfo Alves), 1952; ‘Bandeira branca’ (Laécio Alves e Max Nunes), 1970.

Passadas as lembranças de um período a ser esquecido, sem nenhuma nova composição no que se refere à polêmica da separação, não mais que de repente, um belo dia, Dalva recebe um inusitado presente de Herivelto: o samba-canção ‘Fracassamos’, que acabou sendo gravado por ela, em seu último CS, em 1971. A música veio como um acerto final de contas e souo como uma reconciliação definitiva: “E quanta coisa juntos nós realizamos/porém, agora, reconheço, fracassamos...”.

Dalva faleceu em 1972, vitimada por um CA no esôfago. Herivelto faleceu aos oitenta e sete anos, em 1992, por conta de complicações pulmonares, porém deixou o seu legado musical que, embora e de certa forma constrangedor no âmbito familiar, marcou o seu valor dentro do panorama da MPB.

MATERIAL NATURAL

Gema de ovo era tinta para os pintores da Renascença

Material servia como aglutinante e era usado para criar uma pasta aplicada nos quadros



'A Lamentação Sobre o Cristo Morto', de Sandro Botticelli

Da Redação

A gema de ovo evitava rugas, amarelecimento e problemas de humidade na pintura. Pintores como Leonardo da Vinci usavam esse material para fabricar as suas tintas. Na prática, os pintores da Renascença, a exemplo de Sandro Botticelli, fabricavam as suas tintas utilizando principalmente materiais naturais e processos artesanais.

O Renascimento, Renascença ou Renascentismo são os termos usados para identificar o período da história da Europa, aproximadamente, entre meados do século 14 e o fim do século 16. Os estudiosos, contudo, não chegaram a um consenso sobre essa cronologia, havendo variações consideráveis nas datas conforme o autor.

A maioria das tintas era feita a partir de pigmentos em pó, que eram misturados com um aglutinante. É aqui que entra o ovo, que era um aglutinante usado para criar uma pasta que pudesse ser aplicada no quadro. O uso

do ovo tem uma longa história, aparecendo em obras como os murais do Palácio de Nestor, em Pylos, datadas de 1200 a.C.

Tudo começou a mudar no século 15. Os pintores europeus começaram a favorecer o uso do óleo como aglutinante. A abordagem foi fundamentalmente impulsionada pelos primeiros pintores holandeses, como Jan van Eyck. Ainda assim, pintores como Leonardo da Vinci ou Sandro Botticelli continuaram a usar ovo nas tintas das suas obras, registra o jornal The Guardian, reproduzido no site Zap. "Ovo é usado para modificação e ajuste das propriedades da tinta", disse Patrick Dietemann, do Doerner Institut, em declarações ao jornal britânico.

Para perceber melhor o fenómeno, a equipe de pesquisadores criou três tipos de tinta. A primeira era feita com óleo de linhaça; a segunda usou a mesma mistura, mas adicionou umas gotas de gema de ovo; e a terceira usou uma solução

de gema de ovo diluída, que depois de seca foi moída e dispersa em óleo.

Os resultados, publicados na revista Nature Communications, revelam que a gema pode influenciar a rigidez da tinta, dependendo de como é adicionada e do pigmento utilizado.

Essencialmente, tintas muito espessas podiam ser feitas ao adicionar algumas gotas de gema de ovo. Essa tinta seria particularmente

útil no empasto, uma técnica onde a tinta é espalhada numa área da tela, ou mesmo em toda a tela, de forma tão espessa que as marcas dos objetos utilizados para pintar são visíveis na pintura.

Adicionar gema de ovo também evitava que a superfície da tinta rachasse ou enrugasse durante a secagem, de acordo com o autor do estudo, Norbert Willenbacher, do Instituto de Tecnologia de Karlsruhe.



Imagem: Pixabay

Charada

Francelino Soares:
 francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: trabalho (2) = labor + atitude (2) = ato + corrente fluvial (2) = rio - **Solução:** local do exame (6) = laboratório. **Charada de hoje:** Que, em qualquer momento, (2) exista (2) uma flor (4).

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

Tiras

O Conde



Zé Meiota



Eita!!!



Foto: Reprodução

Tradição de mais de 900 anos

O Rei Charles III foi coroado ontem durante uma cerimônia na Abadia de Westminster, em Londres, na Inglaterra, mantendo uma tradição de mais de 900 anos da monarquia britânica. A cerimônia ocorreu nove meses após a morte da Rainha Elizabeth II. Ao todo, são três dias de celebrações no Reino Unido. Essa foi a primeira coroação de um monarca britânico em 70 anos, após o reinado mais longo da história protagonizado por Elizabeth II. Ela foi coroada em 2 de junho de 1953, na primeira cerimônia do tipo televisionada no mundo.

Carruagem e cavalos cinzas

Elizabeth II foi a sexta rainha a ser coroada na Abadia de Westminster, onde todas as coroações de monarcas britânicos acontecem desde 1066. Durante o cortejo, a rainha e o príncipe Philip foram do Palácio de Buckingham para a Abadia de Westminster no Gold State Coach. A carruagem dourada era puxada por cavalos cinzas. Estima-se que três milhões de pessoas se aglomeraram nas ruas de Londres para vê-los passar.

"Aliança de casamento da Inglaterra"

O estilista Norman Hartnell costurou os emblemas do Reino Unido e da Commonwealth no vestido branco de cetim da coroação da rainha. A realeza já havia trabalhado com Hartnell antes em outro momento marcante: ele foi o responsável por fazer seu vestido de noiva, em 1947. Na sua coroação, a rainha também usou um anel chamado de "a aliança de casamento da Inglaterra". A joia, usada no dedo anelar direito, tinha uma safira e um rubi. Ela foi encomendada para a coroação do rei William IV, em 1831, e tem sido usado em quase todas as cerimônias de coroação desde então.

Relacionamento com a mídia moderna

A coroação de três horas da rainha Elizabeth foi dividida em seis partes: o reconhecimento, o juramento, a unção e a investidura - incluindo a coroação, a entronização e a homenagem. A coroação de 1953 foi considerada um ponto de virada no relacionamento da família real com a mídia moderna. A transmissão foi realizada pela BBC e foi a primeira do gênero, atraindo 27 milhões de telespectadores no Reino Unido e 11 milhões de ouvintes de rádio.

9ertos

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Solução

1 - príncipe do touro; 2 - colar do touro; 3 - chifre do touro; 4 - rabo do touro; 5 - dente do dragão; 6 - cartas; 7 - tábua de jogo; 8 - asa do dragão; 9 - orelha do dragão.